

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS**  
**PPGDS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO**  
**SOCIAL**

**SHIRLEY PATRÍCIA NOGUEIRA DE CASTRO E ALMEIDA**

**FAZENDO A FEIRA:**  
**Estudo das artes de dizer, nutrir e**  
**fazer etnomatemático de**  
**feirantes e fregueses**  
**da Feira Livre do Bairro Major Prates em**  
**Montes Claros – MG**

**MONTES CLAROS – MG**  
**2009**

**SHIRLEY PATRÍCIA NOGUEIRA DE CASTRO E ALMEIDA**

**FAZENDO A FEIRA:  
Estudo das artes de dizer, nutrir e  
fazer etnomatemático de  
feirantes e fregueses  
da Feira Livre do Bairro Major Prates  
em Montes Claros – MG**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Social do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS – Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Renato Theóphilo e co-orientação do Prof. Dr. João Batista de Almeida Costa.

**MONTES CLAROS – MG  
2009**

**SHIRLEY PATRÍCIA NOGUEIRA DE CASTRO E ALMEIDA**

**FAZENDO A FEIRA:  
Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de  
feirantes e fregueses  
da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros –  
MG**

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Carlos Renato Theóphilo – UNIMONTES  
Orientador

---

Prof. Dr. João Batista de Almeida Costa – UNIMONTES  
Co-orientador

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Regina Célia Lima Caleiro – UNIMONTES  
Titular

---

Prof. Dr. Rogério Ferreira – UFG  
Titular

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria do Carmo Santos Domite – USP  
Suplente

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Sarah Jane Alves Durães – UNIMONTES  
Suplente

## AGRADECIMENTOS

Foram muitos os que contribuíram para a realização deste trabalho. Como falta-nos memória para mencionar todos, registramos aqui nosso sincero agradecimento e nomearemos, a seguir, algumas pessoas pelas quais nutrimos imensa gratidão.

Primeiramente, agradecemos a Deus: dono do ouro, da prata e da sabedoria.

A Ronilson (Ni), Pedro Henrique e Guilherme, companheiros de pesquisa, de alegrias e, o mais importante, parceiros no amor e na vida.

Aos nossos pais, Hormi e Belizedi, pela presença em todos os momentos e pela sabedoria de uma criação exigente.

A Eveline, Charley e Helder, irmãos e companheiros nos sonhos e conquistas.

Ao Prof. Dr. Carlos Renato Theóphilo, um presente de Deus para nós, para a comunidade acadêmica e para as pessoas que têm a honra de conviver e compartilhar de sua simplicidade e sabedoria. A esse orientador, no sentido literal do termo, agradecemos a dedicação, o incansável esforço de orientar-nos no melhor caminho da produção científica, o respeito acadêmico, as intervenções pertinentes que denotam sua grandeza profissional e pessoal.

Ao Prof. Dr. João Batista de Almeida Costa, nosso co-orientador, por compartilhar conosco a Antropologia, essencial para nosso trabalho: nossa admiração e respeito sinceros.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Sarah Jane Alves Durães – nossa examinadora – pelo olhar atento e pelo interesse epistemológico por este trabalho. Seu olhar e suas primorosas intervenções, durante o Exame de Qualificação, contribuíram, e muito, para o encerramento desta pesquisa com “chave de ouro”.

Ao Prof. Dr. Rogério Ferreira – nosso examinador – que muito nos honrou com suas sábias palavras durante o Exame de Qualificação, nos encorajando a extrair toda a importância da Etnomatemática para esse trabalho e com quem aprendemos que é imprescindível ter um novo olhar acadêmico, *“uma postura outra que flui para a alteridade, para a descentração, para a relatividade, valorizando o diálogo, a esperança, a autonomia, a crítica, a ética, o saber ouvir”*.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Regina Célia Lima Caleiro – nossa examinadora – por ter nos brindado com aulas tão inspirativas e por nos dar a honra de compor a banca de defesa deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio, pela sabedoria compartilhada em sua teoria, pelo valioso acompanhamento e pelas respostas tão importantes e pontuais.

À Dra. Viviane Vedana da UFRGS e ao Prof. Ms. Marcos Antônio Alves de Araújo - UFRN, que, de pontos extremos, foram amigos, companheiros, intervindo de forma importante na produção desse trabalho.

À Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Helena de Souza Ide (Bárbara), grande incentivadora que sempre nos encorajou a “ir mais adiante” e com quem compartilhamos o sonho da publicação de mais uma obra.

Aos professores do Mestrado pelas valiosas interlocuções: Dra. Regina Célia Lima Caleiro, que nos mostrou o lado belo da academia; Dr. Hebert Toledo e Dr. Anelito de Oliveira, pelas valiosas intervenções e sugestões; Dra. Luci Helena Silva e Dr. Clóvis Roberto Zimmerman, pela confiança na publicação dos artigos que produzimos juntos; Dr. Gilmar Ribeiro dos Santos, Dr. Antônio Dimas Cardoso, Dra. Márcia Pereira, Dr. Elton Xavier, Dr. Geraldo Reis, Dr. Cândido Guerra, Dr. Carlos Rodrigues Brandão, Dra. Rosângela Silveira Rodrigues, Dra. Luciene Rodrigues, pela importante base epistemológica compartilhada no curso; Dra. Simone Narciso Lessa, por sua sinceridade e encorajamento ainda nos primeiros dias de curso.

A Úrsula Adelaide de Lélis e Karen Corrêa Lafetá Almeida, “anjos da Deus” que nos seguraram pela mão em momentos decisivos do processo seletivo e que sempre nos apoiaram em nossa trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

A Dagná Brandão Silva, pessoa de generosidade incomparável, pelo voto de confiança, pelo respeito e pelo auxílio imprescindível para o fechamento desse trabalho: nossa eterna gratidão.

À mestra e amiga Cida Colares com quem compartilhamos a essência da Etnomatemática, bem como, os sabores e saberes da academia: obrigada por oportunizar momentos tão importantes no CEFET – Januária.

Aos companheiros da Unimontes, em especial, às Professoras Nena Mourão e Aparecida Queiróz – grandes incentivadoras; Jussara Guimarães e Ângela Macedo – pela honrosa recomendação e confiança; e aos colegas do Departamento de Educação e Métodos e Técnicas Educacionais.

Aos acadêmicos que ouviram muitas experiências etnomatemáticas e apostaram nelas.

Aos companheiros do GEPEM/USP, especialmente, à Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria do Carmo Santos Domite, pelas valiosas sugestões, pela acolhida e encorajamento a prosseguir na pesquisa.

A Grazi, Ralime, Yara, Déia, Jac, Magda e Elisa, por compartilharem a gestação desse trabalho.

Aos colegas de mestrado com quem compartilhamos saberes e fazeres, especialmente, Raquel Maia.

A Fernanda Raquel Álvares, com quem nos reencontramos e tivemos o prazer de conviver por mais este tempo.

A Vanessa Camilo e Cláudio Macedo, pela atenção e paciência.

A Luciana Cardoso de Araújo, pelas orientações lingüísticas.

A todos e todas colegas da Secretaria Municipal de Educação, que ficaram na torcida pela conclusão deste trabalho.

A Cândida e Marianna, por compartilharem conosco alguém tão especial e por nos acolherem, em todos os sentidos, em São Paulo.

A todos os feirantes e fregueses da Feira Livre do bairro Major Prates, especialmente, a Nego, pela co-autoria nesse trabalho.

À coordenação e funcionários das Secretarias Municipais de Desenvolvimento Econômico e Planejamento e Gestão Estratégica, nas pessoas do Sr. Judvan Cardoso de Oliveira, Rosa Maria Ferreira e Gustavo Rocha de Carvalho, que nos atenderam, cordial e prontamente, fornecendo-nos dados importantes para esta pesquisa.

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo identificar os saberes e fazeres, dos feirantes e fregueses que “fazem a feira” do bairro Major Prates em Montes Claros/ Minas Gerais, construídos através da cotidianidade e que contribuem para suas atividades na Feira. Através da observação das relações tecidas naquele espaço, desenvolvemos uma investigação sobre as práticas cotidianas no contexto da Feira livre a partir da análise das artes de dizer – jocosidades, risos e performances para atrair os fregueses – de nutrir – gestos de escolhas e manipulação da matéria – e de fazer etnomatemático – modo peculiar de medir, calcular, estimar, arredondar que possibilita aos feirantes a resolução de seus próprios problemas ao “fazer a feira”. Fizemos uma análise qualitativa dos gestos e vozes dos sujeitos que “fazem a feira” que evidenciam uma utilização eficiente de conceitos matemáticos em sua prática comercial cotidiana. Nossa plataforma teórica se firma nas teorias de De Certeau, D’Ambrosio, Durand, Mauss e outros teóricos que fazem a leitura da cotidianidade e as práticas enredadas na Feira livre. Verificamos que os saberes e fazeres de feirantes e fregueses, na prática dominical de “fazer a Feira” são resultado da construção de um processo tecido em suas atividades – comerciais ou não – através de suas interações e trocas na produção do espaço urbano da cidade. Verificamos que a Feira do Major Prates tem se consolidado por sua vocação marcadamente hortifrutigranjeira, bem como pela possibilidade de convivência familiar das pessoas que a freqüentam para se nutrir, se divertir e para trabalhar. As atividades ali desenvolvidas – comerciais ou não – impactam a vida de seus freqüentadores através da dinâmica socioeconômica ali instalada: os sujeitos sociais daquele território vendem seus produtos, se nutrem do que é oferecido ali mesmo e compartilham saberes e fazeres, que fazem a Feira forte, pois, ela tem se expandido a cada ano.

**Palavras-chave:** Feira, Práticas cotidianas, Etnomatemática.

## **Abstract**

This work aims to identify what is done and the knowledge of the consumers and the owners of the stands at open air market at Major Prates in Montes Claros / Minas Gerais, This analysis was built through the routine and that contribute to its activities at the open air market. Through the observation of relationships woven in that area, we developed a research on the daily practices in the context of free open air market from the analysis of the arts of saying - facetiously, laughter and performances to attract the customers - of nurturance - gestures of choices and manipulation of the products- and do ethnomathematics - peculiar way to measure, calculate, estimate, round which allows them to solve their own problems when doing their shopping. We made a qualitative analysis of gestures and voices of individuals who goes shopping that show efficient use of mathematical concepts in their daily business practice. Our theoretical platform is firm in the theories of De Certeau, D'Ambrosio, Durand, Mauss and other theorists who read the daily life and practice entangled in the open air market. We discovered that what is done and the knowledge of the owners at the open air market, in their practice of Sunday morning shopping are the result of construction of a tissue in its activities - commercial or not - through their interactions and exchanges in the production of urban space in the city. We note that the Major Prates' open air market has been consolidated by his markedly vocation of selling fresh fruit and vegetables, and the possibility of family and people coexistence that attend it to nurture, to have fun and to work. The activities developed there - commercial or not - impact the lives of their visitors through dynamic socioeconomic installed there: the social subjects that territory sell its products, whether the feed that is offered right there and shared knowledge and, forming a strong open air market therefore, it has expanded every year.

**Keywords:** open air market, daily practices, Ethnomathematics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Pólo Major Prates.....	53
Figura 2 – Mapa das vias de penetração do bairro Major Prates.....	55
Figura 3 – Foto do Parque Municipal Milton Prates.....	57
Figura 4 – Foto da entrada principal do Zoológico Municipal.....	57
Figura 5 – Foto de feirantes – fundadores da feira e da pesquisadora.....	58
Figura 6 – Foto das tendas que abrigam os sacolões.....	65
Figura 7 – Foto das lonas estendidas no chão para comercialização dos produtos.....	65
Figura 8 – Foto de arranjos improvisados para organização dos produtos.....	66
Figura 9 – Foto de arranjos improvisados para organização dos produtos.....	66
Figura 10 – Foto de feirante desmontando sua barraca antes do horário estabelecido.....	67
Figura 11 – Foto de arrumação das barracas (aspecto limpeza).....	68
Figura 12 – Foto do recolhimento da contribuição para montagem das barracas.....	69
Figura 13 – Foto do Presidente da Associação de Feirantes da Feira Livre.....	70
Figura 14 – Foto de uma das entradas da Feira (aspecto geral).....	71
Figura 15 – Foto de Membros da Diretoria da Feira Livre do Major Prates.....	74
Figura 16 – Foto do feirante “Sassá” em uma de suas performances.....	81
Figura 17 – Foto do feirante Sassá em atividade.....	82
Figura 18 – Foto do feirante Sassá em situação de venda.....	83
Figura 19 – Foto de freguês experimentando o produto.....	84
Figura 20 – Foto do feirante Chicão em suas atividades.....	85
Figura 21 – Foto do feirante Sassá oferecendo produtos para degustação.....	88
Figura 22 – Foto de fregueses experimentando os produtos.....	88
Figura 23 – Foto da feirante Generosa que vende “quitutes” na Feira.....	89
Figura 24 – Foto da feirante Josiane que comercializa queijos.....	90
Figura 25 – Foto da feirante Poliana que comercializa peixes do rio São Francisco.....	90
Figura 26 – Foto dos produtos vendidos na Feira.....	91
Figura 27 – Foto do aspecto das hortaliças.....	91
Figuras 28, 29, 30 e 31 – Fotos do acondicionamento de cédulas e moedas para trocos....	92
Figura 32 – Foto de Rejane (freguesa) e Nete (feirante) em suas interações na feira.....	95
Figuras 33, 34 e 35 – Fotos de um dia de feira.....	96
Figura 36 – Foto do feirante “Chicão” em suas performances junto aos fregueses.....	100
Figura 37 – Foto da feirante Cida que comercializa sabão numa banca improvisada.....	102

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Produtos comercializados pelos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates.....	60
Tabela 2 – Origem dos produtos comercializados na Feira Livre do bairro Major Prates..	60
Tabela 3 – Tempo de participação dos feirantes na Feira Livre do bairro Major Prates.....	62
Tabela 4 – Lugar de origem dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates.....	75
Tabela 5 – Idade dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates.....	77
Tabela 6 – Escolaridade dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates.....	77

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>BPC</b> –	Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social
<b>CEANORTE</b> –	Central de Abastecimento do Norte de Minas
<b>CONSAD</b> –	Consórcios de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local
<b>CRAS</b> –	Centro de Referência de Assistência Social
<b>DIGEO</b> –	Divisão de Informações Geográficas
<b>MDS</b> –	Ministério do Desenvolvimento Social
<b>PETI</b> –	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
<b>PMMC</b> –	Prefeitura Municipal de Montes Claros
<b>SEBRAE</b> –	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>SEPLAN</b> –	Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Estratégica
<b>SMDE</b> –	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico
<b>SMIEPU</b> –	Secretaria Municipal de Infra-Estrutura e Política Urbana
<b>UNOPAR</b> –	Universidade Norte do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 – PLATAFORMA TEÓRICA: OLHARES SOBRE A FEIRA LIVRE</b> .....	22
1.1. Surgimento das Feiras Livres.....	22
1.1.1. O espaço da feira – características e funções.....	25
1.1.2. Relações existentes no espaço da feira.....	28
1.1.3. Regulamentações e modernização dos espaços de trocas.....	29
1.2. Território e Territorialidades da Feira Livre.....	32
1.2.1. Leituras do conceito de território e territorialidades.....	32
1.3. Capital Social, Redes Sociais e Desenvolvimento local na Feira Livre.....	35
1.3.1. Desenvolvimento local: questão de liberdade e qualidade de vida.....	37
1.3.2. Redes sociais na feira.....	39
1.4. Artes de Dizer e Artes de Nutrir.....	42
1.4.1. Artes de Dizer.....	43
1.4.2. Artes de Nutrir.....	44
1.5. Etnomatemática.....	46
1.5.1. O Programa Etnomatemática.....	46
1.5.2. A Etnomatemática na Feira Livre – Artes de Fazer.....	49
<b>CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZANDO A FEIRA LIVRE DO BAIRRO MAJOR PRATES</b> .....	53
2.1. Caracterização da Região Administrativa do Bairro Major Prates.....	53
2.1.1. Apresentação, localização geográfica, sistema viário, área do Bairro, infra-estrutura, atividades econômicas e educacionais.....	54
2.2. Caracterização da Feira Livre.....	58
2.2.1. Surgimento, regulamentação e organização.....	61
2.2.2. A Associação de Feirantes.....	72
2.2.3. A Diretoria da Feira Livre.....	73
2.2.4. Perfil dos Feirantes.....	75
2.2.5. Perfil dos Fregueses.....	78
<b>CAPÍTULO 3 – FAZENDO A FEIRA</b> .....	79
3.1. As Artes de dizer: performances e jocosidades dos feirantes.....	79
3.2. As Artes de nutrir: evidências dos rituais e escolhas dos fregueses.....	88
3.3. As Artes de Fazer na feira – cotidiano e etnomatemática.....	97
<b>À GUIA DE CONCLUSÃO</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108
<b>APÊNDICES</b> .....	116
APÊNDICE A – Protocolo de Estudo de Caso.....	117
APÊNDICE B – Plano de Observação.....	120
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista ao Presidente da Associação de Feirantes.....	124
APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista aos Feirantes.....	129
APÊNDICE E – Roteiro de Entrevista aos Fregueses.....	132
APÊNDICE F – Formulário de Análise Documental.....	135

## INTRODUÇÃO

O cenário central da madrugada de domingo no Pólo Major Prates<sup>1</sup> é adornado por múltiplas estruturas que possibilitarão a realização de mais um dia de feira. Dominicalmente, erguem-se sobre o asfalto da Avenida Castelar Prates, estruturas de metal que formam as bancas de hortifrutigranjeiros, carnes, flores, biscoitos, artesanatos e tudo quanto há que possa ser trocado ou comercializado, bem como “arranjos” improvisados dos que chegam para negociar, mas não têm espaços em barracas. As atividades desenvolvidas no interior da feira – comerciais ou culturais – provocam a construção de territórios delimitados materialmente ou circunscritos simbolicamente (BOURDIEU, 2004).

No interior da feira, podemos imergir em corredores de bancas repletos de pessoas circulando de um lado a outro, disputando espaços em frente às bancas de frutas, hortaliças e verduras para escolher suas compras. As bancas enfileiradas uma ao lado da outra, oferecem alfaces, tomates, cenouras, beterrabas, abacaxis, bananas, laranjas, uma grande variedade de produtos não só alimentícios, mas utilidades domésticas, remédios caseiros, compondo um cenário multicolor em plena avenida Castelar Prates. Esta estética é ainda enriquecida por um cheiro peculiar, revelando a mistura de tipos diferentes de frutas e verduras, legumes e temperos, carnes e pequis, e outros produtos, expostos ao sol e ao toque de cada freguês. Evidencia-se um cheiro peculiar que remete-nos à durabilidade destes alimentos que, no decorrer da feira passam por um rápido processo de deterioração, restando ao final da manhã apenas resquícios da beleza apresentada no início da feira.

Neste circuito intenso, a diversidade de freqüentadores da feira livre que circulam pelos corredores não se refere apenas aos fregueses que vão todos os domingos em busca de suas compras semanais. Competem pelo espaço, também, os vendedores de loterias, picolés, sabão em barra, panelas, cd's e dvd's, chinelos, roupas novas e usadas, perfumes e todas as quinquilharias que se possa imaginar.

A heterogeneidade de estilos de vida que fazem parte deste universo evidencia o caráter urbano desta feira, construída por uma multiplicidade de sujeitos sociais que

---

<sup>1</sup> O território da cidade de Montes Claros foi, em 2005, dividido em doze pólos regionais urbanos, dentre os quais o “Pólo do Grande Major Prates”, que contempla a região circunvizinha e também o bairro Major Prates, com 20.352 moradores, configurando-se como um dos maiores e mais importantes desses pólos (MONTES CLAROS, 2004).

convivem neste espaço, estabelecendo relações que evocam as estruturas de classe<sup>2</sup> reveladas pelos diferentes fregueses que freqüentam a Feira, pelo trajeto dos vendedores ambulantes, pelos feirantes das barracas fixas, constituindo uma complexidade e diversidade em termos de práticas cotidianas e formas de apropriação do espaço público (VELHO, 1999).

Consideramos que, andar por uma feira no domingo pode parecer uma ação ordinária, sem surpresas, visão de um cotidiano de uma cidade que vive em ritmo acelerado, pessoas que se cruzam por corredores sem se cumprimentar, indivíduos anônimos, na vivência fragmentada dos papéis sociais que compõem o tecido urbano na modernidade (VELHO, 1999).

Conforme De Certeau (1996), a cidade é escrita pelos trajetos dos seus habitantes, que têm suas formas de vida impressas nas ruas do centro urbano e assim conformam ou formatam este espaço a partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos do espaço público” que tais práticas evocam.

A escolha desta Feira, especificamente para a realização deste estudo de caso<sup>3</sup>, valeu-se de um lado por sua localização no pólo Major Prates e de outro por ser uma das maiores e mais antigas<sup>4</sup> feiras livres da cidade de Montes Claros, em comparação com as pequenas e iniciantes feiras de outros bairros. A surpresa que guiou nossos passos na escolha da feira do Major Prates como *locus* de nosso estudo foi a diversidade e a heterogeneidade das formas de viver, de se organizar, de fazer a matemática na contemporaneidade – evidências dessa feira. Formas que se contrapõem e/ou se complementam nas práticas dominicais de fazer a feira. Destacamos então, como nosso objeto de estudo, um arcabouço de “saberes e fazeres” negociados cotidianamente por feirantes e fregueses, expressos nas maneiras como estes sujeitos fazem uso de seus atos de

---

<sup>2</sup> Utilizamos este termo para designar a presença de sujeitos pertencentes às diferentes classes sociais na Feira, com o objetivo único de realizar suas compras.

<sup>3</sup> Estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (CHIZZOTTI, 2001, p.102).

<sup>4</sup> Não há registros sobre a data precisa do início dessa Feira, contudo, conforme dados da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Montes Claros ela completou 23 anos, em 2008, e surgiu e cresceu junto com o próprio bairro. A Feira do Major Prates conta, hoje, com 120 barracas de feirantes fixos e, aproximadamente, 30 que não têm barracas fixas.

negociar no espaço da feira, nesse espaço de comércio, no próprio ato de se relacionar e produzir esse espaço a partir de práticas cotidianas (DE CERTEAU, et.al.,1996).

A aproximação com a feira possibilitou-nos perceber a existência de uma forma particular de comércio de hortifrutigranjeiros, dentre outros produtos, efetuada na rua, com os produtos expostos ao ar livre, como um aspecto importante das “maneiras de viver” e das práticas cotidianas de grupos urbanos, constituindo-se em práticas que, também, formatam o espaço da cidade (DE CERTEAU, 1994).

Nossas hipóteses, tanto no caso de feirantes como de fregueses, se afirmaram na direção da produção de um espaço urbano (DE CERTEAU, 1994) e de fazeres e saberes ligados ao dizer, ao nutrir e à etnomatemática<sup>5</sup> (D’AMBROSIO, 1990), tendo em vista a multiplicidade de encontros, de trajetórias diversas e de práticas constituintes desse espaço que é tecido tanto por feirantes quanto por fregueses na feira livre. Buscou-se, sobretudo, ressaltar a existência tanto de conhecimentos matemáticos diversos quanto de preconceitos e relações de poder na consideração de um tipo de conhecimento como sendo o único de valor, aquele que tradicionalmente é veiculado nos espaços formais – escolas e universidades.

Esta dissertação de mestrado consiste em um estudo de caso, no qual investigamos os saberes e fazeres dos sujeitos sociais, da Feira Livre do bairro Major Prates, através das suas artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático, enquanto práticas cotidianas. Analisamos as “*artes de dizer*” – jocosidades, performances e jogos corporais para atrair clientes e que esteticizam o espaço da cidade, as “*artes de nutrir*” – gestos de manipulação da matéria, tais como o toque, a degustação, a escolha dos produtos a serem consumidos após a feira –, as “*artes de fazer*” – evidenciadas em estratégias de calcular, estimar trocos, realizar medições, portanto, em manifestações matemáticas praticadas cotidianamente por meio de operações contextuais, eficientes, inclusive para pessoas sem o domínio da leitura e da escrita, como formas que reinventam as clássicas fórmulas matemáticas a partir das suas práticas sócio-educativo-econômico-culturais (DE CERTEAU, et. al.,1996; D’AMBROSIO, 1990). Neste sentido, fez-se necessário repensar

---

<sup>5</sup>Etnomatemática – Programa de pesquisa que se apóia em amplos estudos etnográficos do saber e do fazer matemático de distintas culturas (D’AMBROSIO, 1990).

as noções de indivíduo, sociedade e cultura em suas complexas e múltiplas relações e redes de significado tecidas no dia de feira (VELHO, 1999).

Destarte, é reconhecida uma rede de sociabilidades e territórios tecidos por feirantes e fregueses que trocam produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades, enfim realizam a feira e constroem ao mesmo tempo sua história. No valor atribuído ao alimento comprado na feira livre está embutida uma série de outros aspectos, desde a relação com o feirante até as formas de manipular a matéria do alimento. Nesse sentido, a feira apresenta-se ela mesma como um produto a ser consumido.

Portanto, a Feira do Major Prates permanece como espaço preferencial de boa parte dos montesclarenses<sup>6</sup> no desenvolvimento e realização de atividades comerciais e sociais, resistindo à expansão de estabelecimentos de varejo e aos apelos de modernos estabelecimentos de compra/venda. Evidencia-se como lugar dos encontros e desencontros, de tessituras várias, da tradição norte-mineira, das conversas fiadas e também, daquelas com propósito, das sociabilidades, compras, vendas, trocas, das múltiplas territorialidades<sup>7</sup>, sejam elas econômicas ou sócio-culturais, engendradas pelos feirantes e fregueses constituindo assim, uma trama de relações no domingo de feira.

Nosso objetivo geral, ao realizar essa pesquisa, constituiu-se em investigar os saberes e fazeres dos sujeitos sociais, da Feira Livre do bairro Major Prates, através das suas artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático, enquanto práticas cotidianas. A fim de alcançar o objetivo geral, definimos objetivos específicos, sendo: analisar as artes de dizer, nutrir e fazer como formas de estetização do espaço da cidade onde é efetivada socialmente a feira; determinar a existência de um modo distintivo com que as manifestações matemáticas – e o que está por trás delas – são expressas na Feira, através dos modos particulares de raciocinar, logicamente traduzidos por diferentes modos de quantificar, calcular e medir dos seus sujeitos.

---

<sup>6</sup> Adjetivo pátrio de quem nasce em Montes Claros/MG.

<sup>7</sup> As motivações para a definição de territorialidades estão relacionadas com as diferentes formas de relação de grupos sociais com "seu" território (forma de uso; organização; significado que ele pode assumir em diferentes momentos), traduzindo ao mesmo tempo expectativas particulares interiores aos grupos – prazer, necessidade, contingência, obrigação, ideologia – como também exteriores a eles – funcionais, simbólicas, sociais, físico-ambientais, sócio-econômicas (CAMPOS, 2002, p.37)

O trabalho de campo, sistemático, foi realizado desde junho de 2008, nessa feira livre. Inspirados em uma antropologia urbana no Brasil, nesta pesquisa nos ocupamos das formas de apropriação do espaço da rua – onde está localizada a feira livre – e dos conhecimentos matemáticos não-convencionais, construídos por atividades de comércio de alimentos e as configurações que estas práticas podem evocar no contexto da cidade.

Bourdieu (1985) salienta que a principal virtude do pesquisador é a atenção às sutilezas. As feiras são lugares permeados de sutilezas. Feirantes e fregueses apropriam-se desses espaços, protagonizando espetáculos de compra, venda e permuta de variados produtos, utilizando para isso um arsenal próprio de saberes, estratégias, gestos, linguagens e fazeres matemáticos.

E foi a feira livre, com seus espetáculos, que se configurou como *lócus* dessa pesquisa, que teve como objeto os saberes e fazeres dos sujeitos sociais, da Feira Livre do bairro Major Prates, através das suas artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático, enquanto práticas cotidianas.

Nosso interesse por esse tema deve-se ao fato de que como professora universitária e pesquisadora desta área de conhecimento – especificamente dos fazeres e saberes matemáticos desenvolvidos e consolidados entre grupos sociais/culturais – percebemos a utilização eficiente, em nossa hipótese, desse conhecimento nos contextos em que se inserem e, no entanto, o mesmo é negado pelos espaços de educação formal como escolas e a própria Universidade.

Elegemos como estratégia de pesquisa o estudo de caso que foi desenvolvido na Feira, analisando os modos característicos como as pessoas executam suas funções que, muitas vezes, diferem da forma como as definições dos processos sugerem que elas devam fazer. Conforme Martins (2006), os procedimentos de um estudo de caso não são rotinizados e faz-se necessário o controle dos vieses que surgem ao longo do processo de construção do estudo.

Adotamos como técnicas de coletas de dados, informações e evidências: a pesquisa bibliográfica em materiais afins; a pesquisa documental que teve como base fontes impressas constituídas, principalmente, de dados fornecidos pelas Secretarias de: Desenvolvimento Econômico (SMDE) e Planejamento e Coordenação Estratégica (SEPLAN) da Prefeitura Municipal de Montes Claros (PMMC); a observação das

atividades realizadas no dia de feira; as conversas e entrevistas com os sujeitos sociais envolvidos. Nas entrevistas foi utilizado o “método da exaustão” (MINAYO, 2003), no qual no momento em que há repetição das falas dos entrevistados, define-se o término da coleta de dados, dando por concluída a etapa. Nesse sentido, Richardson (1999, p. 102) ratifica que

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno.

O universo investigado foi composto pelas pessoas diretamente envolvidas na Feira: os seus feirantes e fregueses, dos quais detalharemos os perfis no Capítulo 2.

Utilizamos a avaliação qualitativa na análise das respostas às entrevistas com feirantes e fregueses, gravadas em áudio e, nas observações registradas no plano de observação dos fazeres e dizeres cotidianos daqueles que “fazem a feira” e também de outros participantes – funcionários da Prefeitura Municipal de Montes Claros, que colaboraram na coleta de informações sobre o bairro Major Prates e, sobretudo, sobre a feira. Outrossim é que, fizemos a análise documental dos registros produzidos pela SMDE, SEPLAN acerca da Feira Livre do bairro Major Prates, bem como de documentos da Associação de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Grande Major Prates e região.

Conforme Bogdan e Biklen (1994), as características da investigação qualitativa são: o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador é o instrumento fundamental; os dados coletados durante a investigação são recolhidos de forma minuciosa, descritiva; há um maior interesse pelo processo do que pelo produto; a análise de dados ocorre, comumente, de forma indutiva, ou seja, as informações são inter-relacionadas e agrupadas pelo investigador. “Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 50). Os autores destacam, também, que é imprescindível que o investigador atente para o significado dado às coisas pelos investigados, considerando suas experiências, vivências e pontos de vista.

Também Minayo (2006, p. 114) argumenta que “a entrevista não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma situação de interação na

qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador”. Esclarece que a claridade ou obscuridade da realidade social é determinada pela divulgação ou ocultação dos segredos grupais colocados pelos sujeitos.

Para a análise do material empírico colhido, elegemos a análise de conteúdo, que caracteriza-se por

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos a condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas que, embora parciais, são complementares (BARDIN, 1977, p.42).

Antes de entrar no espaço da feira, faz-se necessário considerarmos os elementos que despertaram nosso interesse para essa pesquisa. Assim, para descrevermos o cenário em que se desenrolou este estudo de caso, é importante ressaltar, uma vez mais, que essa feira livre está situada no bairro Major Prates, caracterizado por uma intensa sociabilidade de rua. Há grande circulação de pessoas durante a semana, caminhando, trabalhando e interagindo pelas ruas do bairro. Grupos de pessoas param em frente aos armazéns e supermercados para um “papo rápido” ou para tomar os ônibus locais ou intermunicipais. No período noturno, a sociabilidade se revela nas mesas de bares “ao ar livre” ou nos pontos de churrasquinho. Combinado a isso existem farmácias, lojas de confecções, consultórios médicos e odontológicos, bem como residências.

Na confluência desses aspectos iniciamos nossa observação participante na feira livre, verificando uma nova e intensa formatação daquele espaço, no domingo, por ocasião da realização da feira livre, constituindo-se num “espaço praticado” no cotidiano do bairro (DE CERTEAU, 1994).

A observação participante como uma técnica importante de “descoberta” das formas de vida do “nativo”, a partir da convivência intensa com o grupo ou sociedade a ser estudada, apresentou-se como um instrumento importante de análise da dinâmica da feira livre, na qual a participação em algumas situações no interior da mesma ou dentro de

alguma banca proporcionaram uma constante “vigilância epistemológica” de nossa parte, também por sermos moradores da cidade de Montes Claros e freqüentadores da feira livre, fazendo assim, a interpretação deste fenômeno social no meio urbano (GEERTZ, 1989). Através da convivência e interação com os sujeitos que compõem este ambiente – feirantes e fregueses – buscamos conhecer suas “artes de dizer, nutrir e fazer”.

Evidencia-se aqui a relevância desta pesquisa, pois não foram encontrados na literatura registros formais sobre o surgimento da feira livre no bairro Major Prates, sobre os condicionantes de sua longa existência e especialmente, sobre as manifestações matemáticas nela praticadas, bem como nas feiras livres, de modo geral. Ao nos propormos desenvolver este trabalho, ousamos articular a teoria de De Certeau (1994) sobre as “*artes de fazer*” ao Programa Etnomatemática desenvolvido por D’Ambrosio (1990).

Nesse sentido, propusemos revelar o modo distintivo da matemática expressa na feira, nos modos particulares de raciocinar logicamente traduzidos por distintos modos de quantificar, calcular e medir. D’Ambrosio (2005) refere-se a esses “saber e fazer” de maneira ampla como “a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender nos contextos culturais”, concepção que está, segundo o autor, próxima de uma teoria da cognição. “Isto se deriva da adoção de um conceito mais amplo de ciência, que permite analisar práticas comuns de diferentes povos que, aparentemente, são formas desestruturadas de conhecimento” (D’AMBROSIO, 1990, p.5). Envolve o reconhecimento de técnicas ou habilidades práticas utilizadas por distintos grupos culturais na busca de explicar, de conhecer, de entender o mundo que os cerca, a realidade a eles sensível e do manejo dessa realidade em seu benefício e no benefício de seu grupo.

O que D’Ambrosio (1990) ressalta é o fato de que existem outros sistemas culturais, que desenvolvem outros modos de pensar. Logo, a matemática que conhecemos não é tão universal quanto pensamos, apesar de ser considerada como tal nos sistemas de ensino, de estar presente no mundo todo, em todos os níveis de escolaridade e de ser trabalhada com intensidade.

Conhecer outros modos de matematizar pode nos oportunizar a reflexão mais profunda sobre nossa forma de conceber a Matemática e de ampliarmos nossas possibilidades de explicar, conhecer e resolver problemas com estratégias pessoais novas, em situações novas ou naquelas já vivenciadas em nosso cotidiano.

Em seu Programa Etnomatemática, D'Ambrosio (1990) retraza e analisa os processos de geração, transmissão, difusão e institucionalização do conhecimento, procurando entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade em diversos grupos de interesse, comunidades, povos e nações. Em seu livro mais recente (2005), o autor caracteriza a Etnomatemática como a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, categorias profissionais, crianças de certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns a esses. Contudo, D'Ambrosio (2006) argumenta que “este programa tenta explicar a matemática, como também tenta explicar religião, culinária, vestuários e modas, futebol e várias outras manifestações práticas e abstratas da espécie humana”. Destarte, não podemos e não devemos reduzir a etnomatemática, somente, à explicação dos saberes e fazeres matemáticos.

D'Ambrosio (2006, p.286) reitera que

[...] o programa de pesquisa tem como foco a aventura da espécie humana. O objetivo maior é analisar como, ao longo da sua evolução, a espécie humana gerou, organizou e difundiu artes e técnicas, com a finalidade de entender, explicar, lidar com o ambiente natural, social e cultural, próximo ou distante, assumindo seu direito e capacidade de modificá-lo.

A partir de nosso estudo esperamos oferecer subsídios para a identificação dos fatores relacionados ao nutrir, dizer e fazer etnomatemático, enquanto práticas cotidianas, que colaboram para a estetização do espaço da cidade onde é efetivada socialmente a feira, bem como determinar a existência de um modo distintivo com que a matemática é expressa na Feira.

Também, esperamos contribuir com nossa análise dos saberes e fazeres desta feira, para a implantação e sistematização de outras experiências dessa natureza (feiras), na cidade de Montes Claros, bem como, oferecer aos espaços de educação formal, como escolas e universidades, novas perspectivas de trabalho com a matemática, sobretudo, com a Etnomatemática.

Assim, no primeiro capítulo desta dissertação nos firmamos numa plataforma teórica, que contextualizou a feira livre: suas características; relações espaciais de ontem e de hoje; regulamentações e modernizações ao longo de sua existência; as territorialidades nela evidenciadas; o capital social e o desenvolvimento local desse espaço de negociações; as redes sociais presentes na feira; a economia popular no sócio-território da feira; as artes

de nutrir e de dizer; a explicação sobre em que consiste o Programa Etnomatemática e suas evidências na feira livre – artes de fazer.

No segundo capítulo, levamos o leitor para “dentro” da feira livre do Major Prates, apresentando o cenário onde se desenrolou o processo desta pesquisa. Indicamos as características da região administrativa do bairro Major Prates; as peculiaridades da feira livre – surgimento, regulamentação e organização; a atuação da Associação de Feirantes; o perfil de feirantes e fregueses.

No terceiro capítulo desta dissertação, fizemos uma parada na feira na qual analisamos os discursos de feirantes e seus jogos corporais como formas de atrair os fregueses. Nos baseamos nas “*artes de dizer*” (DE CERTEAU, 1994) – performances orais e jocosidades – haja vista que estas interações são aspectos fundamentais para a compreensão da feira livre como uma prática de comércio de rua no contexto urbano e nas “*artes de nutrir*” como componentes de um modo peculiar de se alimentar e de viver no espaço urbano.

Neste mesmo capítulo, desvendamos o cotidiano de trabalho de feirantes – “*artes de fazer*” – e suas formas de articular diferentes gestos e práticas etnomatemáticas que configuram suas atividades de venda, bem como suas relações com os fregueses da feira. Ignorar as formas de saber e fazer matemáticos desses grupos sociais constitui-se em instrumento perverso de exclusão social. Destarte, a etnomatemática surge como uma perspectiva de reconhecimento do valor social, político e cultural desses saberes, valorizando grupos étnicos, religiosos, comunitários e profissionais, e de práticas variadas, ligados à elaboração de saberes, artes, cotidianos, exercícios políticos, ao lazer, ao lúdico, e, é claro, às feiras (D’AMBROSIO, 1990).

No capítulo denominado “À Guisa de Conclusão” evidenciamos, nossas reflexões sobre a pesquisa realizada, a partir do espaço da feira livre e das relações e interações estabelecidas entre seus freqüentadores, suas artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático como uma das formas de conhecer e explicar a vida, o trabalho, o cotidiano compondo a dinâmica urbana, na qual simples atos, como a compra e a venda de alimentos, podem estar carregados de significados que ultrapassam a razão prática que os envolve, no que tange à tessitura das relações sociais presentes na sociedade contemporânea (D’AMBROSIO, 2005).

## **CAPÍTULO 1: PLATAFORMA TEÓRICA: OLHARES SOBRE A FEIRA LIVRE**

Diante dos intensos processos de economicizar a feira livre, cumpre-nos discuti-la como espaço de construção e compartilhamento de saberes, dizeres e fazeres, como forma de problematizar os espaços não-formais, revelando conceitos antes não pensados.

### **1.1. Surgimento das Feiras Livres**

Atribui-se à Idade Média, a oficialização das feiras, pois em Roma, estabeleceu-se que as regras de criação e funcionamento destas dependiam da intervenção e garantia do Estado, que atuava como disciplinador, fiscalizador e cobrador de impostos. Rezende (1992) descreve no pensamento platônico, uma extensão do conceito de sociedade atribuindo a esta a condição de saúde dos indivíduos, acrescentando o campo da alma e a necessidade de estar em harmonia com o corpo, uma mente sã em um corpo saudável. Nesse sentido, o equilíbrio interno do homem, com a organização social e a natureza são sinônimos de saúde para antiguidade grega. Podemos articular este conceito às performances do homem nas feiras, haja vista que a vida social na antiguidade grega, também girava em torno desses fenômenos. Do ponto de vista da epistemologia global<sup>8</sup>, as feiras são fenômenos econômicos, educacionais e sócio-culturais antigos, presentes na cultura asteca, conhecidos por gregos e romanos. A partir da revolução comercial (séc. XI) as feiras adquiriram notoriedade e firmaram-se entre as camadas mais populares em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos.

No Brasil, há evidências de feiras livres desde os tempos da colonização e, apesar da modernidade, elas resistem, sendo em muitas cidades do interior do país, o único local de comércio da população, funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento (FORMAN, 1979).

---

<sup>8</sup> Japiassu (1975) distingue três tipos de Epistemologia: a epistemologia global que trata do saber globalmente considerado, com a virtualidade e os problemas do conjunto de sua organização quer sejam especulativos, quer científicos; a epistemologia particular que trata de levar em consideração um campo particular do saber, quer seja especulativo, quer científico; a epistemologia específica que trata de levar em conta uma disciplina intelectualmente constituída em unidade bem definida do saber e de estudá-la de modo próximo, detalhado e técnico, mostrando sua organização, seu funcionamento e as possíveis relações que ela mantém com as demais disciplinas.

Conforme Braudel (1998) acredita-se que a principal causa da origem das feiras foi a formação de excedentes de produção, havendo a necessidade de troca de mercadorias, primeiramente, entre grupos vizinhos e, posteriormente, disponibilizando os produtos para grupos do entorno das comunidades. O movimento de surgimento das feiras foi acompanhado de uma demanda natural das pessoas por oferecer um ambiente onde se pudesse agregar a maioria dos produtos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, vendendo ou trocando excessos por outros produtos dos quais se tinha falta. É importante destacar que as autoridades tinham grande interesse quanto à colocação de feiras em suas regiões, porque elas contribuíam para o aumento do fluxo de recursos nas mesmas, bem como, seriam negociados os produtos da própria comunidade.

Destarte, Huberman (1976) pondera uma distinção fundamental entre mercado e feira, pois no primeiro, em menores proporções eram negociados os produtos locais, de origem agrícola. Na segunda, de maiores proporções eram negociadas mercadorias vindas de diversos pontos do mundo. A feira livre era o centro distribuidor, onde os grandes mercadores compravam e vendiam as mercadorias oriundas do Oriente e Ocidente.

As feiras livres constituem o princípio fundamental dos mercados. Numa abordagem socioeconômica elas representam um ponto de encontro entre vendedores e compradores – feirantes e fregueses – para realizarem todo o tipo de troca de produtos (BRAUDEL. 1998). Nos tempos modernos, as feiras têm diversificado o oferecimento de produtos. Especialmente, as que conhecemos hoje, dispõem de hortifrutigranjeiros, artesanato, quitandas, desde produtos sofisticados até mínimas coisas para as camadas mais populares.

Há que se destacar a existência de feiras mais sofisticadas, como as realizadas em bienais, exposições de animais, comuns em todo o mundo, cujo objetivo é o grande comércio. No Nordeste, por exemplo, são famosas as feiras de gado em Feira de Santana, a Feira de Caruaru e da Paraíba que deram origem a muitas cidades do interior nordestino.

Forman (1979) afirma que as feiras livres com suas trocas tendem a desaparecer, influenciadas pela ação dos atacadistas embora, conforme o autor, seja um fenômeno social e econômico viável, contudo compelido pelo mundo contemporâneo. Essa posição não é compartilhada por Carlos (1994) que contrargumenta que elas são uma fonte de subsistência de pequenos produtores e compõem um sistema de atendimento e

abastecimento das camadas populares. Também Braudel (1998, p. 15) argumenta favorável à sobrevivência das feiras registrando que

se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias. Dados também seus preços baixos, pois esse mercado elementar, onde se vende, sobretudo “sem intermediários” é a forma mais direta, mais transparente de troca, a mais bem vigiada, protegida contra embustes.

Nesse sentido, Marx (1988), descreve no capítulo 1 de seu livro “*O Capital*” a teoria do duplo valor ou caráter das mercadorias: de um lado elas são utilizadas para satisfazer as necessidades humanas – valor de uso – e de outro, são negociadas por outras mercadorias – valor de troca. Portanto, sempre haverá mercadorias para serem trocadas, o que muda é a intensidade e o espaço em que se efetivam essas trocas.

De acordo com Velho (1999) Marx previu, de certa maneira, a decadência das feiras no séc. XVIII, devido ao poder de concentração e centralização da economia industrial, tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres.

A primeira concorrência às feiras foram as lojas. Nesse sentido, Braudel (1998, p. 45) afirma que as feiras se constituem em

células restritas, inumeráveis, são outro instrumento elementar da troca. Análogo e diferente, pois a feira é descontínua ao passo que a loja funciona quase constantemente. Pelo menos em princípio, pois a regra, se é que existe regra, é bem sortida de exceções.

Forman (1979) classifica as feiras em quatro tipos: 1) feiras de consumo: mercados periódicos para a população rural de baixa renda, possuindo vendedores – que compram e vendem para si, que compram produtos de outrem e vendem os seus e que compram e vendem em todo lugar; 2) feiras de distribuição: são as grandes feiras nas quais os intermediários compram suas mercadorias e, depois, as comercializam em outras feiras; 3) feiras urbanas de consumo ou de abastecimento: tipo de feiras que consorciam um mercado diário e um semanal, ou dia de feira; 4) feiras de usina: são realizadas dentro da propriedade da usina e atendem às regiões vizinhas.

### 1.1.1. O espaço da feira – características e funções

A feira enquanto espaço físico apresenta-se como um local amplo, aberto, que possibilita sua ocupação por diversos tipos de atividades que se caracterizam pela aglomeração de pessoas com intensa conformação e desconfiguração de micro-eventos. São vendedores de frutas, verduras, licores, artesanato.

Uma característica peculiar das feiras livres é a utilização de um espaço, que é alterado com a sua realização e que, após, volta ao arranjo original, havendo, portanto, a necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde as trocas possam ser realizadas. Através da observação sistemática da dinâmica dessas feiras identifica-se uma forte carga de subjetividade que atua como elemento de coesão e que, contribui, fortemente, para a formação de uma identidade comum entre aqueles que as freqüentam: feirantes e fregueses.

No Brasil colônia, as trocas de produtos eram efetivadas para atender às necessidades básicas da população e davam-se entre as comunidades circunvizinhas. À partir da demanda de comércio/exportação, apresentada pelos portugueses, as atividades de trocas concentraram-se nos produtos tropicais e metais preciosos, a fim de suprir o mercado internacional.

No tocante à função da Feira, além de seus aspectos econômicos, valemo-nos da expressão de Braudel (1998, p.14) para afirmar que também é

[...] seu papel [...] romper o círculo demasiado estreito de trocas normais. [...] [reconstituindo-se] nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros.

Essa história, dentro e fora do espaço da feira, de caráter altamente significativo e atualizado, não é vivenciada duas vezes do mesmo modo, pois os eventos e suas histórias são únicos em cada momento vivido, eles não se repetem. Os namoros, as missas, os encontros marcados, a encomenda solicitada, as campanhas eleitorais, as visitas “ilustres” e tantas outras cenas do interior e exterior da feira são protagonizadas em decorrência do “dia de feira”.

O processo de territorialização das feiras – modalidades populares de comércio – baseou-se em aspectos do modelo colonial: traçado aparentemente irregular, passagens estreitas, poucos espaços amplos, resultando numa trama congestionada e ruidosa de

comércio, num território marcado pela luta cotidiana pela sobrevivência. As feiras semanais de caráter intra-urbano (de âmbito praticamente restrito ao bairro) são denominadas em todo o Brasil de feiras livres (MASCARENHAS, 1997).

Raffestin (1993, p. 161) argumenta que

a territorialidade aparece então como constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade. [...] ela se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. [...] Tessituras, nodosidades e redes criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e grupos devem assumir.

Feiras enquanto locais de trabalho ou de divertimento, de negócio ou de lazer, são espaços de construções mediadas por saberes, por conhecimentos. Diversos espaços podem contribuir para uma teoria da relação com o saber, através de uma abordagem que considere os sujeitos – sua interação com seus pares, a dinâmica do desejo, sua fala e a atuação construídas em uma história que articule-os à família, à sociedade, enfim, à espécie humana – engajados em um mundo no qual ocupam uma posição e onde se inscrevem em relações sociais (CHARLOT, 2000). Ratificando essas palavras, o próprio Charlot (2005, p. 41) argumenta que

[...] discutir a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular.

Entretanto, evidenciam-se no interior da academia posições controversas no tocante à instrumentalidade educativa da feira. Há os que a concebem como relações estritamente econômicas regulando o social, o educacional e o cultural, como também há os que a caracterizam como um ente cultural não definidor da conduta humana (BARBOSA, 2000; MORALES, 1993).

Margairaz (1988) e Pradelle (1996) (*apud* BARBOSA, 2000) questionam o conceito de feira por uma visão puramente econômica, chamando a atenção para a tendência da visão economicista em fazer dessa uma simples manifestação pontual ou um epifenômeno de um “mercado” abstrato e único. Segundo as autoras, não existe um mercado, mas sim, uma variedade de mercados, de saberes e dizeres, dos quais, a feira se constitui em um deles. Evidenciam-se, nesses espaços sócio-educativo-culturais, distintas demandas, que os constituem não só como lugares de oferta e procura de produtos, como

também de sociabilidade, educação, cultura e territorialidade, a partir de trocas de bens e serviços, dizeres e saberes.

Sendo assim, questões como o que será vendido/comprado, os processos de troca, a linguagem específica utilizada, as estratégias próprias de realizar abstrações matemáticas, e fazer negócios, e até mesmo as motivações para ir às feiras – o que lá fazer, onde, como, com quem, até quando e porquê – deverão ser analisadas em razão das especificidades educacionais, culturais, sociais e históricas dessas feiras.

#### Sobre estas especificidades

o que está em causa, como vimos, é a natureza do desejo no homem, é o fato de que o sujeito humano é indissociavelmente social e singular, é, de uma forma mais geral, a questão da humana condição. Pode-se, a partir dessa perspectiva antropológica, ampliar a questão da relação com o saber àquela da “relação com o aprender”. Nascido de maneira inacabada (neotênico), o filhote do homem torna-se humano somente ao se apropriar de uma parte do patrimônio que a espécie humana construiu ao longo de sua história. Ora, esse patrimônio se apresenta sob a forma de saberes (objetos intelectuais, cujo modo de ser é a linguagem), mas também de instrumentos, de práticas, de sentimentos, de formas de relações, etc., que devem ser aprendidas igualmente (CHARLOT, 2005, p.42-44).

Nessa perspectiva, as feiras são ocasiões vitais para o movimento não só de bens, mas de laços de toda a natureza, como a cognitiva, a afetiva, a social e a cultural. D’Ambrosio (2005) alerta-nos para a existência de “*artefatos*” – códigos, representações e de “*mentefatos*” – símbolos, mitos, produções da mente humana, experiências e pensares – ambos incorporados à realidade. Na feira evidenciam-se “*artefatos*” e “*mentefatos*” visto que, a realidade é modificada através de olhares objetivos e subjetivos. Nela enfatizam-se atos de compra e venda de alimentos, roupas, aves, doces e peças artesanais, contudo, as relações de sociabilidade que nelas se estabelecem, os saberes que se constroem e se firmam como característica social desses sujeitos, a sua estética particular e a sua ambiência – visual e sonora – são elementos que configuram este “espaço vivido” e tecem uma vivência particular, inscrevendo-se na história das pessoas que constituem os espaços urbanos.

A leitura imediata que se tem da feira é de um espaço para atendimento das necessidades de feirantes e fregueses por vender e comprar produtos. Interpretar os conteúdos veiculados na feira – artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático – constitui-se

em desafio para alcançar a proposta dialógica e dialética que a contemporaneidade requer de nós.

### **1.1.2. Relações existentes no espaço da feira**

As feiras e mercados são identificados como elementos importantes na estruturação social do meio urbano, pois são constituintes de uma dinâmica específica de ocupação do espaço. Conforme Weber (1979), o aparecimento das cidades (entre 3500 a 3000 a.C.) está relacionado estreitamente às feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial. Também Braudel (1998, p.16) afirma que, freqüentada em dias fixos, a feira é “[...] um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; é nela também que nascem alguns incidentes [...]”. A feira é, ao mesmo tempo, uma instituição fragmentada e articulada, “fruto” dos processos produtivos desenvolvidos pelos agentes sociais que, ao se apropriarem materialmente e simbolicamente dos espaços, evocam uma multiplicidade de sociabilidades e territorialidades, de trocas materiais e sociais (ARAÚJO, 2006).

Assim como a própria história do homem, podemos caracterizar, também, as trocas sociais como atividades antigas. Realizadas nas feiras, as trocas eram efetuadas por sujeitos de diferentes lugares, com seus diferentes produtos. Com a necessidade de deslocamento para a efetivação das trocas, as feiras constituíram-se em eventos itinerantes, oportunizando o surgimento de povoados circunvizinhos ao lócus de trocas. Vale destacar o exemplo de Veneza que, por sua localização estratégica, desenvolveu-se como um centro de comércio no séc. XI. Nela, eram realizadas feiras em que os mercadores armavam tendas, os cambistas trocavam moedas, artesãos fabricavam, expunham e vendiam seus produtos (COSTA, 2003).

Antes do séc. XI já existiam feiras e mercados na Europa, servindo apenas a regiões vizinhas e eram restritas às trocas de produtos agrícolas. Situavam-se no cruzamento de estradas importantes, pontos de encontros dos comerciantes das mais distintas localidades. Ali se efetivavam trocas de tecidos e fios, couros e peles, gado, peixe, vinho, trigo, sal, açúcar, especiarias e produtos da medicina natural (COSTA, 2003).

No Brasil, as feiras surgiram, oficialmente, em 1910, através de uma intervenção do poder público, como tentativa de aproximar consumidores e produtores/feirantes e fregueses, minimizando as irregularidades no fornecimento de gêneros alimentícios, que eram adquiridos cotidianamente, o que contribuiu, também, para o desenvolvimento das feiras e, conseqüentemente das cidades. O espaço das feiras foi se reproduzindo a fim de atender às demandas de circulação, distribuição e troca de produtos (PINTAUDI, 1981).

Atualmente, o que se vê é a oferta e procura de produtos de toda ordem, em diferentes espaços de comércio,

os canais de distribuição de produtos são representados pelo comércio atacadista e varejista que compõem lojas especializadas, grandes magazines, lojas de auto-serviço (supermercados e hipermercados), shopping centers, lojas de conveniência, galerias, feiras, lojas de departamento, centrais de abastecimentos públicas e privadas (CEASAS, CONAB), etc. (CLEPS, 1997, p. 52).

Conforme assinala Braudel (1998) não se pode conceber uma história simples e linear do desenvolvimento dos mercados. Nesse ponto, o tradicional, o arcaico, o moderno, o moderníssimo estão lado a lado. Comparado ao comércio nos espaços fechados, o comércio da feira tem uma descontinuidade que é expressa na produção cotidiana desse espaço de vendas, variando de acordo com o uso e apropriação do espaço por feirantes e fregueses.

### **1.1.3. Regulamentações e modernização dos espaços de trocas**

As tradicionais feiras e os mercados populares têm se modernizado, transformando-se em locais atraentes para feirantes e fregueses, principalmente aqueles que os freqüentam cotidianamente. Os feirantes têm se preocupado com a organização do ambiente, a saúde pública, a higiene e a limpeza de seus espaços de trabalho, deixando de ser meros vendedores ambulantes para formalizar as trocas que se efetivam nesses espaços (DE CERTEAU, et.al.,1996).

Polanyi (1980, p. 59) afirma que não seria possível a uma sociedade sobreviver se não possuísse uma economia de alguma espécie, e que “Adam Smith sugeriu que a

divisão do trabalho na sociedade dependia da existência de mercados ou, como ele colocou, da propensão do homem de barganhar, permutar e trocar uma coisa pela outra”.

Há aspectos importantes que se vislumbram nas elaborações de Polanyi (1980), no tocante à sua discussão sobre a origem do mercado como sistema econômico organizado a partir da competência: comércio externo (ou de longa distância), comércio local (campo/cidade) e o comércio interno. Enquanto o comércio externo e o comércio local operam em função de complementaridades geográficas das quais se derivam os lucros que obtêm os comerciantes, o comércio interno é, de fato, uma re-configuração do espaço, antes que outro tipo de comércio. Nesse sentido, as feiras inscrevem-se como modalidades do comércio interno, através da troca de produtos que geram o abastecimento de seus frequentadores.

Atualmente, para regularizar as feiras livres e os mercados, foi constituída uma parceria entre as prefeituras e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), através de uma iniciativa denominada “Programa de Modernização de Feiras Livres e Mercados Populares” com resultados significativos no estado do Rio Grande do Norte. As ações voltam-se para o oferecimento de consultorias aos administradores dos mercados e funcionários do poder público municipal, diretamente ligados às feiras e mercados, além de cursos de formação para feirantes e proprietários de bancas nos mercados, objetivando geração e manutenção de emprego e renda. A formação se dá nas áreas de associativismo, atendimento ao público, relações humanas, manipulação de alimentos, condutas básicas de higiene e limpeza e comercialização de produtos. Sobretudo, busca-se fortalecer a economia municipal através da consolidação das feiras livres.

O Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) disponibilizou em 30 de maio de 2008, edital de processo seletivo de projetos para implantação de feiras livres e mercados populares direcionado a municípios integrantes dos Territórios da Cidadania, no valor de R\$ 2,2 milhões, para apoio a projetos de comercialização direta de alimentos produzidos pela agricultura familiar nos territórios da cidadania e nos territórios dos Consórcios de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local (CONSAD).

Estes recursos destinavam-se à implantação e modernização de feiras livres e mercados populares para comercialização da produção dos pequenos produtores. Nas cidades médias e grandes, a comercialização direta poderia ser realizada de forma

permanente, além da possibilidade de também ser feita em mercados populares volantes (ônibus adaptados) para atender bairros, em dias determinados da semana. Foi disponibilizado o limite máximo de R\$ 110 mil por município.

Entre os critérios técnicos classificatórios foram analisados, no âmbito da realidade sócio-territorial, aspectos tais como: risco de insegurança alimentar e nutricional da população; percentual de famílias pobres integrantes do Cadastro Único; localização no Semi-Árido brasileiro e em áreas prioritárias de atuação do MDS; parceria com órgãos de assistência técnica e extensão rural; cobertura do Bolsa Família e do Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social (BPC); adesão do município ao Garantia-Safra, além de aspectos de participação da sociedade civil e organização de Conselhos Municipais de Segurança Alimentar e Nutricional.

A exemplo dessas estratégias de modernização dos mercados e feiras, podemos citar o Mercado Central de Abastecimento Prefeito Raimundo Soares e a feira livre da cidade, no município de Mossoró/RN, que funcionam obedecendo aos padrões ideais de higiene e limpeza. Há cinco anos, a administração municipal investiu recursos da ordem de R\$ 1,8 milhão na reforma de 91 boxes de venda e 264 bancas da feira livre (COSTA, 2003). No Capítulo 2 de nosso trabalho, abordaremos esses aspectos relacionando-os à Feira Livre do bairro Major Prates.

Cumpre-nos dizer que, no tocante às trocas sociais, evidenciadas nas feiras livres na atualidade, um de seus papéis é transformar produtos em mercadorias, capital em moeda corrente, sendo que, a realização lenta ou rápida das trocas são fatores decisivos para o sucesso ou insucesso do mercado. Em contraponto, aquelas trocas praticadas nos primórdios do surgimento das feiras livres, constituíam-se em oportunidades para que os sujeitos realizassem trocas para sua subsistência, sendo também produtores e consumidores de seus produtos.

Portanto, embora as feiras livres estejam perpassadas por um processo de mudança de sua representatividade, ainda se evidencia como lugar dos encontros, das tradições, das compras, vendas e trocas, que permanecem nas vidas das pessoas. Conforme Smith (*apud* Braudel, 1998, p. 123) “a propensão para trocar objetos é provavelmente conseqüência da possibilidade de trocar palavras”. Freire (1982, p. 81) afirma “a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra, mas se

abriga na inteligência do mundo”. Por analogia, a leitura, a sabedoria e aprendizagem do mundo e, portanto, da feira, incluem-se num processo amplo de desejo de saber, remetendo-nos a uma leitura crítica desse espaço. As relações de produção e consumo, ensino-aprendizagem das quais as feiras populares são palco formatam um *lócus* genuinamente educativo, visto que se constituem em territórios consagrados às negociações, saberes, dizeres, encontros sociais e outras relações que delimitam um espaço repleto de ações e idéias.

## **1.2. Território e Territorialidades da Feira Livre**

### **1.2.1. Leituras do conceito de território e territorialidades**

O conceito de território é, por muitos estudiosos, utilizado como uma dimensão das relações sociais, enquanto na verdade, o território é multidimensional, constituindo-se em uma totalidade (LEFEBVRE, 1991).

Nesse sentido, a concepção de Haesbaert (2006, p.45)

somos levados, mais uma vez, a buscar superar a dicotomia material/ideal, o território envolvendo, ao mesmo tempo, a dimensão espacial concreta das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou “o imaginário geográfico” que também move essas relações.

Considerando as diferentes linhas de trabalho e concepções teórico-metodológicas acerca da definição de território, apresentamos argumentos de teóricos que partem do pressuposto que o território trata de um espaço que está sempre em construção.

Um dos pioneiros na abordagem do conceito de território, no sentido anteriormente citado, é Raffestin (1993, p. 144) que o descreve como um espaço mediado e marcado pelo trabalho do homem que apropria-se desse espaço, territorializando-o e construindo relações de poder, pois

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder [constitui-se em] território [que] se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...].

Conforme Souza (2001), a leitura do conceito de território é política e cultural, considerando que em grandes centros, grupos sociais tecem relações de poder construindo

territórios a partir das diferenças culturais. No caso da feira, isso fica evidente: há o território dos fregueses que realizam regularmente suas compras, como suprimento para a semana vindoura, escolhendo os melhores e mais acessíveis gêneros; dos feirantes já estabelecidos em barracas e o daqueles que chegam de improviso, inscrevendo uma nova tessitura territorial e, também um novo jeito de fazer a feira, com promoções e performances para atrair fregueses, minimizando o ‘poder’ de feirantes já estabelecidos em barracas.

Também Andrade (1995) compartilha do conceito de território como *locus* de poder quando argumenta que “o conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à idéia de domínio ou de gestão de uma determinada área”. Sendo assim, o território no qual está circunscrita a feira, pode ser compreendido como o controle administrativo, político, econômico, efetivo daquele espaço onde está localizada a feira. Esse autor associa ao conceito de território a expressão territorialidade que, segundo ele

pode vir a ser encarada tanto como o que se encontra no território, estando sujeita à sua gestão, como, ao mesmo tempo, o processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar-se em um Estado [...]. A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas (ANDRADE, 1995, p.19-20).

Nesse sentido, a territorialização é a maneira como se materializa o território, assim como a manifestação e movimentação das pessoas, a sua apropriação do espaço físico. Santos (1996, p. 77) ratifica que

[...] podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes [territorialidades].

Desse modo, tanto o território quanto as territorialidades são entes que podem ser distinguidos pela intensidade das técnicas trabalhadas, pelos meios de produção, pelos objetos e coisas, visto que, os espaços são construídos na dialética<sup>9</sup>, heterogêneos e conformam toda intencionalidade humana (SANTOS, 2002).

---

<sup>9</sup> Dialética (do grego *διαλεκτική*) era, na Grécia Antiga, a arte do diálogo, da contraposição e contradição de idéias que leva a outras idéias. Isso significa que para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se

Como então explicar as razões, a técnica e a emoção que formam e mantêm o território da feira livre? O que a qualifica para permanecer naquele espaço? Certamente, possíveis respostas a estas indagações podem ser: as relações de poder ali articuladas/agregadas pelo grupo econômico-social que compõe a feira; o modo distintivo como o território e suas territorialidades foram construídos historicamente e, também, a partir da apropriação humana de um conjunto natural pré-existente, bem como o entrelaçamento da vida e do trabalho, pontos fortes para a compreensão do território.

Godelier (2001, p. 112-114) reitera que

[...] designa-se por território uma porção da natureza e, portanto, do espaço sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos ou parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de uso com respeito à totalidade ou parte dos recursos que aí se encontram e que ela deseja e é capaz de explorar. [...] Denominaremos “território” a porção da natureza e do espaço que uma sociedade reivindica como o lugar em que os seus membros encontrarão permanentemente as condições e os meios materiais de sua existência [territorialidades].

Portanto, o território constitui-se em fonte de recursos, meios materiais de existência e a territorialidade agrega marcas da ligação com o ambiente onde se vive e trabalha. Conforme Fernandes (2000) existem dois tipos de territorialidade, a local e a deslocada, que podem acontecer simultaneamente.

A territorialidade local pode ser simples ou múltipla, depende dos usos que as relações mantenedoras fazem do território.[...] Um hospital, cujo espaço é utilizado unicamente para seu próprio fim [simples]. Uma rua pode ser utilizada com o tráfego de veículos, para o lazer nos finais de semana e com a feira livre acontecendo um dia por semana. [...] Territorialidades deslocadas são as reproduções de ações, relações ou expressões próprias de um território, mas que acontecem em outros territórios. [Exemplo...] Pessoas dançando forró, rock ou tango na cidade de São Paulo como resultados da interação e convivências com diferentes culturas (FERNANDES, 2000, p.5).

A transformação do espaço em território acontece por meio da conflitualidade, da dialética, da razão (técnica) e da emoção (homem) carregando em si sua identidade que expressa sua territorialidade (SANTOS, 2002).

---

transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro. Segundo Engels, a dialética é a "grande idéia fundamental segundo a qual o mundo não deve ser considerado como um complexo de coisas acabadas, mas como um complexo de processos em que as coisas, na aparência estáveis, do mesmo modo que os seus reflexos intelectuais no nosso cérebro, as idéias, passam por uma mudança ininterrupta de devir e decadência, em que finalmente, apesar de todos os insucessos aparentes e retrocessos momentâneos, um desenvolvimento progressivo acaba por se fazer hoje" (KONDER, 1997, p. 95).

As territorialidades enredadas nas feiras são simbolizadas por uma multiplicidade de atos educativos, gestos, movimentos e dizeres, tecidos pelos sujeitos sociais – feirantes e fregueses – que as freqüentam (RAFFESTIN, 1993). Enquanto isso, as sociabilidades imbricadas na sua territorialidade são visibilizadas como um conjunto de apropriações, usos, discursos, olhares e representações sobre os espaços, representados pelas ações de distintos grupos sociais, adquirindo assim, como analisado por Charlot (2005, p.56-58),

um saber para o qual, é preciso, entrar em uma atividade intelectual, o que supõe o desejo, e apropriar-se das normas que essa atividade implica. Educar é educar-se. Mas é impossível educar-se, se não se é educado por outros homens. A educação é, ao mesmo tempo, uma dinâmica interna (de um ser inacabado) e uma ação exercida do exterior (porque a humanidade é exterior ao homem. [...] Não há saber (de aprender) senão na relação com o saber (com o aprender). Toda relação com o saber (com o aprender) é também relação com o mundo, com os outros e consigo. Não existe saber (de aprender) se não está em jogo a relação com o mundo, com os outros e consigo.

E é nesse espetáculo de “fazeres e saberes” próprio desse espaço, que se configura conforme Merleau-Ponty (2004, p.3),

o mundo verdadeiro, que, não são essas luzes, essas cores, esse espetáculo sensorial que meus olhos me fornecem, o mundo são as ondas e os corpúsculos dos quais a ciência me fala e que ela encontra por trás dessas fantasias sensíveis.

Nesse mundo, as feiras inscrevem-se como espaços de mobilidades onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede educativa, de sociabilidades e culturas, vivenciadas pelos sujeitos sociais no âmbito dos territórios construídos. Esses sujeitos evocam uma multiplicidade de educações, territorialidades e sociabilidades ao apropriarem-se material e simbolicamente dos espaços, o que, conforme Bourdieu (2005) pode ser explicado através do poder simbólico, como poder de fazer ver e fazer crer, crença cuja produção não é da competência das palavras, mas das ações e relações sócio-educacionais como relações de força.

### **1.3. Capital Social, Redes Sociais e Desenvolvimento Local na Feira Livre**

Buscaremos explicitar reflexões sobre os conceitos de redes sociais e capital social articulando-os ao desenvolvimento local da feira livre. Discutiremos as redes sociais e normas, valores e convicções que facilitam a cooperação dentro de e entre grupos sociais

(MAUSS, 1974), a partir do ponto de vista do comércio de rua, das redes e do capital social como fomentadores da feira.

Tanto no caso de feirantes como de fregueses, confirma-se a teoria das trocas sociais (MAUSS, 1974) visto que, ambos “produzem” o espaço urbano, tendo em vista a multiplicidade de encontros, de trajetórias diversas e de práticas sociais que constituem esse espaço no que tange às formas de organização do comércio de rua. Desse modo, a questão das trocas sociais (MAUSS, 1974) e da reciprocidade se constitui em ponto fundamental para pensar as formas de sociabilidade e de comércio presentes no contexto urbano, a partir das relações estabelecidas entre feirantes e fregueses da feira livre, como formas de “produzir o espaço urbano” que se configuram nas práticas cotidianas dos seus sujeitos (CERTEAU, 1994).

Autores como Elias (1994) destacam a importância das relações sociais dos indivíduos como um elemento-chave para a compreensão da sociedade, a partir da crítica ao que ele denominou de “duas formas radicais de sociologia”, que num dado momento enfatiza o indivíduo e em outro a estrutura. Conforme Elias (1994, p. 16),

o que nos falta [...] são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível no pensamento aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados.

Assim, podemos identificar na feira livre, gestos engendrados por sujeitos sociais – feirantes e fregueses – que evocam formas específicas de lidar com a realidade e de organizar-se social e economicamente, respeitando espaços individuais e consolidando as trocas sociais de mercado que lá ocorrem.

O modelo econômico hegemônico de globalização capitalista amplia o debate sobre pressupostos sociais e políticos que têm orientado as nações do terceiro mundo nas últimas décadas. Uma sociedade progride, de fato, quando os indicadores expectativa de vida das pessoas, qualidade de vida e desenvolvimento de seu potencial apresentam melhorias (KLIKSBURG, 2001). Baseando-nos no empoderamento<sup>10</sup> comunitário, no fortalecimento local com potencialização das vocações e na constituição de redes sociais

---

<sup>10</sup> Empoderamento – tradução da categoria *empowerment*. Baquero (2005) define-o como um processo por meio do qual pessoas, organizações e comunidades adquirem controle sobre questões de seu interesse. Se baseia em políticas de ações afirmativas que propiciam aos indivíduos condições igualitárias dentro da sociedade.

locais, fundamentamos nossos argumentos sobre o desenvolvimento local da feira livre, sustentados pelas teorias de Elias (1994); Bourdieu (1995); Sen (2000); Singer (2000); Kliksberg (2001); Putnam (2002); Costa (2005) acerca dos arranjos produtivos baseados na cooperação, em traços da economia popular solidária e da formação de redes associativas de desenvolvimento local sustentável e integrado.

Feirantes e fregueses atuam nesse processo a partir de arranjos sociais, culturais, econômicos e políticos locais, interagindo de forma articulada e interdependente pois, estão atentos às dinâmicas locais, nacionais e globais. A partir de uma concepção de desenvolvimento local como um processo de mobilização de energias sociais em pequenos espaços, ocorrem mudanças capazes de elevar as oportunidades sociais, a viabilidade econômica e as condições de subsistência da população (FRANCO, 2000).

### **1.3.1. Desenvolvimento local: questão de liberdade e qualidade de vida**

Para Sen (2000), uma concepção adequada de desenvolvimento ultrapassa as questões relacionadas à renda. Este está relacionado, sobretudo, com a melhoria da qualidade de vida dos componentes da comunidade e com a liberdade que desfrutam. Sen (2000, p.9) salienta que há um paradoxo emergente na humanidade ao afirmar que

[...] as diferentes regiões do globo estão agora mais estreitamente ligadas do que jamais estiveram, não só nos campos de troca, do comércio e das comunicações, mas também quanto a idéias e ideais interativos, entretanto, vivemos igualmente em um mundo de privação, destituição e opressão preocupantes.

A lógica teórica desse autor direciona-se ao sentido da lógica de liberdade do indivíduo em sua condição de existência, reafirmando a concepção Smithiana, na qual o indivíduo econômico atua transformando o interesse individual em benefício social, através da troca de seus trabalhos. De acordo com Sen (2000, p.10 e 26),

o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente. [...] Com oportunidades sociais adequadas, os indivíduos podem efetivamente moldar seu próprio destino e ajudar uns aos outros.

Atualmente, o conceito de desenvolvimento liga-se à melhoria na qualidade de vida das pessoas (desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão no futuro (desenvolvimento sustentável). Esse desenvolvimento requer uma análise dos conceitos de capital social – poder – e capital humano – conhecimento (PUTNAM, 2002).

Valendo-nos das reflexões de Kliksberg (2001) afirmamos que o capital social constitui-se em categoria fundamental nas análises sobre desenvolvimento – na estabilidade política e no desenvolvimento social. Salientamos que o capital humano, também, configura-se em ponto essencial para um novo modelo de desenvolvimento.

Sendo assim, observamos, na configuração da feira livre que, a sociedade civil tem se organizado (capital social e humano), buscando ampliar as atividades lucrativas do mercado, possibilitando a ampliação do espaço público e conjugando esforços para articular desenvolvimento, qualidade de vida e sustentabilidade (SEN, 2000).

As comunidades empoderadas garantem o gerenciamento e a manutenção de empreendimentos cooperativos, inseridos no ato de fazer a feira. A população que habita a porção territorial que compõe o sócio-território da feira é proprietária e operadora dos empreendimentos sociais locais da feira, constituindo a identidade própria de “ser feirante e freguês”, revelando sua eficiência econômica.

Conforme Franco (2000), o desenvolvimento local possibilita o surgimento de comunidades sustentáveis, aptas a suprir suas necessidades imediatas, a descobrir suas vocações locais, despertando potencialidades específicas e fomentando uma nova institucionalidade participativa.

Desse modo, uma das premissas dessa nova institucionalidade seria a presença do capital social, humano e produtivo, conceituados respectivamente, como: potencial de atuação da sociedade; estoque de valores, atitudes, conhecimentos e habilidades de uma determinada comunidade; recurso capaz de gerar riquezas e de possibilitar a criação de oportunidades de trabalho, emprego e renda para pessoas da comunidade (FRANCO, 2000).

### 1.3.2. Redes sociais na feira

Para Santos (2002), uma “nova globalização” tem sido construída por redes e alianças transfronteiriças entre movimentos, lutas e organizações locais ou nacionais que em diferentes lugares do mundo organizam-se para lutar contra a exclusão social, a precarização do trabalho, o declínio das políticas públicas, a destruição do meio ambiente, as pandemias, os ódios interétnicos, que concorrem para a globalização neoliberal.

Giddens (1993) corrobora o argumento de Santos (2002) propondo a substituição de programas convencionais de auxílio à pobreza, por abordagens que permitam uma participação mais democrática da comunidade, enfatizando assim, a constituição de redes de apoio, o espírito de iniciativa e o cultivo do capital social como meio de renovação econômica em localidades de baixa renda.

Verificamos na feira o que, conforme Singer (2000), constitui-se em economia de comunhão - aquela que segue o caminho da cooperatividade, “da eficiência sistêmica em vez da eficiência apenas individual”. Esse autor ainda caracteriza a economia da comunhão através dos seguintes elementos: autogestão para a solidariedade; fortalecimento de iniciativas econômicas cooperativas e associativas; desenvolvimento de redes de apoio mútuo; criação de formas alternativas de crédito e poupança; desenvolvimento de capacidades técnicas e de identificação dos potenciais; criação de novos espaços sociais através da constituição de conselhos e fóruns permanentes.

Para Castells (1999) essa pluralidade de componentes divergentes só mantém-se coerente em uma rede, que abarca uma diversidade funcionando como um todo – como é o caso da feira. As relações entre os componentes da feira, ou seja, dessa rede, envolvem múltiplos laços de realimentação através da interação entre as pessoas, do fortalecimento dos laços econômico-sociais de freguesia, de conhecimento, de trabalho e de recreação, moldando práticas e valores individuais, grupais e coletivos; conectando indivíduos e regiões; disponibilizando distintos saberes a serviço da coletividade; promovendo acordos de cooperação e ampliando estratégias de ação.

Cumpre-nos argumentar que um processo de desenvolvimento só pode ser sustentável no longo prazo, se houver horizontalidade no processo e empoderamento dos sujeitos responsáveis por conduzi-lo (CASTELLS, 1999).

A esse empoderamento Putnam (2002) denomina Capital Social, que é definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Evidencia-se, assim, a estrutura de redes por trás do capital social, que passa a ser definido como um recurso da comunidade, construído por suas redes de relações, condicionadas por fatores econômicos, culturais, políticos e sociais. Redes são canais de veiculação de saberes e fazeres, de obtenção e processamento de informações. Bourdieu (1985) trata o capital social como a soma dos recursos decorrentes da existência de uma rede de relações, de reconhecimento mútuo, institucionalizada em campos sociais, que se configuram em espaços onde se manifestam relações de poder que, também, se fazem presentes na feira.

Bourdieu (2004 *apud* COSTA, 2005) confirma que existem outras racionalidades e não somente a econômica, por exemplo na feira livre, o que oportuniza a uma sociedade construir projetos de mudanças oriundos de diferentes formas de produção, ainda que, não reconhecidos pelo modo de produção hegemônico.

Desse modo, o conceito de capital social (PUTNAM, 2002) é novamente retomado, devido à percepção de seus impactos na reformulação das práticas do desenvolvimento, impondo a percepção do ser humano como sujeito social, que articula a cooperação e os valores de apoio mútuo, bem como a solidariedade, baseando-se na “eficiência social coletiva”.

Também Durston (2000) preconiza que o capital social está para o plano das condutas e estratégias como o capital cultural está para o plano abstrato dos valores, princípios, normas e visões de mundo. Desse modo, combina atitudes de confiança com condutas de reciprocidade e cooperação, proporcionando maiores benefícios aos sujeitos e grupos que o possuem. Destaca que o capital social comunitário conforma um caráter coletivo, portanto, ser membro de uma comunidade constitui-se em direito.

Essas posturas colaboram para que as feiras resistam e sobrevivam aos apelos modernos de compra/venda, aos encontros, às convivências. Isso é, os desdobramentos das relações econômicas, sociais e culturais nelas tecidas, contribuem para a sua resistência a outros espaços mais confortáveis e modernos.

Kliksberg (2001) e Putnam (2002) ressaltam o papel fundamental do Estado na criação do capital social, evidenciado no grau de confiança geral e nas normas de

cooperação prevalentes na sociedade, os avanços no desenvolvimento econômico e social. Ainda de acordo com os autores, quanto maior a polarização entre ricos e pobres maior o capital social, a participação em associações e projetos coletivos; melhores as práticas produtivas e a cooperação com a administração pública.

Essas reflexões sobre as ações de desenvolvimento social e local evidenciadas nas feiras livres, representam um novo patamar de organização e de constituição de capital social. Suas evidências revelam uma identidade política e territorial de sujeitos que buscam melhores condições de vida e de trabalho. O empoderamento dos feirantes revela a importância da ação social em rede e articulada. Essa articulação em rede tem promovido o crescimento de competências sócio-econômicas. Da combinação entre compromisso cívico, comunidade e liberdades individuais resultam o capital social, que agrega estoques significativos de redes sociais nas quais é marcante a reciprocidade e a confiança mútua (PUTNAM, 2002).

Conceitos como “reciprocidade”, “confiança”, e “redes” são difíceis de operacionalização, pois não são quantificáveis, podemos então, apreender sua importância para a comunidade. Essa apreensão constitui-se em desafio para os estudiosos que desejam empregar o conceito de capital social atrelado ao de desenvolvimento. O verdadeiro proprietário do capital social não é o indivíduo, mas a comunidade, por meio da rede de relações ali existente.

Conforme assinala Rist (1997) o desenvolvimento tem sido criticado em seus fundamentos, em suas práticas contraditórias e em seus mitos. O evolucionismo social, inerente aos projetos de desenvolvimento, preconiza que os países menos desenvolvidos devem atingir o estágio de desenvolvimento dos países desenvolvidos, devendo cumprir, para isto, etapas contínuas e cumulativas. Esse autor esclarece que não é possível antecipar, de modo determinista, os passos a serem seguidos para atingir objetivos de desenvolvimento de maneira universal.

Costa (2005, p. 48) corrobora as idéias de Rist (1997) ao criticar o conceito de desenvolvimento como

estratégia de transformação das condições das economias, das sociedades e, ao mesmo tempo, como o desejo capaz de situar os Estados, as nações, as sociedades, as regiões, os grupos, as empresas, as pessoas, no mesmo patamar de civilizações existentes nos países centrais.

Evidencia-se assim, a diversidade e a particularidade de contextos locais, com demandas próprias, emitindo respostas peculiares às políticas públicas e aos projetos de desenvolvimento local. Sen (2000) lembra-nos que, para promover o desenvolvimento é essencial ampliar a capacidade de realização de atividades livremente escolhidas e singulares em significado para os sujeitos do desenvolvimento, que não é, seguramente, consequência do crescimento econômico.

Deve-se tomar cuidado, no entanto, com as generalizações fáceis e com a visão ingênua das redes sociais e do capital social, fomentadoras do desenvolvimento social. Valendo-nos da argumentação de Costa (2005, p.50) o desenvolvimento social constitui-se em

[...] uma estratégia política, através da qual os grupos humanos desenvolvem a capacidade de resolver problemas e consolidar o bem estar socialmente definido pela otimização dos recursos sociais; revertendo-os em benefício da totalidade social em todos os seus aspectos.

Nessa medida, desafios ainda existem por serem vencidos nas feiras livres. Entretanto, elas evidenciam concepções de vida, de trabalho, de tessituras sociais, que confirmam a solidariedade e a responsabilidade individual e coletiva, a transparência nas relações, o estabelecimento da confiança, a iniciativa pessoal, o amor ao trabalho – uma escola de vida (KLIKSBURG, 2001).

#### **1.4. Artes de Dizer e Artes de Nutrir**

As trocas sociais enredadas na feira são simbolizadas por uma multiplicidade de atos, gestos, movimentos e dizeres – Artes de Dizer, tecidos pelos sujeitos sociais – feirantes e fregueses – que a freqüentam (DE CERTEAU, 1994). Enquanto isso, as sociabilidades imbricadas nas relações de trocas são visibilizadas como um conjunto de apropriações, usos, discursos, olhares, representados pelas ações de distintos grupos sociais, adquirindo assim, como analisado por Raffestin (1993, p.158),

um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vívido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto

que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais.

Feirantes e fregueses apropriam-se desses espaços, protagonizando espetáculos de compra, venda e permuta de variados produtos, utilizando para isso um arsenal próprio de estratégias, gestos e linguagens relacionadas ao nutrir, dizer e fazer que colaboram para que a feira resista e sobreviva aos apelos modernos de compra/venda, aos encontros, às convivências.

Na prática de “fazer a feira”, dominicalmente, para adquirir o que será consumido no espaço doméstico durante a semana, inúmeros são os elementos simbólicos acionados para explicar a frequência ao território de rua e realização de trocas sociais, que podem situar-se desde a relação de confiança com o feirante e as formas de sociabilidade ali presentes e, ainda, a idéia de “pureza” dos alimentos que são adquiridos, com a possibilidade de tocá-los, escolhê-los, experimentá-los em todos os “sentidos”, projetando a “alquimia” que irá se processar no contexto da cozinha – Artes de Nutrir (DE CERTEAU, et. al.,1996).

#### **1.4.1. As Artes de Dizer**

Numa feira livre a estética é determinada, também, por sua sonoridade que preenche o espaço de rua com a voz e a performance corporal dos feirantes, que divulgam seus produtos provocando os fregueses a manter ou mudar seu percurso, atentando para algum produto em especial ou para uma promoção inusitada. Chion (1994, p.136) descreve essa situação como visu-auditiva ao definir

como aquela em que o sujeito tem a sua atenção consciente dirigida para o que ouve, mas na qual aquilo que vê influencia a audição, orientando-a para certos pormenores da mensagem sonora em detrimento de outros, não ‘reforçados’ pela visão, ou fazendo com que ouça o som do ponto de onde o mesmo lhe chega acusticamente.

As sonoridades evocadas na feira caracterizam um modo de viver num espaço destinado a esse tipo de atividade. Sansot (apud Vedana, 2004, p. 64) afirma que “[...] a vida das ruas é introduzida a partir desta linguagem de enunciação que a caracteriza, na voz dos vendedores que marcam um compasso com a temporalidade no anúncio de suas frutas”,

bem como de outros gêneros. Essa linguagem confere um caráter dinâmico e coletivo às ruas e constituem-se em formas de habitar o espaço urbano.

De Certeau (1994, p.86) inscreve essa linguagem no contexto urbano como um museu vivo de táticas, marcos de uma aprendizagem, caracterizando “[...] uma arte de dizer popular. Tão viva, tão perspicaz, quando os reconhece no contista e no camelô [...]. Sua apreciação engraçada e artística refere-se a uma arte de viver no campo do outro”. Em outra obra De Certeau (*et al.*, 1996, p. 158) ratifica que, no comércio de rua, o feirante/comerciante é valorizado e reconhecido pela “[...] estrutura ‘oral’ característica do mercado – a ‘criée’ (uma espécie de pregão, onde todos gritam alto sua mercadoria e suas vantagens de preço, etc.)”.

Também Bakhtin (1987, p. 132) narra que

os elementos da linguagem popular, tais como os juramentos, as grosserias, perfeitamente legalizadas na praça pública, infiltravam-se facilmente em todos os gêneros festivos que gravitavam em torno dela (até no drama religioso). A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de ‘exterritorialidade’ no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra. Claro, esses aspectos só se revelavam inteiramente nos dias de festa. Os períodos de feira, que coincidiam com estes últimos e duravam habitualmente muito tempo, tinham importância especial.

Nesse sentido toda a afluência de palavras, performances e gestos evocados no dia de feira, são formas importantes de comunicação e contribuem para os atos de dizer e fazer a feira. Elas tomam, com intensidade, o espaço da feira acentuando as particularidades desta forma de comércio de rua e de apropriação do espaço público (BAKHTIN, 1987).

#### **1.4.2. As Artes de Nutrir**

Os atos de compra e venda de alimentos na feira livre, ou seja, sua manipulação, escolha – pelo toque e pelo cheiro, apalpação e até degustação – evocam o fim último da nutrição das pessoas dos lares aos quais se destinam. As trocas de receitas entre feirantes e fregueses, o modo peculiar de seu preparo – a limpeza inicial, o cozimento até sua chegada à mesa – são restauradas nas práticas de comércio de rua (VEDANA, 2004). Essas práticas indicam estilos de viver característicos dos sujeitos no meio urbano (VELHO, 1999).

Entre os toques e escolhas feirantes e fregueses se olham, conversam, analisam os alimentos que vão adquirir e trocam informações sobre os mesmos. Esses atos de compra e venda de alimentos acionados na escolha dos gêneros e levados até seu preparo evocam uma negociação de diferentes projetos individuais e coletivos (VEDANA, 2004).

Conforme Durand (2002) a interação com o alimento a ser adquirido aproxima o corpo com as formas da comida, na ordem do simbólico e não de uma razão prática ligada ao ato de cozinhar. Ordem vinculada aos esquemas digestivos e aos símbolos da intimidade, evidenciados na relação sensorial com os alimentos. Estes gestos arquetípicos ligam-se ao simbolismo do alimento trazendo em si um núcleo de imagens voltadas a um ciclo de vida, morte e renascimento do corpo recobrado nos atos de comer, engolir, digerir, evocando a periodicidade da feira livre retomada, semanalmente, nos atos de compra e venda no contexto urbano, permeados pela singularidade e intimidade (DURAND, 2002).

De Certeau (*et al.*, 1996, p.218-219) afirma que

as práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e no mais desprezado. [...] cozinhar é o suporte de uma prática elementar, humilde, obstinada, repetida no tempo e no espaço, com raízes na urdidura das relações com os outros e consigo mesmo [...]. Entretanto, desde que alguém se interesse pela arte culinária, pode constatar que ela exige uma memória múltipla: memória de aprendizagens, memória de gestos vistos [...].

As práticas cotidianas e os gestos articulados às artes de nutrir e ao contato com os alimentos são socialmente determinadas, constituindo-se em formas de expressão de uma cultura particular, crenças e valores de uma dada comunidade ou grupo social (VEDANA, 2004). Na cozinha e, portanto, no ato de cozinhar, ocorre a transformação da matéria em refeição, o que carrega esse ato de plena importância e significado.

Ao eleger a feira livre para realizar suas compras, os fregueses evidenciam elementos que vão a princípio de uma razão prática do consumo a um menor custo até aos aspectos simbólicos que envolvem seus gestos de compra – a alquimia que se processará em suas cozinhas ao preparar os alimentos para serem ingeridos, o frescor, a pureza e as características dos gêneros adquiridos.

## 1.5. Etnomatemática

### 1.5.1. O Programa Etnomatemática

Buscaremos aqui pontuar discussões direcionadas ao nosso objeto de estudo os saberes e fazeres dos sujeitos sociais da feira livre, aqui, especificamente, através de suas artes de fazer etnomatemático, focando-as numa perspectiva sociocultural.

D'Ambrosio (1990) esclarece-nos que na década de 1970 tiveram início os estudos sobre Etnomatemática através de um programa de pesquisa em História e Filosofia da Matemática, com destaque na Educação Matemática, repercutindo no cenário da pesquisa internacional.

O próprio D'Ambrosio empregou, pela primeira vez, em 1975, o termo Etnomatemática, ao discutir, no contexto do cálculo diferencial, o papel desempenhado pela noção de tempo nas origens das idéias de Newton. Ao relatar o fato, D'Ambrosio faz a utilização do prefixo etno com um sentido mais amplo do que o restrito à etnia (KNIJNIK, 2006).

D'Ambrosio (1986,p.3) argumenta

[...] estava claro que, apesar de raça poder ser um dos fatores intervenientes na formação do conceito e da mediação do tempo, tal noção era somente parte das práticas etnomatemáticas que configuravam a atmosfera intelectual onde as idéias de Newton floresceram.

Em 1976, no III Congresso Internacional de Educação Matemática (ICME-3) realizado na Alemanha, D'Ambrosio instiga os educadores matemáticos a refletirem sobre o valor e as implicações sócio-políticas e culturais que devem ser consideradas na discussão dos objetivos da Educação Matemática (AMANCIO, 2004). Entretanto, tal termo só foi evidenciado em 1977, quando D'Ambrosio divulga-o num simpósio promovido pela *American Association for the Advancement of Science* (Associação Americana para o Progresso da Ciência), em Washington, onde seria discutida *Native American Science* (Ciência Americana Nativa). Lá estavam reunidos especialistas de várias etnociências.

Podemos considerar o ano de 1984 como um marco referencial do (re)conhecimento da Etnomatemática no cenário internacional. Ao realizar a conferência inaugural do 5th International Congress on mathematics Education (ICME), em Adelaide

(Austrália), D'Ambrosio provoca uma reflexão sobre a Educação Matemática na perspectiva da complexidade dos fatores sociais e educacionais. Discute, também, a concepção da Matemática como sistema cultural, articulando-a à Etnomatemática, à História Social da Matemática e à Antropologia Matemática (KNIJNIK, 2006).

Conforme o pesquisador, a idéia da Etnomatemática emerge da análise de fazeres matemáticos em diferentes contextos sócio-culturais, tornando-se evidente à época em que era orientador do setor de Análise Matemática e Matemática Aplicada, juntamente com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, no Centre Pédagogique Supérieur de Bamako, na República do Mali, na África (KNIJNIK, 2006). D'Ambrosio declarou em entrevista à Revista Nova Escola, em 1993:

[...] nas conversas que eu tinha com os doutorandos, pessoal de alto nível, culturalmente ligado à sua realidade, eles me mostraram que aquela Matemática de Primeiro Mundo levada a eles não tinha nada a ver, na sua origem, com a tradição deles. Os malinenses, que são muçulmanos, construíram grandes mesquitas típicas deles, de pau-a-pique. Estão de pé há mais de 500 anos [...] Eles tiveram os arquitetos deles, os urbanizadores deles, que fizeram coisas maravilhosas com uma matemática muito própria, com soluções diferentes das nossas para problemas comuns a todos os povos. Então comecei a estudar muita Antropologia, História Comparativa, para entender melhor esse fenômeno, que, claro, não se explica somente pela Matemática (D'AMBROSIO, 1993).

A Etnomatemática é um programa de pesquisa que se apóia em amplos estudos etnográficos do saber e do fazer de distintas culturas. Recorre a análises comparativas desses saberes e fazeres, e da dinâmica cultural intrínseca a eles, contemplando aspectos cognitivos, filosóficos, históricos, sociológicos, políticos e, naturalmente, educacionais (D'AMBROSIO, 1990). Não está limitada à matemática, mas amplia-se na análise de várias formas do conhecimento. Conquanto o nome sugira destaque na matemática, seu estudo presume a evolução cultural da humanidade, considerando a dinâmica cultural evidenciada através da matemática (D'AMBROSIO, 2005).

Knijnik (2006) destaca os trabalhos dos educadores brasileiros vinculados à Etnomatemática sendo: investigações e pesquisas empíricas em regiões da periferia urbana de Campinas e em comunidades indígenas do alto Xingu e do Amazonas realizadas por Eduardo Sebastiani Ferreira; trabalho com crianças da favela Vila Nogueira-São Quirino, em Campinas, realizado por Marcelo Borba; com os índios Rikbaktsa, que vivem na região centro-oeste, por Nelson Carvalho; sobre o “Jogo do Bicho” por Sérgio Nobre; sobre as

influências nas atitudes de professores ao introduzir a Etnomatemática no currículo escolar, por Geraldo Pompeu e seus próprios trabalhos que abordam pesquisas empíricas na periferia urbana de Porto Alegre e também, na zona rural do Rio Grande do Sul, junto a movimentos organizados de trabalhadores rurais. A pesquisadora destaca que

não se trata, portanto, de glorificar a Matemática popular, celebrando-a em conferências internacionais, como uma preciosidade a ser preservada a qualquer custo. Este tipo de operação não empresta nenhuma ajuda aos grupos subordinados. Enquanto intelectuais, precisamos estar atentos para não pô-la em execução, exclusivamente na busca de ganhos simbólicos no campo científico ao qual pertencemos. No entanto, também não se trata de negar à Matemática popular sua dimensão de autonomia, tão cara às teorias relativistas (KNIJNIK, 2006, p. 150).

Sebastiani (2004, p.75) aponta possibilidades de reflexão a partir da etnomatemática: “como se apropriar do conhecimento étnico na sala de aula, buscando uma educação com significado? Como fazer a ponte entre este conhecimento e o conhecimento institucional”? Faz-se necessário contextualizar a matemática com fatos históricos, culturais, políticos e sociais; promover a valorização dos conhecimentos matemáticos dos grupos sócio-culturais discriminados por realizarem uma matemática diferente daquela da academia.

Domite (2006) argumenta que a Etnomatemática investiga as raízes das idéias matemáticas considerando o modo como se efetivam nos diferentes contextos culturais, constituindo-se, portanto, como uma linha de estudo e pesquisa da educação matemática, trilhando os caminhos da antropologia na consideração do conhecimento e da racionalidade do “outro”, na resolução de seus problemas cotidianos.

Santos (2006) considera a diversidade de opiniões sobre as perspectivas da Etnomatemática como derivada do estágio de desenvolvimento em que a área se encontra. Pondera: “como contextualizar e promover o diálogo, entre a matemática e a etnomatemática em situação de ensino e aprendizagem nos sistemas formais de ensino”? (SANTOS, 2006, p.208). Reitera que, a etnomatemática subsidia-se na antropologia, primando pelo reconhecimento do outro, comparando o que fazemos ao que o outro faz de maneira diferente, implicando o conhecimento de si mesmo, suas representações, seu modo próprio de fazer a matemática, ou, a Etnomatemática. A comparação funciona como uma

estrutura a ser desenvolvida e utilizada pelas pessoas em sua construção pessoal e social (SANTOS, 2006).

Nesse sentido, todos os trabalhos que foram ou vêm sendo desenvolvidos, objetivam a consolidação do Programa Etnomatemática, originado na busca de “[...] entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade, contextualizado em diferentes grupos de interesse, comunidades, povos e nações” (D’AMBROSIO, 2005, p. 17). Os argumentos de D’ambrosio nos remetem a uma proposta historiográfica que considera a dinâmica da evolução desses fazeres e saberes resultantes da exposição mútua de culturas.

O que eu chamo de Programa Etnomatemática é um programa de pesquisa no sentido lakatosiano que vem crescendo em repercussão e vem se mostrando uma alternativa válida para um programa de ação pedagógica. Etnomatemática propõe um enfoque epistemológico alternativo associado a uma historiografia mais ampla. Parte da realidade e chega, de maneira natural e através de um enfoque cognitivo com forte fundamentação cultural, à ação pedagógica (D’AMBROSIO, 1993).

Cumpre-nos reiterar que D’ambrosio (2005) reconhece que não propõe uma epistemologia, portanto uma explicação final da Etnomatemática, mas evidencia a constante busca de saberes e fazeres da espécie humana.

Ao reconhecer que não é possível chegar a uma teoria final das maneiras de saber/fazer matemático de uma cultura, quero enfatizar o caráter dinâmico deste programa de pesquisa. Destaco o fato de ser necessário estarmos sempre abertos a novos enfoques, a novas metodologias, a novas visões do que é ciência e da sua evolução, o que resulta de uma historiografia dinâmica. (D’AMBROSIO, 2005, p.18).

A partir desses conceitos, em constante evolução, é que consideramos de grande relevância discutir os modos de entender, explicar e fazer matemática no cotidiano da feira livre, numa perspectiva sociocultural, agregando novos significados à Etnomatemática.

### **1.5.2. A Etnomatemática na Feira Livre – Artes de Fazer**

Podemos reconhecer a Etnomatemática como um movimento de reação ao discurso que estabelece a existência de uma matemática única, convencional, sendo prestigiada e privilegiada como forma exclusiva de fazer e entender essa área do

conhecimento, relegando a segundo plano, ou melhor, desconsiderando outros fazeres e conhecimentos matemáticos, que não os academicamente reconhecidos.

#### A Etnomatemática prestigia

[...] a história singular de cada povo, em que a ancestralidade é a referência de vida da pessoa. Assim, a etnomatemática se configura como uma das mais importantes possibilidades na luta pela valorização do outro, do diferente no contexto da educação matemática (DOMINGUES, 2006).

Ao analisar as pesquisas dos psicólogos Carraher (*et al.*, 2001) na área da psicologia cognitiva, sobre a relação entre cognição e cultura, verificamos um grande distanciamento “entre o desempenho de crianças de camadas de baixa renda em situações naturais e em situações do tipo escolar” (CARRAHER, *et al.*, 2001, p. 29). As formas de ensinar e aprender a matemática – formal – no interior da escola e no cotidiano – informal – a feira livre, divergem revelando uma competência diferenciada e porque não, privilegiada, fora do espaço escolar. Conforme relato dos pesquisadores, os estudantes lançavam mão de eficientes estratégias de cálculo mental durante as vendas dos cocos, sendo que, no cotidiano escolar eram ineficientes na resolução escrita dos cálculos convencionais. As situações-problema propostas pareciam-lhes como algo totalmente novo, desvinculado de seu cotidiano. É oportuno salientar que o inverso também ocorre, pois, há alunos que apresentam eficiência na resolução de situações problema na escola e que apresentam dificuldades em situações problema da vida.

Podemos afirmar que, em seu cotidiano, as crianças e adolescentes feirantes, desenvolveram estratégias pessoais para a resolução de situações-problema, através de mecanismos não-formais – como o cálculo mental, os arredondamentos, as estimativas – tudo isso sem o auxílio de máquinas de calcular ou sem recorrer a cálculos escritos. Apesar disso, a escola não foi capaz de validar e/ou reconhecer esse conhecimento não-convencional como importante para as ações educativas formais, revelando discriminação ao conhecimento matemático evidenciado pelas crianças, culminando com sua reprovação.

A partir dessa pesquisa, inscreveu-se um novo olhar para o conhecimento matemático, aquele não convencional ou formal, praticado em outros espaços que não sejam os escolares. O contraponto entre a Etnomatemática e a pesquisa dos Carraher (2001), reside na proposta de um olhar mais amplo sobre as manifestações matemáticas

observadas em distintos grupos sociais e culturais e não uma alternativa para um fazer matemático extra-escolar.

Surge como uma perspectiva de reconhecimento do valor social, político e cultural dos saberes veiculados no cotidiano, valorizando grupos étnicos, religiosos, comunitários e profissionais, e de práticas variadas, ligados à elaboração de conceitos, artes, exercícios políticos, ao lazer, ao lúdico (D'AMBROSIO, 1990), e, é claro, às feiras.

Referendando-nos no “Programa Etnomatemática” de D'Ambrosio (1990), entendemos o conhecimento cognitivo e historicamente contextualizado, uma vez que fonte primeira de conhecimentos é a própria “[...] realidade na qual estamos imersos: o conhecimento manifesta-se de maneira total, holisticamente, e não seguindo padrões conceituais, normas previstas e/ou convencionais (D'Ambrosio, 1986, sp). Santos (2004, p.26-27) corrobora esta argumentação ao afirmar

as idéias que presidem à observação e à experimentação são as idéias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Essas idéias são as idéias matemáticas. A matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação, como ainda o modelo de representação da própria estrutura da matéria.

D'Ambrosio (2005, p. 9) define a Etnomatemática como “[...] arte ou técnica (techne=tica) de explicar, de entender, de se desempenhar na realidade (matema), dentro de um contexto cultural próprio (etno)”. Quando se refere a etno sinaliza que “etno se refere a grupos sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária”, também inclui “memória cultural, códigos, símbolos, maneiras específicas de raciocinar e inferir” concepção que está, segundo o autor, próxima de uma teoria da cognição (D'AMBROSIO, 1993, p. 9). Merleau-Ponty (2004, p. 9) salienta

o pensamento moderno é difícil, inverte o senso comum porque tem a preocupação da verdade, e a experiência não lhe permite mais ater-se honestamente às idéias claras ou simples às quais o senso comum se apega porque elas lhe trazem tranquilidade.

A história construída, dentro e fora do espaço da feira, de caráter altamente significativo e atualizado, não é vivenciada duas vezes do mesmo modo, pois os eventos e suas histórias são únicos em cada momento vivido, eles não se repetem. Conforme Merleau-Ponty (2004, p. 23)

as coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo ao seu exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear.

Ao aproximar Etnomatemática e feira livre, pretendemos tornar válidos os saberes/fazeres de feirantes e fregueses, portadores de um universo de experiências construídas em seu cotidiano, bem como, identificar as formas com que utilizam a matemática no dia de feira. A compra e a venda de alimentos podem estar carregadas de significados que ultrapassam a razão prática e o conhecimento de técnicas convencionais das operações matemáticas. Cotidianamente, são utilizados cálculos mentais, estratégias econômicas de cálculo escrito, instrumentos de medidas não-padronizados, conformando desse modo, uma dinâmica específica de fazer e entender a matemática no dia de feira, uma territorialidade peculiar dos sujeitos que a constroem.

Nesse sentido, analisamos as estratégias não-convencionais/formais e os modos operantes utilizados por feirantes e fregueses em seu contexto, constituindo assim um espaço comunicacional de efetiva troca de saberes, primordial para a constituição do fazer etnomatemático, que tem seus princípios fundamentados nos encontros interculturais, com ênfase dialógica, embasada no respeito mútuo e nas diferenças individuais, bem como, na valorização do sujeito e suas subjetividades.

## CAPÍTULO 2 – CONTEXTUALIZANDO A FEIRA LIVRE DO BAIRRO MAJOR PRATES

### 2.1 Caracterização da Região Administrativa do Bairro Major Prates

Iniciamos este capítulo com a apresentação do ambiente de pesquisa.

Esclarecemos que, em 2005, o território da cidade de Montes Claros foi dividido em doze pólos regionais, dentre os quais o “Pólo do Grande Major Prates”, que contempla a região circunvizinha e também, o bairro Major Prates, configurando-se como um dos maiores e mais importantes desses pólos. As informações e dados que apresentaremos a seguir foram fornecidos pela Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Estratégica (MONTES CLAROS, 2004).



FIGURA 1 – Mapa do Pólo Major Prates  
Fonte: SEPLAN (MONTES CLAROS, 2004).

O Pólo Major Prates é constituído por treze bairros sendo: Major Prates, Morada do Sol, Augusta Mota, Canelas II, Vargem Grande, São Geraldo, Jardim São Geraldo, Chácara dos Mangues, Jardim Liberdade, Morada do Parque, Morada da Serra, Chácara Paraíso, Condomínio Residencial Serrano e possui aproximadamente 20.352 moradores<sup>11</sup>.

Neste pólo está localizada uma equipe do Programa Saúde da Família e um centro de saúde. No total, a região possui sete unidades de ensino, sendo que duas pertencem à Rede Estadual e cinco à Rede Municipal de Ensino. Esse pólo possui dezenove praças. Conta, ainda, com a Feira livre do bairro Major Prates que acontece todos os domingos. Além disso, há neste Pólo, dois conjuntos habitacionais. A política de atendimento social acontece por meio do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e da execução dos programas Agente Jovem, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e da Lavanderia Comunitária.

### **2.1.1. Apresentação, área, localização geográfica, sistema viário, infra-estrutura, atividades econômicas e educacionais**

O bairro Major Prates (região administrativa) conta com uma área de 759.898,91 m<sup>2</sup> e apresenta uma população residente de 5.279 pessoas, referente a 1,82% da população de Montes Claros (MONTES CLAROS, 2004). Foi formado a partir de um loteamento, de propriedade do Sr. Luiz Milton Prates há, aproximadamente, quarenta e quatro anos, por volta de 18 de fevereiro de 1964.

Ele apresenta inúmeras alternativas de investimentos, devido à sua localização geográfica – região sul da cidade (limita-se com os bairros: Augusta Mota, Morada do Parque, Morada do Sol, São Geraldo, Vargem Grande e Canelas), evidenciando um movimento econômico bastante diversificado, com um comércio vibrante que gera bons negócios.

As vias de penetração existentes no bairro Major Prates, evidenciadas na figura 2 (próxima página) convergem para a área central um grande volume de pessoas e veículos, assumindo peculiar importância no Sistema Viário Básico de Montes Claros.

---

<sup>11</sup> Dados da SEPLAN (MONTES CLAROS, 2004).



Há que se destacar a importante concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços no bairro e seu perímetro. É intenso o fluxo de veículos (transporte coletivo urbano; transporte interestadual e intermunicipal; bem como, de veículos de passeio). Os itinerários se orientam no sentido das vias de penetração. Destacam-se como principais vias de acesso ao bairro as avenidas: Castelar Prates, Olímpio Prates e Pedro Augusto Veloso, e as ruas Osmar Cunha, Professor Raimundo Neto, Professora Helena Prates e Helena de Paula Fraga.

Quanto à infra-estrutura destacamos que são oferecidos serviços básicos de abastecimento de água e esgoto sanitário, bem como, de coleta do lixo doméstico.

O bairro Major Prates possui um “Centro Comercial”, aberto todos os dias da semana, inclusive aos domingos, e uma “Feira Livre”, que acontece aos domingos. Ambos oferecem, praticamente, todos os produtos encontrados no centro da cidade, o que possibilita o atendimento das principais necessidades de consumo de seus moradores e das áreas adjacentes.

Nas atividades socioeconômico-comerciais do bairro destaca-se o oferecimento dos seguintes produtos/serviços: aviamentos; confecções; calçados; cama, mesa e banho; brinquedos; louças e alumínio; eletrodomésticos; carnes (boi, frango, peixe); hortifrutigranjeiros (frutas, folhas/hortaliças, verduras); remédios alopáticos; perfumes e cosméticos; revistas, jornais e artigos de papelaria; cereais e grãos; produtos de limpeza; som e instrumentos musicais; locadoras; autopeças; hotelaria; serviços pessoais (barbearia, cabeleireiro, manicura, chaveiro, lavanderia); escolas e creches; serviço de saúde (centro de saúde e serviço veterinário); posto policial; agência dos correios; posto de combustíveis; serviço de mecânica; lotérica; serviço de mudança; marcenaria; padaria; vidraçaria; serviço de transportes e cargas.

Também há no bairro, o oferecimento da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) através das redes municipal, estadual e particular de ensino e da Educação Superior, oferecida pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), que oferece os cursos: Normal Superior e Administração (graduação); Gestão Escolar, Medicina Familiar e Ambulatorial (Pós-graduação) por meio do Sistema Presencial Conectado.

O serviço bancário não é oferecido no bairro Major Prates. Sua demanda parcial é absorvida por serviços terceirizados.

É muito importante destacar que o Parque Municipal da cidade está localizado neste bairro, à Avenida Major Prates, s/nº e fica aberto diariamente. Possui uma extensa área verde – ideal para piqueniques – lagoa com pedalinhos, restaurante, playground, quadras de esportes com chuveiro frio, campo de futebol, pista de bicicross e patins (Figura 3).



FIGURA 3 – Foto do Parque Municipal Milton Prates  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Ao lado do Parque, está o Zoológico Municipal (Figura 4), com animais silvestres de espécies variadas.



FIGURA 4 – Foto da entrada principal do Zoológico Municipal  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

## 2.2. Caracterização da Feira Livre

Ao adentrarmos a Feira-livre, para realizar nossas observações, fomos envolvidos por sua ambiência, configurada pela forte coloração das bancas de hortifrutigranjeiros e pela sonoridade das vozes dos feirantes que anunciavam suas vendas. Andando por seus corredores, observamos sua estética com “um novo olhar”, pois, apesar de já termos freqüentado outros espaços de feira, ali, nosso foco não eram os produtos a serem adquiridos e sim, os gestos e práticas dos sujeitos – feirantes e fregueses – que a freqüentavam – para vender ou para comprar.

Em nosso percurso, nos acompanharam uma máquina fotográfica e alguns formulários – Plano de Observação, Roteiros de Entrevistas – que em certos momentos foram deixados de lado para que pudéssemos apreender daquela Feira suas vivências, suas conversas, seus improvisos e fatos inusitados. Em nossa ação de fotografar a Feira, fomos envolvidos em suas jocosidades, o que nos oportunizou envolvimento e familiarização com aqueles que “fazem a feira”. Assim, entre uma foto e outra, ouvíamos os feirantes brincarem “a foto vai ficar muito boa! O cara aqui é artista! Bate a foto e leva a bandeja de uva prá ajudar! É quatro, mas eu faço três reais pra você!” (Carlos – feirante que comercializa uvas). “Você tem um arrozal? Vai levar as ‘caretas’ pra expulsar os passarinhos?” (Dona Secunda – uma das fundadoras da feira/ Figura 5).



FIGURA 5 – Foto de feirantes – fundadores da feira – e da pesquisadora (ao centro).  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Essa interação facilitou nossa entrada e permanência na feira, como alguém que, também, era parte dela. Assim, pudemos estabelecer conversas, descobrir jocosidades, experimentar seus gêneros, investigar estratégias matemáticas, participar de “contação” de casos, e até mesmo “descobrir” pessoas que, um dia, fizeram parte de nosso convívio – feirantes e fregueses – e que há muito não víamos.

A Feira Livre do bairro Major Prates cumpre seu papel no desenvolvimento sustentável<sup>12</sup> e na geração de emprego e renda. Além da exposição de produtos variados, o evento dominical é oportunidade para os moradores da zona urbana e da zona rural do município de Montes Claros, comercializarem seus produtos. É uma atividade de reconhecida relevância econômica para o município, representando a principal fonte de subsistência de centenas de pessoas.

A Feira é organizada no sábado, através da montagem de quatro fileiras de bancas. No domingo, cada feirante ocupa um lugar fixo – determinado na prática de “fazer” a feira – e aqueles que citamos, feirantes do improvisado – que não têm barracas, instalam-se embaixo das grandes lonas erguidas bem no final do espaço da feira e ainda, em arranjos improvisados: carrinhos de mão, caixotes de madeira, mesas de plástico e pequenas tendas adquiridas com o lucro da feira. Também ocupam aquela porção do espaço<sup>13</sup>, dois grandes sacolões e um aramado onde são fixados cd’s e dvd’s “piratas”. Há, ainda, um movimento intenso de vendedores ambulantes de produtos “importados” e outras “quinquilharias”, que param em “esquinas estratégicas” da feira ou defronte as bancas oferecendo seus produtos.

A Feira movimenta grande volume de hortifrutigranjeiros, pescados e outros produtos da região norte mineira. Ao adentrarem na feira livre, os fregueses são envolvidos por uma ambiência que se apresenta a partir da coloração dos produtos oferecidos nas bancas, bem como, pela sonoridade das vozes dos feirantes que promovem suas vendas. A Tabela 1 (que pode ser observada na próxima página) mostra os produtos comercializados, totalizando 85. Apesar de serem 78 respondentes (entrevistamos 65% dos 120 feirantes cadastrados na Associação), ocorre que, em uma mesma barraca, são vendidos mais de dois

---

<sup>12</sup> Desenvolvimento Sustentável, segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) da Organização das Nações Unidas, é aquele que atende às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de que as gerações futuras satisfaçam as suas próprias necessidades.

<sup>13</sup> SANTOS (2004, p.151) apresenta duas definições de ESPAÇO sendo, “o espaço como categoria permanente, ou seja, o *espaço* – o espaço de todos os tempos – e o espaço tal como hoje se apresenta diante de nós: nosso espaço, o espaço de nosso tempo”.

tipos de produtos. A Tabela 2 indica a origem dos produtos comercializados, totalizando 83 lugares diferentes de onde eles procedem.

TABELA 1  
Produtos comercializados pelos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates

<i>ITENS</i>	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PERCENTAGEM</i>
Frutas	20	23,5
Hortaliças	18	21,1
Verduras e legumes	17	20
Produtos importados	4	4,7
Confecções	2	2,3
Outros	24	28,2
<b>TOTAL</b>	<b>85</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008

TABELA 2  
Origem dos produtos comercializados na Feira Livre do bairro Major Prates

	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PERCENTAGEM</i>
Pólo Rural	54	65,0
Pólo Major Prates	2	2,4
Pólo Independência	2	2,4
Pólo Cintra	1	1,2
Pólo Santos Reis	1	1,2
Outros municípios	10	12,0
Outros estados	5	6,0
Ceanorte	2	2,4
Não respondeu	6	7,2
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008

Como vimos na Tabela 1, o ponto forte da Feira é a comercialização de frutas, hortaliças, verduras e legumes (chamadas pelos feirantes de “hortifruti”) – produzidas em Brejinho, Cabeceiras, Morro do Fogo, Mato Seco, Lagoinha, Taquaril – todas, comunidades rurais, próximas à cidade de Montes Claros. A Tabela 2 confirma a

procedência, marcadamente rural, dos gêneros comercializados na Feira. São oferecidos produtos de toda ordem: frango caipira vivo (amarrado) e abatido, vindo do Pradinho (nas cabeceiras do Rio Pacuí) e do Palmito (antiga estrada de Coração de Jesus); doces (especialmente de figo, mamão e de leite); produtos de milho verde: cozido ou na palha, pamonha e mingau (vindos de Taquaril); mudas de plantas medicinais, ornamentais e frutíferas; ovos caipiras; mel de abelha e de cana; produtos do leite: queijos, requeijões de quadro e de prato; peixes frescos do Rio São Francisco; temperos, pimentas e outros condimentos; pequi “in natura” e óleo de pequi; laranjas de Sergipe; abacaxis da Lagoinha; bananas da Jaíba; feijão verde e hidratado de Monte Azul, farinha do Morro Baixo, e outros produtos para degustar durante a feira: pastéis, “suco no saco”, garapa, torta, churrasquinho no espeto, beiju e tudo o que há que possa agradar aos freqüentadores da Feira.

Nesta dinâmica é possível apreender estratégias e táticas dos habitantes da cidade na produção do espaço urbano, todas estas evidenciadas nas práticas cotidianas de fazer a feira e de viver naquele espaço destinado à sua formatação (DE CERTEAU, 1994).

A lógica de mercado dos feirantes está ligada ao atendimento de suas necessidades básicas de consumo. Além de ter a oportunidade de comercializar seus produtos eles, também, adquirem na feira o que será consumido “em casa” durante a semana e ainda, realizam suas compras de supermercado e farmácia, ali mesmo, nas redondezas da feira, no bairro Major Prates.

### **2.2.1. Surgimento, regulamentação e organização**

Não há dados precisos sobre o surgimento da Feira Livre do bairro Major Prates. Através das entrevistas realizadas e conversas com os fundadores da Feira: Seu Jovino Patrício Amaral, Dona Secunda Fernandes da Silva (sua esposa), Seu José Afonso Santos (seu cunhado), verificamos que ela surgiu em outubro de 1985, com duas bancas de hortaliças e verduras produzidas na região da “Estrada dos Bois”.

As bancas eram montadas em cima de uma calçada na Avenida Castelar Prates, próximo ao número 196, onde havia o bar de “Seu Chico Gomes da Oito Baixa” (recebeu

esse codinome por causa da arte de tocar sanfona<sup>14</sup> na feira e em seu antigo bar), pai do Sr. José Augusto onde hoje funciona a Loja de Peças Automotivas “Zé Augusto Auto-peças”.

Os primeiros produtos oferecidos eram cultivados por “seu” Jovino e “seu” Afonso, que à época residiam no bairro Santos Reis. Segundo eles, houve uma tentativa, sem sucesso, de comercialização de seus produtos no bairro onde residiam. Atraídos pela intensa movimentação de pessoas e pela vocação comercial do bairro Major Prates, aventuraram-se em atravessar a cidade e instalar naquele passeio, sua banquinha de hortaliças.

Também Dona do Carmo, uma feirante que negocia roupas, e é membro da diretoria da Associação de Feirantes, nos relatou que esteve presente desde os primeiros momentos de instalação modesta da Feira no passeio citado. Nos contou um caso curioso de uma mulher que assassinou uma criança dentro do bar de Seu Chico Gomes, sendo presa e deixando os dois filhos pequenos para outros cuidarem. Dona do Carmo conta que foi aí que ela iniciou sua atividade na Feira: recebeu doações de peças de roupas para vender e reverter o dinheiro para as despesas das crianças órfãs. As crianças cresceram, a mãe foi solta, mas, ela não deixou de vender suas roupinhas e está na Feira até hoje.

Os dados da Tabela 3 evidenciam que, dos feirantes entrevistados, catorze podem ser considerados como fundadores da Feira, pois estão lá há mais de vinte anos. Os demais, embora fixos, ou seja, com barracas definidas pertencem ao grupo que foi incorporado à Feira.

TABELA 3  
Tempo de participação dos feirantes na Feira Livre do Bairro Major Prates

	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PERCENTAGEM</i>
20 anos ou mais	14	17,9
15 a 20 anos	8	10,1
10 a 14 anos	6	7,6
5 a 9 anos	22	28,2
1 a 4 anos	23	29,4
Menos de 1 ano	5	6,4
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008

<sup>14</sup> A sanfona é um cordofone (instrumento de cordas) com a particularidade de que o som é extraído através de uma roda accionada por uma manivela, que fricciona as cordas situadas dentro da caixa. Possui dois tipos de cordas: as cantantes (ou melódicas), responsáveis pela melodia, e os bordões (ou cordas pedais) que emitem um som contínuo, sem variações de tom. As melodias são obtidas dedilhando um teclado que acciona os tempereiros (espécie de martelo que prime as cordas cantantes que, friccionadas pela roda, emitem as diferentes notas). Ao abrir cada botão dos oito baixos é emitido um tom, ao fechar produz-se outro tom. (Fonte:www.nordesteweb.com.br )

Quanto aos registros formais sobre o estabelecimento da Feira, destacamos que, tivemos acesso ao Regulamento, através de uma entrevista realizada com Loranildo Araújo “Nego” – Presidente da Associação de Feirantes do Grande Major Prates. Ele nos contou que quando era presidente da Associação de Moradores do Bairro Major Prates, a Feira era responsabilidade da Associação e que todos tinham o desejo de melhorá-la. Havia à época, 34 barracas de ferro. Hoje (2008) são 120 barracas/ feirantes cadastrados na Associação, 147 feirantes trabalhando e 32 feirantes na lista de espera aguardando uma barraca. Com término de seu mandato como Presidente da Associação de Moradores, segundo “Nego”, os feirantes solicitaram que ele se tornasse Presidente da Associação de Feirantes e que, articulasse a criação da Associação, com Regulamento, Diretoria e seu respectivo Estatuto.

Foi então, no ano de 2007, instituído o Regulamento Para Funcionamento Da Feira Livre, eleita a Diretoria Executiva da Associação de Feirantes do Grande Major Prates e criado o Estatuto da Associação dos Feirantes do Grande Major Prates e Região de Montes Claros, tendo como seu Presidente Loranildo Araújo.

O Regulamento contém as normas que regem a organização, funcionamento, montagem e desmontagem da Feira, estando obrigados ao seu cumprimento, de um lado, o Expositor (feirante) e, de outro, como Promotor, a Associação da Feira Livre do Bairro Major Prates e Região.

Ele apresenta a feira como um grande evento de projeção institucional e comercial das potencialidades produtivas dos 15 (quinze) bairros que fazem parte do Grande Major Prates (no documento/regulamento estão registrados 18 bairros, mas, no mapeamento da SEPLAN, constam apenas 15 bairros).

Estão registradas as seguintes atribuições: a) Da Promotora (Associação da Feira Livre do Bairro Major Prates e Região): supervisionar todo o processo de instalação e operação da feira; planejar, juntamente com a equipe de coordenação, e executar todo o sistema de promoção, comunicação e divulgação da feira; embargar, retirar e suspender toda e qualquer exposição realizada em desacordo com as normas contidas neste regulamento. b) Do Expositor: cumprir rigorosamente, todas as obrigações contratuais assumidas com a Promotora, bem como as leis, regulamentos e normas legais vigentes; assumir inteira responsabilidade pelos danos causados, por si ou seus prepostos, durante todas as fases operacionais da Feira, na área de sua barraca; colocar em sua área, por sua

conta e risco, todo o material a ser exposto durante a Feira; a decoração da barraca ficará a cargo do expositor, devendo ser obedecido o padrão determinado pela coordenação; operar sua barraca com pessoal próprio; responsabilizar-se por todo transporte, carga e descarga, e demais despesas decorrentes da apresentação na barraca; tomar todas as providências legais referentes ao pagamento de impostos e taxas municipais, estaduais e federais, bem como de notas fiscais, necessárias à operação da Feira e pagamento de quaisquer multas fixadas em virtude de eventual fiscalização na barraca.

No regulamento para funcionamento da Feira, também, estão previstos no item Organização: a) Trajes a serem utilizados pelos Expositores: todos os expositores e auxiliares deverão estar vestidos com roupas apropriadas para o tipo de mercadoria exposta, atendendo às exigências de higiene, tais como: avental, lenço, touca, luvas, dentre outros. Além disso, no setor de alimentação, todos deverão procurar utilizar máscaras na preparação do alimento. b) Crachás de Identificação: todos os expositores e seus funcionários deverão trazer preso à roupa, em local visível, um crachá contendo seu nome. c) Limpeza e Higiene: cada expositor será responsável pelas condições de limpeza e manutenção de sua barraca.

Quanto ao aspecto Limpeza e Higiene, convém salientar que, neste ano de 2008, foram instalados na Feira, dois banheiros químicos. Seu Nego relatou-nos que uma importante conquista para a Feira, também em 2008, foi a segurança que é feita por dois policiais da Polícia Militar de Minas Gerais, que fazem a ronda durante toda a Feira, a partir das 4h da manhã.

Foi muito bom ganharmos o apoio da polícia, principalmente, para quem chega de madrugada, para as pessoas que vêm da roça. É muito perigoso! Agora, eles estão mais tranquilos. Alguns feirantes já foram assaltados por malandros. Os policiais ficam do início ao fim da Feira. (Depoimento de Nego na entrevista que fizemos).

A leitura crítica que fazemos sobre o item Organização, é que algumas das normas previstas são questionáveis, por exemplo, o Uso do Crachá, pois, na Feira, todos se conhecem pelo nome, a não ser, os visitantes que não fazem, efetivamente, aos domingos sua feira. Também, para que a regra: uso de máscaras, aventais se efetive, seria necessária a intervenção do Poder Público, fornecendo, ainda que, num primeiro momento, os insumos básicos para os feirantes se organizarem. Em nossa percepção, e ainda, na observação

atenta que fizemos da Feira, existem aqueles que não têm condições para “obedecer” àquelas regras estabelecidas.

Destacamos as Regras de Circulação e Transporte de Mercadorias, também previstas no Estatuto, assim descritas: as mercadorias que forem expostas na Feira Livre do Bairro Major Prates, deverão estar dentro das normas da vigilância sanitária.

No item Decoração das Barracas fica claro que as barracas serão montadas obedecendo ao padrão previamente definido pela Associação da Feira Livre do Bairro Major Prates e Região, em conjunto com os expositores e que, qualquer modificação deverá ser aprovada pela Associação, após solicitação prévia. Contudo, observamos um arranjo irregular, bem no final da Feira, onde estão as últimas barracas. Naquele ambiente, observamos tendas – grandes: para os dois sacolões que ocupam o espaço da Feira – e pequenas: dos vendedores de folhas que foram incorporados mais recentemente à Feira, bem como: mesinhas de bar, caixotes, carrinhos de mão e duas lonas estendidas no chão onde são colocadas roupas e vasilhas de alumínio (Figuras 6, 7, 8 e 9).



FIGURA 6 – Foto das tendas que abrigam os sacolões.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008



FIGURA 7 – Foto das lonas estendidas no chão para comercialização dos produtos.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.



FIGURA 8 – Foto de arranjos improvisados para organização dos produtos.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.



FIGURA 9 – Foto de arranjos improvisados para organização dos produtos.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Quanto à Montagem das Barracas, conforme o regulamento, o Expositor é responsável pela observância de cuidados específicos em relação à utilização da área de exposição, devendo atentar para as seguintes normas: não apoiar, amarrar ou dependurar quaisquer objetos ou produtos expostos, na estrutura, cobertura ou paredes das casas vizinhas às barracas; não utilizar aparelhos de som com volume alto que incomode aos

moradores do local e aos freqüentadores da Feira; o piso do local da Feira não poderá, de forma alguma, ser demarcado, furado ou pintado pelo expositor; as vias de circulação não poderão ser utilizadas para depósito de materiais, ferramentas e produtos a serem instalados nas barracas; toda operação de montagem deverá ser realizada dentro dos limites das barracas; o expositor não poderá desmontar sua barraca, nem processar a remoção de seus produtos ou equipamentos, antes do término da Feira; é proibida a introdução de bebidas alcoólicas na área da Feira, bem como de explosivos, inflamáveis ou produtos que constituam riscos à segurança pública.

Foi curioso observarmos que a penúltima recomendação do item Montagem das Barracas, não é totalmente cumprida, pois, quando o produto acaba em alguma barraca, por volta de 11 horas, mesmo antes do término da Feira (por volta do meio-dia até às 13 horas), como vimos em alguns domingos, o feirante “arruma sua tralha” e deixa a barraca totalmente desocupada, limpinha, como se não tivesse havido Feira naquela porção do espaço (Figura 10).



FIGURA 10 – Foto de feirante desmontando sua barraca antes do horário estabelecido.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

As regras sobre o Local de Funcionamento da Feira, estão assim estabelecidas: o local estará disponível para montagem e decoração das barracas de 4 horas às 8 horas da manhã, no dia do evento; a área que não for ocupada pelo expositor até às 8 horas do dia da Feira, será considerada vaga e livre pela coordenação, sem que caiba qualquer indenização ao Expositor. Além disso, o expositor que faltar a 03 (três) feiras consecutivas perderá seu espaço, caso a justificativa não seja aceita pela coordenação; as barracas, em nenhuma

hipótese, poderão ser sublocadas, emprestadas ou repassadas a terceiros, sendo que, em caso de desistência, a coordenação da feira definirá outros expositores constantes na lista de espera; é vedada a distribuição, promoção ou qualquer atividade do expositor fora do limite de sua barraca; serão permitidos os efeitos sonoros dentro das barracas, desde que não ultrapassem o que prescreve a legislação e nem perturbe as barracas vizinhas; os serviços de limpeza dentro das barracas deverão ser realizados pelo expositor durante o tempo de montagem e desmontagem desta, devendo o lixo recolhido ser acondicionado em sacos plásticos e depositado no local previamente indicado pela coordenação. O expositor manterá no interior da barraca recipiente para depósito de lixo; os materiais, produtos e equipamentos do expositor, na sua respectiva barraca, será de sua inteira responsabilidade; o expositor não poderá manter em sua barraca qualquer material que ofereça riscos de acidentes. Os botijões de gás a serem utilizados, deverão ser instalados de acordo com as normas de segurança, sendo o expositor responsável por qualquer acidente em decorrência do uso destes; o uso da energia elétrica só será aceito após avaliação e aprovação da equipe de coordenação da feira e as despesas com a mesma correrão por conta do Expositor.

Observamos no aspecto Limpeza das Barracas, que as regras são cumpridas conforme estão registradas. Há na Feira um cuidado, por parte dos Feirantes, com a ambiência do espaço: as barracas estão sempre sendo arrumadas, os produtos estragados são recolhidos a todo o momento e o que não será vendido acondicionado em sacos plásticos, cestos e caixas (Figura 11) como previsto no parágrafo anterior.



FIGURA 11 – Foto de arrumação das barracas (aspecto limpeza).  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

O Regulamento diz que a desmontagem das barracas e retirada completa dos materiais expostos e equipamentos utilizados deverá ocorrer no horário de 13h às 15h, devendo o expositor reforçar a vigilância de seus bens até a retirada destes; o expositor deverá acompanhar, fiscalizar e supervisionar todo processo de retirada de seu material; os equipamentos, produtos e materiais não retirados do local da Feira após o término do prazo previsto para desmontagem das barracas, serão considerados abandonados pelo expositor.

Na entrevista com Nego foi-nos relatado que tanto a montagem quanto desmontagem da Feira é feita por cinco rapazes, que são remunerados a partir da coleta, dominical, de R\$ 2,00 (dois reais) de cada feirante (Figura 12). São montadas no sábado entre 13 horas e 20 horas, as quatro fileiras com trinta barracas, perfazendo um total de cento e vinte.

Nós, da diretoria, passamos em cada uma das barracas a partir das 10h, para recolher os dois reais. Só pode receber a contribuição quem está devidamente uniformizado. Isso identifica quem é da diretoria. O feirante não corre o risco de ser passado para trás (Explica Nego na entrevista).



FIGURA 12 – Foto do recolhimento da contribuição para montagem das barracas.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

O Regulamento para Funcionamento da Feira Livre diz que o descumprimento das regras constantes no documento, por duas vezes, através de notificação da equipe de coordenação, acarretará a perda do espaço pelo expositor. E ainda que é terminantemente proibida a venda de bebidas alcoólicas nas barracas; o expositor que se envolver em discussão ou luta corporal com o companheiro de trabalho, com a fiscalização e cliente,

automaticamente será desligado do quadro de expositor, não tendo o direito de recorrer a referida decisão; a equipe de coordenação realizará reuniões periódicas com os expositores, objetivando levantar e sanar irregularidades, bem como discutir propostas de melhorias.

Sobre a dinâmica de funcionamento da Associação, Nego nos relatou:

Nossa associação, ainda, não tem sede própria. A sede é, provisoriamente, essa varanda (espaço da casa onde aconteceu a entrevista/ Figura 13). Já tivemos duas reuniões na câmara, duas na Drogasul<sup>15</sup> e duas aqui em casa. As reuniões foram basicamente para discutir o regulamento, para eleger a diretoria e também, para contar as novidades: o ganho das novas barracas e do som (em 2006); e dos dois banheiros químicos (em 2008).



FIGURA 13 – Foto do Presidente da Associação de Feirantes da Feira Livre do Major Prates. Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Nessa entrevista ele nos disse ainda que, atualmente, a principal necessidade da Feira é a reforma das lonas e doação de outras novas para quem está na “lista de espera”. Ressaltou que nos planos que ele, a diretoria e os feirantes têm para a Feira está o aumento do número de bancas. Esclareceu que considera a Feira importante para o desenvolvimento do bairro Major Prates porque fortalece o comércio local, pois, todos os estabelecimentos comerciais – supermercados, farmácias, padarias, confeitarias, armazéns, papelarias abrem, também, aos domingos por ocasião da Feira livre.

<sup>15</sup> A Drogasul é a principal farmácia do bairro, onde os feirantes fazem suas compras de medicamentos e onde os mesmos também têm uma caderneta para anotar débitos, quitando-os quando têm dinheiro.

Há ganhos em todos os sentidos – para quem vende e para quem compra. O pessoal gosta de vir à feira porque o ambiente é diferente, a gente encontra os amigos. Também porque os produtos comercializados aqui são frescos e saudáveis – vêm das roças! – argumenta Nego.

Na opinião desse Presidente, a experiência da feira Livre do Major Prates pode ajudar a outras feiras de Montes Claros, aliás, ele acredita que as feiras inauguradas em 2006, no Grande Delfino, no Grande Renascença, no Grande Maracanã e no Grande Santos Reis, devem sua modesta existência à Feira Livre do Major Prates, que tem como ponto forte o comércio de hortifrutigranjeiros: “a feira deles vende mais artesanato. Isso não atrai muito o freguês, a pessoa compra é o que comer!”.

Destacou ainda Nego, com veemência, que a feira resistiu e resiste ao tempo porque

o bairro é grande, o mercado municipal é distante, falta condução para quem quer freqüentá-lo no sábado e domingo. Então, a feira é próxima de casa e oferece tudo o que o freguês precisa. Hoje, o pessoal nem lembra do mercado! Se você compra alguma coisa e descobre, em casa, que não está boa, pode trocar, pode falar com o feirante. As pessoas se conhecem, se respeitam. A gente confia uns nos outros e isso é ótimo pra Feira! – conclui Nego ao final da entrevista.



FIGURA 14 – Foto de uma das entradas da Feira (aspecto geral).  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Na Figura 14 vemos o aspecto de uma das entradas principais da Feira pela Avenida Francisco Gaetani esquina com Avenida Castelar Prates (onde se instala dominicamente a Feira).

### **2.2.2.A Associação de Feirantes**

Foi em 07 de outubro de 2007, criada e constituída, com sede e foro na cidade de Montes Claros/MG, a Associação dos Feirantes do Grande Major Prates e Região de Montes Claros/MG, com sede provisória à Rua Nirceu Lopes da Silva, 531, Bairro Major Prates, sem fins lucrativos e sem distinção de credo, sexo, raça ou condição social, regendo-se pelo Estatuto descrito, em parte, a seguir.

Parágrafo Único – Para atender à sua finalidade de Associação dos Feirantes do Grande Major Prates e Região de Montes Claros deverá: zelar pelo combate à fome, à miséria e pobreza; integrar seus beneficiários no mercado de trabalho; divulgar e promover a prática da cultura e do esporte; trabalhar em prol da preservação do meio ambiente. A fim de alcançar seus objetivos e finalidades a entidade poderá firmar convênios com a iniciativa privada, com órgãos públicos federais, estaduais e municipais da administração direta ou indireta, educação, cultura, esporte, lazer e turismo (além, é claro, de atividades produtivas, visando melhorar a renda e o bem estar social de seus associados).

O Artigo 2º diz que o prazo de duração da Associação será por tempo indeterminado. Só poderá ocorrer extinção da Associação por decisão da maioria absoluta da Assembléia, assim mesmo após quatro anos de funcionamento, e caso vier a ocorrer a dissolução da Entidade, seu patrimônio será destinado a uma Entidade Congênere, juridicamente constituída e registrada no Conselho Nacional de Assistência Social.

Nos Artigos 5º e 6º estão registrados os Deveres e Direitos dos Associados, sendo: participar das Assembléias; desempenhar com dedicação as atividades que lhes forem atribuídas; zelar pelo bom nome e desempenho das atividades da Associação de Feirantes do Grande Major Prates e Região de Montes Claros; colaborar com o Poder Público na observância das Leis e Posturas municipais, no que tange às atividades da Associação. Votar e ser votados para os devidos cargos de sua diretoria, desde que estejam quites com os compromissos da Associação, e comparecido, no mínimo, à metade das reuniões anuais, desde que convocados; participar das assembléias gerais, apresentar indicações discuti-las e votá-las; utilizar todos os serviços e vantagens que lhes forem oferecidas.

Em nosso entendimento, as iniciativas de melhor organização da Feira Livre do Bairro Major Prates – Criação do Regulamento, da Diretoria e seu respectivo Estatuto, contribuíram para a visibilidade da Feira, perante outras que foram instaladas nos pólos da cidade (Grande Delfino, Grande Renascença, Grande Maracanã e Grande Santos Reis) entre 2006 e 2007, pois, conforme Nego houve pessoas que quiseram ver como “a Feira é feita” no domingo e como foi “feita” no registro do papel.

### **2.2.3. A diretoria da Feira Livre**

Em tempos anteriores a responsabilidade de organização da Feira, estava estreitamente ligada à Associação de Moradores do bairro Major Prates.

Por um período de tempo, os feirantes – fundadores da Feira – como é o caso de Seu Antônio, atuaram como organizadores da mesma.

Em 28 de fevereiro de 2008, foi eleita oficialmente, a primeira Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal da Associação de Feirantes do Grande Major Prates, sendo assim constituídos:

Diretoria Executiva:

Diretor Presidente: Loranildo Araújo

Vice-presidente: José Helder de Oliveira Ramos

1ª Secretária: Rayane Franciele C. Soares

2º Secretário: Geraldo Pereira dos Santos

1º Tesoureiro: Ambrósio Cardoso dos Santos

2º Tesoureiro: Francisco da Silva Gusmão

Conselho Fiscal:

Efetivos: 1º Conselheiro Fiscal: Arnaldo Amaral

2º Conselheiro Fiscal: Maurílio Francisco dos Santos

3º Conselheiro Fiscal: Luiz Pereira de Souza

Suplentes: 1º Conselheiro Fiscal: Felício Alves Caldeira

2º Conselheiro Fiscal: Antônio Marcílio Araújo

3º Conselheiro Fiscal: Maria do Carmo dos Anjos Gonçalves

De acordo com o Estatuto da Associação, a diretoria será composta por seis membros efetivos e seis suplentes. Todos com direito a um mandato de três anos, com uma prorrogação, escolhidos em Assembléia Geral. Sobre a Diretoria, o Artigo 28º diz que sua eleição será na primeira quinzena de outubro, sempre por voto direto e secreto, chapas completas, e, convocada com antecedência mínima de trinta dias conforme Edital.

No Artigo 9º, estão registradas as seguintes competências da Diretoria: reunir-se ordinariamente, de trinta em trinta dias, sob a direção do Presidente, ou em sua falta, do vice-presidente e, em falta deste, do 1º secretário; convocar extraordinariamente assembléia geral; criar comissões para resolver atividades específicas; aprovar inscrições de associados; fazer a Prestação de Contas e balancetes para apreciação da Assembléia.

Durante nossa primeira caminhada pela Feira, Nego apresentou-nos para os outros membros da diretoria e para os fundadores da Feira.

Em várias de nossas andanças pela Feira, verificamos na atuação de Nego, uma espécie de delegado da Feira, sempre com a camiseta branca com inscrições verdes “Presidente – Nego”. Ele conversava, arrumava uma coisa e outra, verificava a limpeza do piso, próximo a cada banca, endireitava as lonas maiores, apertava as mãos dos feirantes, acenava para os fregueses, parava para papos rápidos e sempre nos apresentava como pesquisadora da Unimontes. Ao aproximar-se o horário de encerramento da feira, por volta do meio-dia, Nego e outros membros da diretoria (Figura 15) passavam recolhendo a quantia de R\$2,00 (dois reais), doada por cada feirante para o pagamento dos cinco rapazes que montam as bancas no sábado à tarde e as desmontam no domingo, à partir das 13h.



FIGURA 15 – Foto de Membros da Diretoria da Feira Livre do Major Prates.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

### 2.2.4. Perfil dos feirantes

Identificamos nessa pesquisa, um número expressivo de feirantes que se deslocam de comunidades rurais (Pólo Rural) próximas a Montes Claros, conforme dados apresentados na tabela 4, as quais destacamos: Pradinho, Vaca Brava, Fazenda Mocambinho, Pacuí, Planalto Rural (Pentáurea), Santa Bárbara, Lagoinha, Santa Maria, Traíras, Brejinho, Riacho Fundo, Traçadal, Mimoso, Fazenda Bonina,

Há os que vêm de longe: D. Eunice que se divide entre São Francisco (onde pesca ela mesma e o marido os peixes que vende na Feira) e Montes Claros (onde moram seus filhos, inclusive a jovem Poliana que a ajuda no domingo de Feira); D. Silça dos Reis Araújo, de Monte Azul, que produz e comercializa na Feira o famoso feijão verde, ou se o freguês preferir, hidratado.

TABELA 4  
Lugar de origem dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates

	<i>FREQUÊNCIA</i>	<i>PERCENTAGEM</i>
Pólo Rural	27	34,6
Bairro Major Prates	21	26,8
Outros bairros	26	33,3
São Francisco	1	1,3
Juramento	2	2,6
Monte Azul	1	1,3
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008

Há, também, os residentes na urbe, moradores do bairro Major Prates e de outros bairros: Santos Reis, São Judas, Sagrada Família, Vila Guilhermina, Maria Cândida, Morrinhos, Chácara dos Mangues, São Geraldo I e II, Alto da Boa Vista, João Botelho, Dr. João Alves, Independência, Santa Cecília, Conjunto Joaquim Costa, Renascença, Maracanã, Sumaré, Eldorado, Nossa Senhora das Graças e Tancredo Neves, que comercializam seus produtos, dominicalmente, na feira e, durante a semana os oferecem em suas próprias casas, em pequenos pontos comerciais, nos caminhões (como é o caso de Sassá – que vende laranja e melancia), além de freqüentarem o Mercado Central na sexta e no sábado. Aqueles que não produzem o que vendem, buscam na Central de Abastecimento

do Norte de Minas (CEANORTE) os produtos para oferecer na Feira. Há os que vendem “na meia”, ou seja, por não terem o pedaço de terra para produzir, associam-se a parentes e/ou amigos e comercializam o que é produzido por eles, repartindo, posteriormente, os lucros obtidos na Feira.

Esses dados nos revelam que, 35% dos feirantes que comercializam seus produtos na Feira Livre do bairro Major Prates são oriundos de comunidades rurais próximas a Montes Claros e que, o ato de “fazer a feira” está estritamente ligado às estratégias de sobrevivência, pois ao “vender” os produtos que cultivam, eles podem adquirir outros necessários à manutenção da casa e à sua vida cotidiana.

Nesse sentido, Fernandes (2006) enfatiza a diferença que há entre as Feira do Major Prates e os mercados centrais (o próprio Mercado Municipal Central e os sacolões), atribuindo-lhe a característica de “território dos feirantes rurais”, por deterem controle do espaço. Salienta que a *reciprocidade* configura-se como cerne da sociedade daquele local, enquanto nos mercados centrais o foco são os interesses do mundo urbano. O autor (2006, p. 50) argumenta que

seria ignorância afirmar que os feirantes não buscam dinheiro, pois o caráter monetário é mais um componente da rede de relações sociais baseados na reciprocidade. É isso que é demonstrado na vivência dos feirantes. O fator monetário não é um determinante e muito menos um centro gravitacional onde as demais relações giram em torno. O dinheiro não significa a mera aquisição de bens materiais. Os bens materiais são instrumentos na reprodução social via territorialidade. Portanto, a aquisição de dinheiro dá sentido a aquisição de uma matéria que tem em sua significância a *não-matéria*. Significa a manutenção do vínculo entre pessoas que tem a reciprocidade como o cerne do seu modo de vida.

Destarte, cumpre-nos dizer que a relação dos feirantes, bem como dos fregueses, da Feira Livre do bairro Major Prates está baseada na confiança e na reciprocidade (LÉVI-STRAUSS, 1996) estabelecida nas trocas sociais que engendram. Observamos a efetivação de trocas simbólicas presentes nas sugestões de compra dos produtos, nas escolhas, nas interações verbais do “pedir menos” ou do arredondamento do peso e do preço, contribuindo para que a Feira se constitua num espaço privilegiado de trocas e sociabilidades, de negociação com diferentes “universos simbólicos” no contexto do espaço urbano (VELHO, 1999).

Apresentamos nas Tabelas 5 e 6, a caracterização que fizemos dos feirantes estabelecidos na Feira. Elas evidenciam a idade dos entrevistados e sua escolaridade, respectivamente.

TABELA 5  
Idade dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates

	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PERCENTAGEM</b>
18 – 26	6	7,7
27 – 35	9	11,6
36 – 44	18	23,2
45 – 53	16	20,5
54 – 62	13	16,6
63 – 71	9	11,4
72 – 80	4	5,2
Não respondeu	3	3,8
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008

No que se refere ao levantamento e agrupamento de feirantes por faixa etária (Tabela 5), podemos destacar que a idade mínima apresentada foi 18 anos. A idade máxima chegou aos 80 anos. A média de idade dos feirantes correspondeu a 45,3 anos e a mediana correspondeu a 47 anos. Em nosso mapeamento, verificamos que o grupo de feirantes é composto, majoritariamente, por adultos que elegeram a Feira para a realização de suas atividades profissionais.

Na Tabela 6 podemos verificar que 33,4% dos feirantes não concluíram o Ensino Fundamental I (antiga 1ª a 4ª série). Apesar da pouca escolaridade, constatamos que não há um comprometimento para as atividades realizadas na feira.

TABELA 6  
Escolaridade dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates

	<b>FREQÜÊNCIA</b>	<b>PERCENTAGEM</b>
Ensino Fundamental I incompleto	12	15,4
Ensino Fundamental I completo	26	33,4
Ensino Fundamental II incompleto	11	14,1
Ensino Fundamental II completo	4	5,1
Ensino Médio incompleto	4	5,1
Ensino Médio completo	8	10,3
Ensino Superior incompleto	3	3,9
Não estudou	1	1,3
Não respondeu	9	11,5
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008

### 2.2.5. Perfil dos fregueses

Através de nossas incursões e conversas durante os domingos de feira, identificamos que os fregueses são oriundos de vários bairros, predominando os residentes no próprio Major Prates, bem como, dos bairros que compõem o pólo do Grande Major Prates, sendo: Morada do Sol, Augusta Mota, Canelas II, Vargem Grande, São Geraldo I e II, Jardim São Geraldo, Chiquinho Guimarães, Chácara dos Mangues, Jardim Liberdade, Morada do Parque, Morada da Serra, Chácara Paraíso e Condomínio Residencial Serrano. Também ficamos conhecendo fregueses que vêm de longe, dos bairros: Centro, Cintra, Morrinhos, Delfino Magalhães e Eldorado.

Verificamos, através das entrevistas, que os poderes aquisitivos são diferenciados e que as motivações para a frequência à feira, também. Há os que vão para adquirir os produtos a serem consumidos durante a semana; os que vão para passear, “bater papo”, rever parentes e amigos; flertar e namorar; combinar os encontros para a noite de sábado e, curiosamente, aqueles que vão para fazer pesquisa de preços, como é o caso de Antônio Augusto Júnior, morador do bairro Cintra, que vai à feira ver as novidades em cd’s e comparar preços, visto que possui um comércio de cd’s no bairro onde reside.

Há que se destacar a presença de moradores das comunidades rurais: Brejinho, Mato Seco, Santa Bárbara, Pradinho, Cabeceiras, Ermidinha, Pau D’óleo, Lagoinha, Mimoso, Pacuí, que vão à Feira para encontrar parentes, conterrâneos, compadres, amigos de longa data, aproveitando para tomar “uma birita” (cachaça), beber cerveja (não são vendidas bebidas alcoólicas na feira e sim nos bares circunvizinhos) e degustar os churraquinhos e petiscos que a Feira oferece.

Consideramos todos os momentos de presença na Feira (as caminhadas por seus corredores, as observações participantes na parte interna das bancas – na do Sassá (Laranja) e do Chicão (Alho), as conversas e interações com outros feirantes, a “descoberta” de fregueses domingueiros) altamente significativos para nossa proposta de desvendar os saberes e fazeres dos sujeitos sociais da Feira Livre do bairro Major Prates, evidenciados nas suas artes de nutrir, dizer e fazer etnomatemático e suas contribuições para o desenvolvimento social local.

### CAPÍTULO 3 – FAZENDO A FEIRA

Em nossas andanças pela Feira, também aludidas no capítulo anterior, constatamos que este “lugar” é “*um espaço praticado*”<sup>16</sup> (DE CERTEAU, 1994), pois é moldado pelas práticas cotidianas dos sujeitos que o compõem.

Neste capítulo, fizemos um mergulho nestas práticas através das vivências e conversações estabelecidas com feirantes e fregueses. Na construção dominical da Feira, na descoberta das vozes, gestos e performances características “das artes de dizer” dos feirantes, em seus atos e fazeres matemáticos, aos quais chamamos “artes de fazer” associando-os à etnomatemática (DE CERTEAU, 1994; D’AMBROSIO, 2005) e em nossas interações com os fregueses, discutindo suas motivações para fazer a feira, a preferência pelos gêneros ali oferecidos, bem como, na observação de seus atos de manipulação da matéria, portanto, “as artes de nutrir” (DE CERTEAU *et al.*, 1996) foi que se nos apresentou a ritualização, no cotidiano urbano, das diferentes tradições que o compõem (DE CERTEAU, 1994) formatando, de um modo bastante peculiar, aquela porção territorial da cidade em que é realizada, dominicalmente, a Feira.

Conforme Lüdke e André (1986) na análise de dados qualitativos, faz-se necessário “trabalhar” todo o material coletado na pesquisa: entrevistas, registros de observações. As autoras argumentam (1996, p.45) que

a tarefa de análise implica, num primeiro momento, a análise de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento, essas tendências e padrões são realizados, buscando-se relações e interferências num nível de abstração mais elevado.

Desse modo, na descrição de nossas análises, articularemos elementos do referencial teórico aos dados coletados em nossa vivência na Feira.

Cumpre-nos esclarecer que optamos por apresentar as falas dos feirantes e fregueses com recuos, como nas citações diretas.

---

<sup>16</sup> O espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço por pedestres (DE CERTEAU, 1994, p. 202). O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram (DE CERTEAU, 1994, p. 202). Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (DE CERTEAU, 1994, p. 201).

### 3.1. As Artes de dizer: performances e jocosidades dos feirantes

A partir do estudo da teoria de De Certeau (1994) entendemos que, as práticas cotidianas dos feirantes: suas narrações, discursos e gracejos estão ligados às “artes de dizer” ao

[...] restituir importância científica ao gesto tradicional (é também uma gesta) que sempre narra as práticas. Neste caso, o conto popular fornece ao discurso científico um modelo, e não somente objetos textuais a tratar. Não tem mais o estatuto de um documento que não sabe o que diz, citado à frente de e pela análise que o sabe. Pelo contrário é um saber dizer exatamente ajustado ao seu objeto e, a esse título, não mais o outro do saber mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria (DE CERTEAU, 1994, p.153).

Esses dizeres articulam-se às performances, risos e jocosidades (BAKHTIN, 1996) utilizadas em sua representação do mundo, bem como, evidenciam a produção do espaço vivido nas relações construídas na Feira. Desse modo, em suas estratégias de fala, estão evidenciados sistemas simbólicos mediadores de suas ações com o mundo, “ordenando e interpretando o presente e a realidade vivida a partir da fala” (VEDANA, 2004, p. 82).

Através das interações dos feirantes com seus fregueses, são acionadas formas simbólicas de comunicação, presentes em suas performances orais, estabelecendo articulações entre si, bem como, com seus fregueses, evidenciadas nas piadas, brincadeiras, gracejos e jocosidades (LANGDON, 1999). Reproduziremos nossas escutas da Feira, compondo uma interpretação do que ouvimos, observamos e vivenciamos, destacando as “artes de dizer”.

O começo de tudo deu-se em nossa primeira incursão à Feira, no dia 01 de junho de 2008, com o intuito de registrar nossas segundas impressões, pois, já havíamos freqüentado-a em outros tempos (ano de 2007), com a intenção de observação e familiarização. Ao percorrer os corredores da Feira, identificamos um sujeito curioso, cercado de inúmeros fregueses, com tom de voz bastante audível e que atendia, a quem lhe chamasse, pelo codinome “Sassá”. Trata-se de Marcos Eduardo Santos, um vendedor de frutas, especialmente, laranjas e melancias, com idade de 32 anos, residente no Conjunto Maria Cândida, feirante estabelecido na Feira há mais de cinco anos, sempre alegre,

trajando bermuda, camiseta de malha e usando boné, sendo a aba virada para trás. Tomamos como ponto de partida esta banca, complementando as análises a partir das experiências vividas em outras, apresentando aspectos importantes dos fazeres e dizeres dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates, produtores da ambiência e estética deste mercado<sup>17</sup>.



FIGURA 16 – Foto do feirante “Sassá” em uma de suas performances.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2007.

Sassá trazia em seus movimentos a jocosidade de suas palavras (Figura 16): “pode bater a foto. Mas vai ter que levar laranja também!”

Brincando com um e com outro, inventava promoções, dizia que a mercadoria estava especial naquele dia, comunicava-se com as palavras e com o corpo, numa atitude de caricatura das formas de movimento e de corpo humanas (BAKHTIN, 1987).

<sup>17</sup> “Falamos de mercado quando pelo menos por um lado há uma pluralidade de interessados que competem por oportunidades de troca”, assim o “[...] fenômeno específico do mercado [é] o regateio” (WEBER, 1991, p. 419). Weber via o mercado como o resultado de duas formas de interação social – a troca, que está simultaneamente orientada para o parceiro e para os concorrentes, e a competição (luta sobre os preços entre o cliente e o vendedor e entre concorrentes, tanto vendedores como clientes). Estabelece-se então uma idéia fundamental em relação à visão econômica do mercado, qual seja, a noção de luta e, conseqüentemente, de poder, que introduz uma dimensão política no coração de um fenômeno econômico (WEBER, 1991).



FIGURA 17 – Foto do feirante Sassá em atividade.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Em suas performances, Sassá não interrompia o ritmo do trabalho, ao contrário parecia mais ágil no destaque dos sacos plásticos (Figura 17), na efetivação dos trocos, atendendo à sua banca, ao caminhão onde ficavam as melancias – vendidas por seus filhos – e ainda, encontrava tempo para dar assistência a duas bancas que são suas (uma bem próxima, no centro da Feira e outra já no final, no último corredor) mas que são “cuidadas” por outros. Os papéis sociais presentes na interlocução de Sassá com seus pares são evidenciados na fala, na expressividade oral como

golpes ou táticas que produzem uma “arte de fazer e de dizer” ordenada nestas oralidades. Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir maneiras de “fazer” – de caminhar, ler, produzir falar, etc (DE CERTEAU, 1994, p. 92).

Num dos dias de feira em que ficamos, exclusivamente, em sua banca identificamos práticas sociais que evocam o paradigma da dádiva<sup>18</sup> na Feira. Conforme Mauss (2003, p. 258), a dádiva corresponde a um crescimento da consciência de ser, imputando autoridade e fama para o doador. “Dar não é mais oferecer algo de si, mas

<sup>18</sup> “O paradigma da dádiva repousa na idéia de “qualquer prestação de bens ou serviços efetuada sem garantia de retorno, tendo em vista a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social. Na relação de dádiva, o vínculo é mais importante que o bem”(CAILLÉ, 2002, p. 192).

adquirir esse si”. Desse modo, a dádiva faz nascer o prestígio, oportunizando ao doador a constituição de seu próprio nome, de sua fama.

Sassá coloca, efetivamente, uma ou duas laranjas de agrado<sup>19</sup> para seus fregueses, especialmente, os conhecidos.



FIGURA 18 – Foto do feirante Sassá em situação de venda.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Também há que se destacar os arredondamentos matemáticos feitos por ele, tanto no peso quanto no valor do produto, abaixando o valor e o peso, procurando de toda forma “cativar” os fregueses, análise que faremos mais adiante, aludindo-os às artes de fazer etnomatemático (Figura 18).

Quanto deu Sassá? (Freguês)  
Dois real! Dois quilos e duzentas gramas! Dois quilos pro senhor! (Sassá)

Verificamos na Feira que o “dar” não significa ficar com menos, ao contrário, pode equivaler a ganhar: a confiança do freguês, a certeza de sua volta, sua fidelidade dominical, contrariando o paradigma capitalista que associa-se ao comprar, vender, obter lucro, achar facilmente, tudo o que evoque vantagem; menos dar “desinteressadamente”, emprestar, doar (MAUSS, 1974). Esses valores são praticados inconscientemente, melhor dizendo, naturalmente, estão arraigados no cotidiano dos sujeitos que fazem a Feira.

<sup>19</sup> A expressão “dar de agrado” tem a mesma conotação do paradigma da dádiva.

Foi um dia especial, pois, muitos fregueses nos tomaram por feirante, indagando sobre o preço da laranja e pedindo uma “prova<sup>20</sup>” para ver se estava mesmo boa.

A como é a laranja, minha filha? Está docinha mesmo? Tem caldo?” (Herculano Pereira de Souza – morador do bairro Major Prates que nos tomou por vendedora na banca do Sassá/ Figura 19).



FIGURA 19 – Foto de freguês experimentando o produto.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Nesse dia, ganhamos de presente do Sassá um abacaxi de tamanho e dulçor especiais. Uma gentileza que, novamente, evoca o paradigma da dádiva na Feira.

Passaremos, doravante, a narrar nossas interações em outras bancas. Primeiramente, na banca do Chicão que, também, é conhecido de todos e que demonstra familiaridade com seus pares, seja cuidando das bancas próximas, vendendo os produtos alheios, fazendo trocos, ele revela nos jogos de palavras a inteireza de sua confiança e estreito relacionamento com seus fregueses. Chicão é um sujeito alto, de voz grave, sorridente, sempre arrumado e, também, é um dos membros da Diretoria da Feira.

Certa feita, um freguês aventurou-se a pegar uma réstia de alho e sair sem pagar. Chicão, de longe, gritou jocosamente “pode fazer o tempero sossegado”!

Ele volta e cumprimenta Chicão, travando uma breve conversa.

<sup>20</sup> A “prova” é aqui entendida como a oportunidade de degustar o produto e decidir por adquiri-lo ou não. Funciona como uma cortesia do feirante e, regularmente, é verificada no espaço da Feira.



FIGURA 20 – Foto do feirante Chicão em suas atividades.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Observamos, que Chicão (Figura 20) se faz presente nas bancas ao redor da sua, especialmente na de Sassá, a quem chama de meu filho. Ele se envolve nas vendas, promoções, fazendo-se pertencido onde quer que chegue: “Baixou! Baixou! A laranja é só um real!”.

Interpelamos Chicão argumentando que a laranja já estava sendo vendida a um real. Ele contrargumentou dizendo que era para dar mais emoção à Feira, ao que interrompeu nossa conversa e gritou: “Vende a manga aí pra mim, Dudu! Pode escolher freguês! Só estou ajudando meu filho aqui (referindo-se a Sassá). Dudu, você falou que o alho é cinco? Então tá garantido”.

Foi uma gargalhada só! Chicão gritando, as pessoas passando e se envolvendo no riso. Conforme Vedana (2004, p. 86) “o fluxo do riso por um lado subverte os lugares de poder e por outro lado os reforça, identificando estas diferenças de lugar existentes entre os atores envolvidos no drama social”, que se desenrola na Feira.

As variadas formas de manifestação do riso trazem à tona imagens do princípio corporal e material, em que são atravessadas as barreiras sociais do indivíduo para dialogar com uma construção coletiva de significados para a realidade vivida (BAKHTIN, 1987). Assim, através dos gracejos, risos e piadas, é enfocado um caráter de negociação da realidade (VELHO, 1999).

Na interpretação e reinterpretação da realidade, prefigurada nas jocosidades, vão se instituindo as táticas dos feirantes em sua interação com o espaço urbano e com os outros sujeitos que também fazem a feira (DE CERTEAU, 1994).

De Certeau (1994, p. 153) reitera que

então se poderiam compreender as alternâncias e cumplicidades, as homologias de procedimentos que ligam “as artes de dizer” às “artes de fazer”: as mesmas práticas se produziram ora num campo verbal ora num campo gestual; elas jogariam de uma a outro, igualmente táticas e sutis cá e lá; fariam uma troca entre si – do trabalho no serão, da culinária às lendas e às conversas de comadres, das astúcias da história vivida às da história narrada.

Promovendo a ligação entre essas artes, a partir da teoria de De Certeau (1994, 1996), descrevemos nossas observações da Feira: o processo de “fazer a feira”, enfatizando os gestos e linguagens: da escolha dos produtos até a efetivação da venda/compra.

Primeiramente, o produto é anunciado nas vozes dos feirantes mais desprendidos, depois, é tocado, e, havendo oportunidade, saboreado para então se iniciar a negociação dos preços. O feirante anuncia o preço que é analisado pelo freguês, com a possibilidade da pechincha<sup>21</sup>. Dados os devidos descontos e, feitos os possíveis arredondamentos, o produto é pesado ou levado como se encontra em sacos plásticos. O pagamento é feito e, havendo necessidade, também o troco. Os sujeitos se despedem e agendam novos encontros para os próximos domingos.

“Pode trazer o quiabo no domingo que vem que vou querer de novo”. (Freguês combinando com D. Walmice que, também, vende os quiabos que produz, em sua banca).

“Hoje não vou levar a mandioca! Fica pro domingo que vem. Já comprei o que preciso pro almoço de hoje!” (Freguês do Ronaldo que é a referência de produtor de mandiocas de qualidade na Feira do Major Prates).

“Esse frango tá muito pequeno e caro! Que é isso? Quinze reais? Hoje não quero! Traz um maior domingo que vem!” (Freguesa que brada ao saber o preço do frango que é trazido por Carla Edí, da Fazenda Mocambinho).

Observamos ainda, a utilização de gracejos e sonoridades com o intuito de mobilizar os fregueses atraindo sua atenção para determinadas compras. São empregadas

---

<sup>21</sup> Conforme o dicionário Houaiss (1998, p.1225) pechincha significa “lucro inesperado, ganho. Qualquer coisa que se compra por preço ínfimo. Bom negócio”.

estratégias, táticas e golpes<sup>22</sup> que denotam um valor inferior dos produtos, funcionando como argumentos de convencimento para a aquisição dos mesmos por menor e melhor preço (o caso da utilização dos R\$0,99 – noventa e nove centavos).

“É cinco real! É cinco real a réstia de alho! Aproveita e compra agora porque eu tô indo embora! É promoção!” (Chicão anunciando uma possível promoção do alho que vende).

“Olha a uva! Olha a uva! É só um e noventa e nove! É um! É um! É um! Agora é um e noventa e nove a bandeja de uva! É doce igual mel!” (Vendedor ambulante de uvas na Feira).

“É quatro, é quatro, leva quatro abacaxi por cinco real!” (Funcionário de Sassá anunciando o abacaxi).

Verificamos que no fim da Feira, ocorrem promoções<sup>23</sup> para que, conforme argumento dos feirantes, eles não voltem com produtos para casa. Nete, vendedora das bananas que são produzidas na Gameleira, fazenda de sua propriedade, relatou-nos que, no domingo em que as bananas estão mais maduras, ela faz promoções vendendo-as com uma diferença entre R\$0,50 (cinquenta centavos) e R\$1,00 (um real) a fim de que não sobrem e se percam. Quando estão verdes, podem ser vendidas no preço regular de R\$1,50 (um real e cinquenta centavos) a dúzia.

Evidenciam-se, também, como “artes de dizer”, conversas e debates sobre assuntos ligados ao cotidiano dos sujeitos que “fazem a feira”: política, novelas, partidas de futebol, preferências eleitorais, críticas e sugestões à administração municipal, acontecimentos da esfera nacional e internacional. A partir dessas performances orais emergem situações de interação, entre feirantes e fregueses, as quais representam formas simbólicas de comunicação (LANGDON, 1999).

Nessa comunicação, a realidade é interpretada e reinterpretada, instituindo as táticas dos feirantes em sua interação com os fregueses e com o espaço urbano, marcando um *ethos* específico na constituição destes sujeitos (DE CERTEAU, 1994; GEERTZ, 1989).

---

<sup>22</sup> Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado (DE CERTEAU, 1994, p. 99). Chamo de tática a ação calculada. A tática não tem por lugar senão o do outro (DE CERTEAU, 1994, p. 100). A arte de “dar um golpe” é o senso da ocasião (DE CERTEAU, 1994, p. 101).

<sup>23</sup> Ação comercial que visa a divulgação e venda de um produto ou o escoamento de uma mercadoria.

### 3.2. As Artes de nutrir: evidências dos rituais e escolhas dos fregueses

Em nossa vivência na feira, identificamos gestos de produção, manipulação e conservação da matéria, bem como, modos peculiares de se vender alimentos, os quais narraremos a seguir.

Quanto à venda dos alimentos, verificamos que é praxe oferecer pedaços de produtos, tais como, abacaxi, laranja, melancia ou unidades como uva, banana, coquinho, tomate-cereja, manga, os quais são degustados pelos fregueses. Trata-se de um ritual presente nas bancas onde esses gêneros são comercializados.

Os fregueses apalpam, cheiram e experimentam os produtos em todos os “sentidos”, antecipando a “alquimia” que se processará mais tarde em suas cozinhas, revelando desse modo, suas “artes de nutrir” (DE CERTEAU, et.al.,1996). Certa feita, um freguês do Sassá indagou: “Esse abacaxi que a gente tá experimentando é o mesmo da banca?”. Ao que Sassá retrucou: “É claro que é!” (Figuras 21 e 22).



FIGURA 21 – Foto do feirante Sassá oferecendo produtos para degustação.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.



FIGURA 22 – Foto de fregueses experimentando os produtos.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Verificamos que há os fregueses que apreciam petiscos que são produzidos ali mesmo no espaço da Feira: pastéis, churrasquinhos, beijus, bem como aqueles trazidos de casa para esse fim: sucos, tortas, pamonhas, garapa. A parada para essa degustação representa o momento do encontro com os amigos, do “bate-papo” com um conhecido, um ritual dominical dos freqüentadores da Feira.

Identificamos em nossas idas e vindas, o protagonismo de Generosa, feirante que produz quitutes que são apreciados por quem quer que adentre aquele “*espaço praticado*” (De Certeau, 1994). Sua banca é movimentada durante todo o tempo de Feira (Figura 23). Ela oferece peles estaladas na gordura – a sensação da feira, suco, bolo, salsicha empanada, pastel, café, leite e uma variedade de guloseimas para adultos e crianças.



FIGURA 23 – Foto da feirante Generosa que vende “quitutes” na Feira.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Aos gestos de venda e manipulação da matéria são incorporadas dicas para o consumo e preparo dos produtos, e ainda, ao identificar a procedência dos mesmos, qualifica-se o produto em bom ou ruim: “É o frango do Pradinho! O alface da Gameleira! As folhas da Lagoinha! O peixe de São Francisco (cidade)! A farinha de Santa Bárbara! O queijo de Traíras”. No interior da Feira, contemplamos imagens e gestos ligados ao simbolismo do alimento e da digestão, da viscosidade da matéria orgânica que compõe esta ambiência, conformando um jeito peculiar de viver e se alimentar (DURAND, 2001).

Verificamos a preferência pelo queijo que é produzido por Josiane Rodrigues, que reside na Comunidade de Traíras (zona rural de Montes Claros). Os fregueses indagam

a feirante sobre a possibilidade do oferecimento de outros produtos derivados do leite, como doce e requeijão. Eles tocam e experimentam o produto (queijo) para conferir sua qualidade. Destacam suas preferências pelos queijos mais ou menos salgados, mais frescos ou mais “curados” (Figura 24). Ali mesmo fazem suas encomendas, destacam a finalidade do produto, anunciam receitas.



FIGURA 24 – Foto da feirante Josiane que comercializa queijos.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Poliana, que vende peixes junto com a mãe – D. Eunice – relatou-nos que algumas pessoas têm nojo de pegar no peixe (Figura 25). Ela explica que muitos consideram que o peixe está bom analisando se os olhos estão cristalinos. Contudo, quando é surubi não é possível ver os olhos. Garante que a melhor estratégia é verificar a cor da carne. Se estiver “rosinha” o peixe está bom. Ao passo que se estiver branca, o peixe está velho. Observamos a preferência dos fregueses por peixes sem espinha. Uma freguesa comentou: “Tenho medo de espinho!”. D. Eunice argumentou: “Mas o pirá não tem espinho, fica tranquila!”



FIGURA 25 – Foto da feirante Poliana que comercializa peixes do rio S. Francisco.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Em uma de nossas entrevistas foi-nos relatado de um preconceito existente com as folhas produzidas no Santos Reis. Segundo Dona Marildes Mendes Alkimim, as pessoas pensam que as hortas de lá, são regadas com água do rio (onde corre o esgoto). Então, os feirantes mentem dizendo que as folhas são da Vila Antônio Narciso, quando na verdade, são produzidas – plantadas e regadas – na “malhada”, bairro Santos Reis. Ela fala a verdade, “trago as folhas de lá, pois a gente rega com água de poço artesiano, não é água do rio como muita gente pensa”.

A criatividade se faz presente nas bancas através do arranjo dos produtos (Figuras 26 e 27), cuidadosamente arrumados a partir das cores, das espécies, como é o caso da Banca de D. Lúcia Amaral: frutos do cerrado (coco, coquinho azedo, pequi), frutos do quintal (acerola, limão, caju, mamão, figo, goiaba) produtos “feitos” pela família (garapa de cana-de-açúcar) – tudo isso como estratégias para atrair aos fregueses pela visão e pelo viço, qualidade e exclusividade dos gêneros oferecidos. A imagem que temos desta banca, assemelha-se à idéia de quintal, onde são organizados “utensílios da casa” (BACHELARD, 1996).

Há bancas que são forradas com encerado<sup>24</sup>. Nas bancas de hortaliças vimos recipientes plásticos contendo água para regá-las, vez por outra, uma estratégia comum, utilizada por quem comercializa folhas, a fim de mantê-las frescas e com viço até o fim da feira.



FIGURA 26 – Foto dos produtos vendidos na Feira.

Fonte: Pesquisa realizada pela autora.



FIGURA 27 – Foto do aspecto das hortaliças.

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

<sup>24</sup> Espécie de tecido impermeabilizado.

Verificamos que não há uma distinção entre os atos de manipulação do alimento e do dinheiro. Ambos são feitos simultaneamente. Embaixo das balanças ou do papelão/jornal colocado sobre as bancas, ou ainda, nos bolsos dos feirantes ou em pequenas caixas de madeira para esse fim, ficam as cédulas e moedas recebidas dos fregueses e devolvidas por ocasião dos trocos (Figuras 28, 29, 30 e 31).



FIGURAS 28, 29, 30 e 31 – Fotos dos locais/ estratégias de acondicionamento de cédulas e moedas para trocos.

Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Ao que nos pareceu, não há uma implicação desses atos para a aquisição ou rejeição dos gêneros. São, naturalmente, evidenciados como parte do “fazer a feira”. O trato com o alimento, a circulação do dinheiro, os gestos dos sujeitos que fazem a feira, sugerem os ciclos do devir preconizados por Durand (2001), de vida-morte-renascimento, marcando a repetição dos gestos de compra e venda efetivados naquele espaço, ou seja, gestos de manipulação do alimento e do dinheiro, prefigurando riqueza, abundância, negociação.

Assim, a fatura dos gêneros apresentados nas bancas pode ser convertida em fatura de dinheiro ao final da Feira. Após as escolhas dominicais dos produtos, repete-se o ciclo de “vida e morte” semanal dos alimentos, simbolizado pela passagem do tempo entre uma e outra feira (DURAND, 2001), entre as escolhas de um a outro domingo, marcando também, a interação entre feirantes, produtos e fregueses.

No tocante à limpeza das bancas, constatamos que é feita no final da Feira: todo o lixo é depositado em sacos plásticos ou caixotes. Por volta de 14 horas, os funcionários da Secretaria Municipal de Infra-estrutura e Política Urbana (SMIEPU), passam para “varrer a Feira”, ou melhor, a avenida Castelar Prates. Todo o lixo produzido é recolhido na segunda-feira por um caminhão.

Ao indagarmos os feirantes sobre o destino dos produtos que sobravam da feira, eles nos relataram que, eventualmente acontecia o fato de sobrar e que as estratégias para o caso são: acondicionar os produtos em sacos plásticos para vendê-los em suas residências; colocar os restos estragados nos caixotes para serem recolhidos pelos funcionários da PMMC ou doar para vizinhos e/ou conhecidos.

Evidenciaremos as escolhas e falas de Rejane Veloso Rodrigues – moradora do bairro Major Prates e freguesa assídua da Feira – em suas “artes de nutrir” (DE CERTEAU *et al.*, 1996).

Conforme Rejane os aspectos que determinaram sua escolha pela “Feira do Major”, nesses cinco anos de frequência foram a proximidade de sua casa com a Feira, a variedade e pureza dos gêneros e a certeza da “boa” procedência dos mesmos. Ela nos relatou que tem os feirantes “certos” com os quais realiza, dominicalmente, sua feira. Indicou preferência pelo alface de Nete, pelo frango do Mocambinho, pelo doce de mamão em forma de anel de Cleomara, produzidos em Santa Bárbara, pelas frutas produzidas na Lagoinha e pela mandioca produzida em Riacho Fundo por Ronaldo. A relação de Rejane

com os alimentos se amplia para a transformação destes em “pratos saborosos”, enunciando os gestos de escolha deste e não daquele, das misturas, das combinações de gêneros – artes de nutrir (DE CERTEAU *et al.*, 1996).

Curiosamente, descreveu seus gestos de “escolha” da matéria, evidenciados em rituais, resgatando gestos repassados de mãe para filha, possibilitando uma interação simbólica e não uma razão prática ao ato de cozinhar em que a apalpação, o deguste e o cheiro dos gêneros estão vinculados aos esquemas digestivos e aos símbolos, às intimidades, expressos na relação sensorial com os alimentos (DURAND, 2001).

No caso do frango, sempre olho, apalpo para ver se tem o esporão, a bolinha que ele tem no pé onde nasce o esporão. Se não tiver a bolinha ou se ela é pequena, é porque o frango é novo, a carne está no ponto pra cozinhar! Já o alface escolho o de Nete porque não tem rugas, é bem liso. O maxixe já vem limpinho, não tem espinhos, é novo e verde (Relato de Rejane Veloso Rodrigues – freguesa da Feira do Major Prates).

Como estratégias utilizadas para limpar e manter – frescos e bonitos – os produtos que adquire na Feira, Rejane destacou que todas as folhas, legumes e verduras são colocadas num recipiente com água e um pouco de água sanitária. Depois, tudo é escorrido, colocado em sacos plásticos e guardado na geladeira. Evidenciou que não há sobra de produtos da feira anterior. Todos esses gestos ligam-se ao simbolismo do alimento, trazendo em si imagens voltadas a um ciclo de vida, morte e renascimento do corpo representado nos atos de comer, digerir e retomado na periodicidade da Feira dominical, que recobra as práticas de alimentação através dos esquemas gestuais da intimidade (DURAND, 2001).

Ela demonstrou em suas palavras e gestos toda a sua emoção de “Fazer a Feira” ao anunciar que tem vontade de “carregar para casa tudo o que tem lá!” Enfatizou que nunca mais esteve no Mercado Central ou no Bretas<sup>25</sup>. Sua motivação para “fazer a feira” extrapola uma ordem prática de adquirir os produtos que serão consumidos durante a semana por sua família, revela situações de intimidade vividas naquele espaço, evocadas nos atos de “fazer a feira”, resgatando a simbologia da digestão e da intimidade (DURAND, 2001).

---

<sup>25</sup> Trata-se de um Hipermercado situado no Bairro Cidade Nova, vizinho ao Bairro Major Prates onde acontece a Feira.

No dia em que a acompanhamos na Feira, compartilhamos de sua conversa com Nete (feirante que comercializa folhas e bananas) e verificamos seu alívio de adquirir ali aqueles produtos, pois, há dias atrás, Rejane tinha sido acometida de uma infecção intestinal contraída através de uma bactéria.

Imagine Nete, se eu não conhecesse seus produtos e não confiasse na maneira como você os cultiva? Iria achar, na certa, que a bactéria era das folhas. Por isso sou uma freguesa fiel, pois sei de todo o cuidado que vocês têm no cultivo dos alimentos (Conversa de Rejane com Nete presenciada por nós/ Figura 32).



FIGURA 32 – Foto de Rejane (freguesa) e Nete (feirante) em suas interações na feira.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Na argumentação de Rejane, a Feira é, também, importante para o desenvolvimento do bairro Major Prates porque concentra pessoas do bairro e suas adjacências, todos se conhecem. A Feira divulga o bairro, ganha quem compra e quem vende, pois “quem compra fica satisfeito com o produto e quem vende, gera renda, tem o seu sustento, sua sobrevivência garantida”. Em sua opinião, os fregueses que freqüentam a Feira deixam de ir a lugares mais espaçosos, por exemplo, a um hipermercado, preferindo-a para realizar suas compras. Aquele é um “espaço gostoso de ir, a gente conversa, diz qual é a nossa vontade e preferência por determinado produto e sempre leva o que há de melhor”. Argumenta que, no supermercado as pessoas pagam imposto pelos produtos adquiridos, na Feira, além dos fregueses ficarem satisfeitos com o que adquirem, ainda ajudam aos pequenos produtores que vendem ali os seus produtos.

Destacou com veemência que a Feira Livre do Major Prates pode ajudar a outras feiras de Montes Claros através de sua experiência de organização do espaço, de interação da comunidade, proximidade das pessoas. Para ela, “a Feira do Major Prates é divulgada em toda a região norte mineira. Várias cidades da redondeza conhecem nossa Feira, muita gente vem comprar aqui”.

Considerando nossas observações, a Feira apresenta-se como lugar de produção do cotidiano, evidenciando estratégias, táticas e golpes (DE CERTEAU, 1994) de ser feirante e ser freguês, anunciando “o olhar do povo” (BAKHTIN, 1987) sobre sua vida, seu passado e seu futuro, seus gostos e gestos carregados de valores, tradições, saberes e fazeres, construindo suas histórias e a própria vida na história da Feira (Figuras 33, 34 e 35).



FIGURAS 33, 34 e 35 – Fotos de um dia de feira.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

### 3.3. As Artes de Fazer na feira – cotidiano e etnomatemática

Propomos uma interpretação da processualidade do ato de “fazer a feira”, as vivências e sabenças, evidenciadas nas artes de fazer etnomatemático desses sujeitos sociais – os feirantes. D’ambrosio (2001) descreve que é importante conhecer diversas culturas, desde que suas raízes sejam fortes. A Etnomatemática oportuniza aos feirantes o fortalecimento de suas raízes, através da peculiaridade de seus fazeres – matemáticos ou não – como formas de conhecer e entender sua realidade, seu contexto e suas atividades na Feira. Para esse autor (2001, p. 18-19)

ao reconhecer que os indivíduos de uma nação, de uma comunidade, de um grupo compartilham seus conhecimentos, tais como a linguagem, os sistemas de explicações, os mitos e cultos, a culinária e os costumes, e têm seus comportamentos compatibilizados e subordinados a sistemas de valores acordados pelo grupo, dizemos que esses indivíduos pertencem a uma cultura. No compartilhar conhecimento e compatibilizar comportamento estão sintetizadas as características de uma cultura. Assim, falamos de cultura da família, da tribo, da comunidade, da agremiação, da profissão, da nação.

Nesse sentido, a Feira constitui-se um espaço muticultural, no qual os feirantes enredam e compartilham conhecimentos matemáticos, sociais, econômicos e obviamente educacionais, configurando toda a transdisciplinaridade<sup>26</sup> da Feira.

Ao analisarmos o nível de escolaridade dos feirantes e o tempo de comercialização na Feira (Capítulo 2) relacionando a escolaridade à utilização da Matemática e o tempo de trabalho/ experiência ao grau de conhecimentos matemáticos utilizáveis na Feira, podemos verificar que os conhecimentos básicos (quatro operações – adição, subtração, multiplicação e divisão) que têm dessa ciência, contribuem para seu desempenho satisfatório na Feira e que, em suas atividades demonstram conhecimentos matemáticos que vão além daqueles tratados em seu nível de escolaridade. Contudo, sua atividade de feirante não se reduz a esse domínio das operações matemáticas elementares. Há que se considerar a relevância da articulação da matemática a outros saberes, como, a leitura, a escrita e, sobretudo, aos papéis sociais desempenhados por esses sujeitos.

Quando indagamos sobre como são feitos os cálculos das receitas, dos gastos e lucros com a Feira, a fim de verificar a existência e utilização de estratégias matemáticas

---

<sup>26</sup> Postura transcultural de respeito pelas diferenças, que não há espaços ou tempos culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar - como mais corretos e verdadeiros (D’AMBROSIO, 2001, contracapa).

em problemas cotidianos, os feirantes responderam que não calculam com precisão seus gastos e lucros, mas que o que ganham é suficiente para as despesas domésticas e para investimentos na compra de sementes, mudas, conserto de cercas. Dona Silça, uma feirante que vem de Monte Azul para comercializar seus produtos corrobora nossa pesquisa ao afirmar: “Não calculo. Sei que não ganho muito mas dá pra viver”.

Outra questão que apresentamos aos feirantes foi como eles calculam os preços para não terem prejuízo e para não “perderem” fregueses que poderiam comprar em outros lugares. Os feirantes argumentaram que já têm uma idéia dos preços que são praticados nas bancas, nos sacolões e no mercado, por isso vendem com o melhor preço e não perdem seus fregueses. As promoções acontecem dominicalmente, ou seja, em toda feira há promoções e os produtos oferecidos destacam-se por sua qualidade. É oportuno ressaltar que o valor das mercadorias, também, é negociável conforme o nível de interação entre feirantes e fregueses. Sobre esse aspecto, De Certeau (*et al.*, 1996, p. 52) ratifica

assim, comprar não é apenas trocar dinheiro por alimentos, mas além disso ser bem servido quando se é bom freguês. O ato da compra vem “aureolado” por uma “motivação” que poder-se-ia dizer, o precede antes de sua efetividade: a fidelidade. Esse algo mais, não é contabilizável na lógica estrita da troca de bens e serviços, é diretamente simbólico: é o efeito de um consenso, de um acordo tácito entre o freguês e o seu comerciante que transparece certamente no nível dos gestos e das palavras, mas que jamais se torna explícito por si mesmo.

#### Leiamos os depoimentos dos feirantes:

Sempre vendo tudo o que trago, tudo o que produzo. Pra não perder o freguês dou agrado, vendo mais barato (Antônio Bartolomeu Ferreira). (Vi “Seu” Antônio vender um pacote de tomatinho cereja (R\$2,00), um molho de brócolis (R\$1,00) e um molho de espinafre (R\$1,00) – tudo isso por R\$2,00 para uma freguesa).

Vendo aqui e no CEANORTE, mas não fico calculando muito o que gasto, não. Já comprei o caminhão, uma casa, vou desenrolando. Faço uma média dos produtos, quanto valem, por exemplo: peso a melancia e faço uma média (baseio). As maiores, R\$6,00. As menores, R\$4,00 (Marcos Eduardo Santos – Sassá).

Ah! Faço uma base: cebolinha, 3 por R\$1,00. As bananas mais verdes são mais caras, as maduras mais baratas (Lucinete Souza).

Conforme a feira. Quando a feira é ruim, abaixo o preço (Secunda Fernandes da Silva).

Trago somente o que tenho certeza que vou vender. Por exemplo: Trago 12 caixas de mandioca “da melhor”. Nunca trago as sobras (Ronaldo Tupinambá).

Sempre dou desconto para segurar o freguês (Silça dos Reis).

A partir das respostas emitidas pelos feirantes evidencia-se uma utilização não-convencional dos conhecimentos matemáticos, pois, não há registros formais de suas operações dominicais. As atividades matemáticas realizam-se por meios de estratégias pessoais de cálculo e de medições, articuladas a estratégias de venda, como vimos acima na argumentação de Dona Secunda. De Certeau (1994, p. 122) pondera que “as estratégias não ‘aplicam’ princípios ou regras, mas escolhem entre elas o repertório de suas operações”.

Os feirantes desempenham suas funções de modo que ao comunicar suas estratégias de sobrevivência, propõem novas maneiras de se relacionar com a matemática e com sua realidade. Gerdes (2002, p. 222) argumenta

seres humanos desenvolvem idéias matemáticas, entre outras, quando elaboram atividades culturais e pensam sobre as mesmas. A produção de conhecimentos matemáticos ocorre em todas as culturas humanas. Este é um dos elementos constitutivos do paradigma da Etnomatemática. Cada cultura e subcultura desenvolvem a sua própria matemática, de certa maneira específica. A matemática não é um produto de uma esfera cultural particular, mas uma experiência humana comum a todos os povos.

Desse modo, valendo-nos, também, da teoria de D’ambrosio (2001) ratificamos que o cotidiano da Feira está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura daqueles sujeitos que a realizam dominicalmente, evidenciando: quantificações, medições, classificações, comparações, elegendo e utilizando os conhecimentos e instrumentos de que dispõem em seu contexto imediato – a Feira. O autor argumenta (2001, p. 23) que

a utilização do cotidiano das compras para ensinar matemática revela práticas apreendidas fora do ambiente escolar, uma verdadeira etnomatemática do comércio. Um importante componente da etnomatemática é possibilitar uma visão crítica da realidade, utilizando instrumentos de natureza matemática. Análise comparativa de preços, de contas, de orçamento proporciona excelente material pedagógico.

Esse cotidiano traz em si a busca dos feirantes pela sobrevivência, transformando-a em transcendência, fortalecendo a cultura do grupo em que estão inseridos, enredando experiências e saberes para si mesmos e para seus semelhantes (D’AMBROSIO, 2001). Esse cotidiano se revela nas estratégias dos feirantes para comercializar seus produtos. Observamos que Ronaldo Tupinambá, produtor e vendedor de mandiocas na Feira, quando não lança mão da balança (instrumento convencional de medida), “olha duas raízes médias de mandioca, coloca-as na sacola e diz que é um real”. O

freguês paga pelo produto e sai satisfeito. Contudo, algumas vezes as estratégias falham. Foi o que aconteceu com Chicão em um dos dias de Feira... Ele colocou seis maracujás na sacola e disse para a freguesa

Aqui ó, é um real! (Chicão)

Mas quanto é o quilo? (Freguesa)

É um real, uai! (Chicão)

Vou conferir o peso na balança do Sassá (foi e verificou que o peso era inferior a um quilo). (Freguesa)

Vai roubar do capeta! Pode colocar mais maracujá aqui pra mim! (Freguesa).

(Todos caíram na gargalhada: Chicão, a freguesa e todos que estavam próximos/ Figura 36).

Aí ó, coloquei mais maracujá! Pode ir sossegada! (Chicão)



FIGURA 36 – Foto do feirante “Chicão” em suas performances junto aos fregueses.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

De acordo com Knijnik (1996, p.74),

a Etnomatemática tem um enfoque abrangente, permitindo que sejam consideradas, entre outras, como formas de Etnomatemática: a matemática praticada por categorias profissionais específicas, em particular pelos matemáticos, a Matemática escolar, a Matemática presente nas brincadeiras infantis e a Matemática praticada pelas mulheres e homens para atender às suas necessidades de sobrevivência.

Destarte, a Etnomatemática pode ser entendida como uma produção sociocultural dos feirantes da Feira Livre do bairro Major Prates, habilitando-os a resolver problemas dos contextos local e global, através da linguagem matemática que funciona

como um processo comunicativo interpessoal, numa relação inter<sup>27</sup>, multi<sup>28</sup> e intracultural<sup>29</sup> (D'AMBROSIO, 1996). D'Ambrosio (2001, p. 80) reitera “a etnomatemática da comunidade serve, é eficiente e adequada para muitas outras coisas, próprias àquela cultura, àquele etno, e não há porque substituí-la”. Ferreira (2008, p.7) corrobora afirmando que

a Etnomatemática aí se encontra sob a energia da abertura de um grupo formado por indivíduos dos mais variados cantos do planeta que, apesar de diferentes, corroboram para o amadurecimento de um sonho comum: o fortalecimento de um campo de pesquisa abarcado por diretrizes éticas essencialmente humanas.

Portanto, os feirantes revelam seus saberes e fazeres matemáticos, próprios do seu etno, do seu contexto sociocultural, fincado em diretrizes éticas, considerando toda a humanidade daqueles que “fazem a Feira”. Knijnik (2004, p. 22) compartilha destacando que

a Etnomatemática ao se propor a tarefa de examinar as produções culturais destes grupos, em particular, destacando seus modos de calcular, medir, estimar, inferir e raciocinar – isto que identificamos, desde o horizonte educativo no qual fomos socializados, como os modos de lidar matematicamente com o mundo – , problematiza o que tem sido considerado como o conhecimento acumulado pela humanidade.

Esse argumento se materializa nas ações de Osiel, um jovem feirante que comercializa quiabos, ao devolver o troco para seus fregueses. Ele indaga sobre a existência de moedas para facilitar o troco e explica

se meio quilo de quiabos dá um real e vinte e cinco centavos, eu peço os quebrados (moedas). Assim, facilita pro freguês e pra mim também. Nem sempre temos as moedas para o troco. Se o cliente não tiver, então eu dou desconto ou pergunto se ele quer completar sua compra com quiabos para arredondar a nota. Isso tudo pra mim faz parte da “lógica do troco”.

---

<sup>27</sup>“Quando sociedades e, portanto, sistemas culturais, se encontram e se expõem mutuamente, elas estão sujeitas a uma dinâmica de interação que produz um comportamento intercultural que se manifesta em grupos de indivíduos, em comunidades, em tribos e na sociedade como um todo” (D'AMBROSIO, 2005, p.108).

<sup>28</sup>“A aquisição e elaboração do conhecimento se dão no presente, como resultado de todo um passado, individual e cultural, com vistas às estratégias de ação no presente, mas projetando-se no futuro, seja o futuro imediato até o mais longo prazo. Assim, se incorpora à realidade novos fatos, concretos e abstratos, isto é, “artefatos” (códigos, instrumentos de observação, aparelhos) e “mentefatos” (conceitos e teorias), modificando-a. A multiculturalidade consiste nas maneiras diferentes de explicações, de entendimentos, de lidar e conviver com a realidade” (D'AMBROSIO, 2005, p.108).

<sup>29</sup>“No interior da cultura de cada povo” (D'AMBROSIO, 2005, p.117).

No relato de Cida (vendedora do sabão em barra que produz/ Figura 37), foi evidenciada, por um tempo, a não-utilização de instrumentos convencionais de medida. Segundo ela, o sabão era produzido como uma barra grande, para cortá-lo, ela media com outra barra de sabão industrializado ou estimava o tamanho (medida) no olho. Em 2007, ela mandou fazer uma forma para padronizar o tamanho de cada barra. Ela relata que

os fregueses nunca se importaram com a medida exata do sabão, porque meu sabão tem preço e qualidade. Pra ariar vasilha não existe outro igual. Tira mancha de alumínio. Pra lavar roupa dispensa sabão em pó e água sanitária. Não tem cheiro, não dá alergia.



FIGURA 37 – Foto da feirante Cida que comercializa sabão numa banca improvisada. Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2008.

Também D. Eunice – mãe de Poliana – (vendedoras de peixes) dá evidências de suas estimativas matemáticas ao realizar suas vendas.

Quanto é a traíra? (Freguês)  
 Seis e cinqüenta, amigo! Você quer maior ou menor? (D. Eunice)  
 Menor. (Freguês)  
 (Então, D. Eunice pega uma traíra e parece estimar o peso pelo tamanho do peixe. Depois, coloca na balança e diz o preço).  
 Esta deu sete e trinta. Sete reais está bom? (D. Eunice)

No caso de Nete (vendedora de bananas), verificamos a aplicação de cálculos mentais, estimativa e ainda, arredondamento, na seguinte situação:

Quanto é a dúzia de bananas? (Freguês)  
 Um e cinqüenta. (Nete)  
 Eu quero esse cacho (continha uma dúzia). Toma aqui o dinheiro (pagou com uma nota de dois reais). (Freguês)

Leva mais cinco bananas pra completar dois reais (o freguês concordou prontamente). (Nete)

Se fosse seguir a técnica convencional de calcular, Nete colocaria mais uma banana junto às cinco que ofereceu (perfazendo seis) e cobraria vinte e cinco centavos (total setenta e cinco centavos, ou seja, dois reais e vinte e cinco centavos por uma dúzia e meia de bananas) a mais pela meia dúzia acrescentada. Ao contrário, calculou mentalmente que as cinco bananas compensariam, com folga, os cinquenta centavos do troco e ainda, arredondou compra do freguês para dois reais, evitando troco e repassando seu produto.

Comparadas aos recursos ensinados na matemática convencional, notamos no caso de Nete, que foram utilizadas estratégias diferentes para raciocinar matematicamente. Conforme Ferreira (2008, p. 9) “da desconstrução à reconstrução: afloram-se os saberes etnomatemáticos antes inimagináveis sob o fechamento e a força das pretensas verdades universais” e foi o que verificamos nessa situação em que o conhecimento foi revelado com naturalidade e espontaneidade.

Segundo D’Ambrosio (1990, p. 8) “admitindo que a fonte primeira de conhecimentos é a realidade na qual estamos imersos, o conhecimento se manifesta de maneira total, holisticamente e não seguindo qualquer diferenciação disciplinar”. Nesta perspectiva, a Etnomatemática revela-se como uma possibilidade da compreensão do “como fazer e interpretar os contextos, as culturas” e não somente do desenvolvimento de habilidades e conceitos matemáticos. D’Ambrosio (2001) amplia a definição etimológica apresentada em obras anteriores, definindo a Etnomatemática como uma “meta-definição etimológica”, pois a partir das construções das etnos (culturas), dos matemas (conhecimentos, explicações, entendimentos), e das ticas (artes e técnicas), busca o entendimento do ciclo do conhecimento, ou seja, como são gerados, processados, organizados sócio e intelectualmente, bem como, difundidos os conhecimentos construídos pelos grupos culturais.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Na composição desse trabalho nos empenhamos em desenvolver uma investigação sobre as práticas cotidianas no contexto da Feira livre, a partir da análise das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático dos sujeitos sociais – feirantes e fregueses – que fazem, dominicalmente, a Feira. Identificamos os saberes e fazeres evidenciados nessas artes que contribuem para a produção do espaço urbano de Montes Claros.

Considerando as reflexões teóricas apresentadas, tomamos como ponto de partida os gestos e vozes, ações e narrações daqueles sujeitos, compartilhados nos anos de 2007 e 2008, através dos quais fizemos nossa análise sobre a importância da Feira na vida das pessoas e sua efetiva contribuição para o desenvolvimento social dos habitantes do bairro Major Prates, e de outros, que freqüentam aquele espaço a fim de adquirir produtos necessários à sua subsistência e vender o que produzem.

Destacamos a possibilidade de unir elementos, como as “*artes de fazer*” de De Certeau (1994) à Etnomatemática de D’Ambrosio (1996), compreendendo um novo elemento teórico, capaz de justificar a empiria apresentada em nossa dissertação.

Para os feirantes, a noção do todo é mais importante que a de unidade; as quantidades estão vinculadas a valores da cultura. A noção de problema matemático é diferente daquela dos espaços escolares. Consiste em buscar soluções para questões reais como realização de trocos; cálculo de lucros com a feira dominical, possíveis gastos com transporte para deslocamento dos produtos, rendimento familiar com a feira; realização de medidas não-convencionais, tempo de duração da feira; definição de preços para fazer concorrência, por exemplo, com os sacolões, sem ter prejuízos; comparação dos negócios/ lucros com outros espaços de venda; tempo em que aparecem as frutas da época e estratégias pessoais para garantir certas provisões.

Ansiosos por realizar/ vender sua feira, esses feirantes não têm como objetivo encontrar respostas exatas mas soluções viáveis. Ao resolver um problema, pensam em todas as variáveis ligadas a eles e não apenas nos dados informados. Assim, as respostas aproximadas são mais valorizadas e mais reais do que cálculos abstratos e exatos, como temos costume de verificar nos espaços formais. Ficou-nos a certeza de que existem várias formas de pensar, que dependem do contexto vivido pelos sujeitos.

Mais que realizar um trabalho acadêmico e científico, nosso estudo da Feira oportunizou-nos o envolvimento com nossa cotidianidade e, nesse processo de investigação, também, prestigiar e caracterizar a Feira como manifestação de um espaço sociocultural, cujas cenas e passagens são construídas pelos sujeitos locais, através da articulação de redes sociais como um instrumento próprio de fortalecimento da feira.

Destacamos aqui, o papel da Associação de Feirantes da Feira Livre do Major Prates, constituindo um fórum privilegiado onde os feirantes expõem suas idéias, sonhos, anseios, efetivando sua participação cidadã, articulando o contexto local (feira) ao contexto global (cidade e região norte mineira). Naquele contexto é reforçado o pertencimento dos sujeitos que “fazem a feira” ao seu território de negociações e convivências, confrontando seu posicionamento ao do Poder Público na implementação de melhorias e, portanto, fomentando o desenvolvimento social do espaço da Feira.

Faz-se necessário ressaltar que a diretoria da Feira cumpre, efetivamente, seu papel de articuladora de melhorias para a Feira.

Contudo, é possível reconhecer que, não obstante os problemas que tenha, a Feira se constitui em espaço privilegiado para a compra de produtos de boa procedência e qualidade atestada, por quem já os experimentou. Também, as evidências das interações e do atendimento diferenciado dispensado pelos feirantes aos fregueses, justificam sua frequência e fidelidade.

Os recursos do plano de observação e das entrevistas foram os procedimentos básicos de nossa pesquisa, dos quais tomamos as artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático como categorias de análise. Todas essas artes colaboram para a produção daquele espaço público.

As jocosidades, o riso, as performances, o modo peculiar de anunciar a circularidade da vida, relacionam-se às artes de dizer. São denotadas sociabilidades, conversas e interações, que fazem daquele espaço, um lugar de encontros e convivências, da articulação de experiências e tessitura de saberes, do compartilhamento de intimidades para celebração das colheitas da vida, aspectos difíceis de se encontrar, por exemplo, em supermercados ou em outros espaços mais confortáveis de compra.

As escolhas dos fregueses relacionadas ao nutrir evocam tradições, rituais e complexidades de estilos de viver. Na prática, dominical, de “*fazer a feira*” com o objetivo

de adquirir os produtos a serem consumidos durante a semana, evidenciam-se elementos simbólicos presentes na relação de confiança entre fregueses e feirantes, na certeza da “boa” procedência dos produtos e na possibilidade do toque, da degustação das escolhas até a transformação da matéria em alimento a ser consumido pela família, pelos amigos. São compartilhados, também, sabores e conhecimentos, como evidenciou Rejane em seus gestos de escolha dos alimentos, preferindo uns e preterindo outros. Gestos que se repetem à mesa no momento de degustação do alimento.

Nas práticas dominicais de comercializar, interagir e até mesmo efetivar “os agradados”, atribuindo um valor simbólico ao valor de compra dos alimentos adquiridos, estão presentes as artes de fazer etnomatemático. Nas operações matemáticas evidenciadas na Feira identificamos um modo peculiar de medir, calcular, estimar, arredondar que possibilita aos feirantes a resolução de seus próprios problemas ao “fazer a feira”, evidenciando um saber-fazer próprio, uma autonomia do pensamento, que recria a matemática e revela novos conceitos aritméticos a partir da sua leitura de mundo e da lógica intrínseca do “fazer a Feira”. Conforme D’Ambrosio (1997, p. 129) “não se pode definir critérios de superioridade entre manifestações culturais. Devidamente contextualizada nenhuma forma pode-se dizer superior a outra”. Esse é um dos princípios da Etnomatemática: não existe um jeito melhor ou mais privilegiado de pensar, de saber, de nos entender em nossa cultura e realidade e sim, modos distintos de conhecê-la e explicá-la. Assim, a interculturalidade constitui-se uma riqueza para os sujeitos que “fazem a Feira”.

Outro aspecto de nossa pesquisa que queremos destacar é que verificamos que a Feira do Major Prates tem se consolidado por sua vocação marcadamente hortifrutigranjeira, bem como pela possibilidade de convivência familiar das pessoas que a freqüentam para se nutrir, se divertir e para trabalhar. As atividades ali desenvolvidas – comerciais ou não – impactam a vida de seus freqüentadores através da dinâmica socioeconômica ali instalada: os sujeitos sociais daquele território vendem seus produtos, se nutrem do que é oferecido ali mesmo e compartilham saberes e fazeres, que fazem a Feira forte, pois, ela tem se expandido a cada ano. Analisando seu início com duas bancas, sua expansão na década de 80 para cerca de cinqüenta bancas e hoje, sua composição com cento e vinte barracas e ainda, uma lista de espera de feirantes em potencial, é que se nos revela sua funcionalidade e sua vocação de economia popular, na qual os sujeitos se unem

para gerar emprego, renda e sobreviver, compartilhando laços de solidariedade, cooperação, autogestão comunitária e, portanto, protagonismo social.

As vozes dos entrevistados denunciam a necessidade do cumprimento das normas de higiene, organização, infra-estrutura propostos para aquele empreendimento. “Ainda há muito por fazer, nessa Feira: ampliação do número de sanitários públicos, troca das lonas, doação de cerca de cinquenta barracas para quem está na ‘fila de espera’ aguardando a oportunidade de ter o seu cantinho”, destaca Nego (Presidente da Associação de Feirantes). Sobretudo, ele revela em suas palavras, o apego e a preferência pela Feira, requerendo um conforto para os que dela sobrevivem e se nutrem.

Os apontamentos de nosso trabalho corroboram as teorias dos autores nele utilizados ao demonstrar como os sujeitos que fazem a Feira, colaboram para que aquele seja um “espaço praticado” de desenvolvimento sociocultural com evidências de uma Etnomatemática peculiar aos seus saberes e fazeres.

Destarte, desejamos que as experiências aqui narradas contribuam para: a implementação de outras experiências de feiras livres com vocação hortifrutigranjeira; a evidência da Etnomatemática como um importante programa e como possibilidade de diferentes culturas contribuírem para o entendimento e expressão dos saberes e fazeres cotidianos; o despertar de pesquisadores que têm o desejo de se enveredar pela seara aqui apresentada, e também, que sirva como um ponto de partida para novas investigações e outras abordagens acerca da Feira e da Etnomatemática.

**REFERÊNCIAS**

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 119-138.

AMANCIO, Chateaubriand N. *Uma perspectiva sociológica do conhecimento matemático*. São Paulo, Tese apresentada na UNESP, Rio Claro, 2004.

ANDRADE, Manuel Correia. *A questão do território no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995.

ARAÚJO, Marcos Antônio A. de. *Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN)*. Uberlândia, MG: UFU, 2006.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Ática, 1996.

BAKHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BAQUERO, Rute. *Empoderamento: questões conceituais e metodológicas*. Revista Debates. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005.

BARBOSA, F. C. *A Feira de São Cristóvão como espaço de interconexão de universos sociais*. Niterói, RJ: EdUFF, 2000.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Editora Porto, 1994.

BORBA, Marcelo. *Um estudo de Etnomatemática: sua incorporação na elaboração de uma proposta pedagógica para o 'Núcleo-Escola' da Favela Vila Nogueira – São Quirino*. Rio Claro: UNESP, 1987. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática).

BOURDIEU, Pierre. *As formas do capital*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Economia dos Bens Simbólicos*. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 2004. In: COSTA, João Batista de Almeida. “Tomando alhos por bugalhos: o decantado desenvolvimento do norte de Minas”. Montes Claros: Unimontes Científica, pp.47-62, 2005.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRASIL. Edital nº 11/08 - Unidades Familiares de Produção Agroecológica Sustentável. Brasília/DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br>>. Acesso em: set. 2008.

BRAUDEL, Fernand. *Os jogos das trocas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2.

CAILLÉ, Alain. *Dádiva e associação*. In Paulo H. Martins (org.), *A dádiva entre os modernos*. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. pp. 99-136.

CALEIRO, Regina Célia de Lima. *A história social das mulheres e os arquivos do judiciário*. V. 3, n. 3. Caminhos da História. Montes Claros:Unimontes, 1998.

CAMPOS, Heleniza Ávila. *Espaço e Tempo*. Nº11. In: Revista GEOUSP. São Paulo:USP, 2002, pp.35-50.

CARLOS, A. F. A. *A (re) produção do Espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

CARRAHER, David. CARRAHER, Terezinha Nunes; SCHLIEMANN, Analucia. *Na vida dez, na escola zero*. São Paulo: Cortez, 1988.

CARVALHO, José Murilo. *Como escrever a tese certa e vencer*. In: BARRAL, Welber. *Metodologia da Pesquisa Jurídica*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003, p.153-155.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano – 2: Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHION, Michel. *Músicas, media e tecnologias*. Coleção Biblioteca Básica de Ciência e Cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

CLEPS, Geisa D. Gumiero. *Mudanças tecnológicas e estratégias territoriais*. Rio Claro:UNESP, 1997.

COLLIER, David. *El Método Comparativo: Das Décadas de Câmbios*. In: SARTORI, Giovanni; MORLINO, Leonardo (Orgs.). *La comparación em las ciências sociales*. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

COSTA, Andréia F. *A inserção da feira livre no espaço urbano*. Uberlândia:UFU, 2003.

COSTA, João Batista de Almeida. “Tomando alhos por bugalhos: o decantado desenvolvimento do norte de Minas”. In *Unimontes Científica*, 7(2), Jul/Dez, 2005, pp. 47-62.

D’AMBROSIO, Ubiratan. *Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática*. São Paulo: Summus Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

\_\_\_\_\_. *Etnomatemática – arte ou técnica de explicar e conhecer*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *Etnomatemática: Uma nova abordagem sobre a construção do conhecimento revoluciona a aplicação das disciplinas na escola*. In: *Revista Nova Escola*, São Paulo, p.10-17, agosto de 1993.

\_\_\_\_\_. *Transdisciplinaridade*. 2ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

\_\_\_\_\_. *Posfácio*. In: DOMITE, Maria do Carmo Santos; FERREIRA, Rogério; RIBEIRO, José P. M. *Etnomatemática: papel, valor e significado*. 2. ed. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

\_\_\_\_\_. *Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sociedade, cultura, matemática e seu ensino*. *Revista Educação e Pesquisa*, jan.-mar; ano/vol. 31, número 001. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. pp. 99-120.

DOMINGUES, Kátia C. de M. *Interpretação do papel, valor e significado da formação do professor indígena do Estado de São Paulo*. São Paulo: USP, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação).

DOMITE, Maria do Carmo Santos; FERREIRA, Rogério; RIBEIRO, José P. M. *Etnomatemática: papel, valor e significado*. 2. ed. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução á arquetipologia geral*. 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURSTON, John. *Qué és el capital social Comunitário?* Santiago do Chile: CEPAL, Julio de 2000.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Movimento Social como Categoria Geográfica*. In *Revista Terra Livre* nº 15. São Paulo: AGB, 2000, pp. 59-85.

FERNANDES, Daniel Mendes. *O Estar-no-entre-meio na Feira Livre do Major Prates e outros espaços sociais: uma etnografia sobre as estratégias de territorialidade de populações rurais em Montes Claros*. Monografia UNIMONTES: Montes Claros, 2006.

FERREIRA, Rosa Maria Oliveira e Ferreira. *Caracterização da Região Administrativa do Bairro Major Prates*. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação/ Gerência de Planejamento e Coordenação/ Divisão de Coordenação: Montes Claros: PMMC, 2004.

FERREIRA, Rogério . *A Etnomatemática e o renascimento trágico na paisagem pós-moderna*. In: Terceiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2008, Niterói-RJ. Anais do Terceiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática, 2008.

FORMAN, Shepard. *Camponeses: Sua Participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRANÇA, Júnia Lessa e VASCONCELOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2007.

FRANCO, Augusto de. *Porque precisamos de desenvolvimento local, integrado e sustentável*. Brasília: MILLENIUM, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1982.

GAZZETA, M. *A Modelagem como Estratégia de Aprendizagem na Matemática em Cursos de Aperfeiçoamento de Professores*. 1989. 150 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1989.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GERDES, Paulus. *Sobre a produção de conhecimentos matemáticos da África Central. Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos*. In: FERREIRA, Mariana Leal (Org.). *Idéias Matemáticas de povos culturalmente distintos*. São Paulo: Global, 2002. p. 221-247. (Série: Antropologia e Educação).

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

- GODELIER, Maurice. *O Enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HAESBAERT, Rogério. *Concepções de território para entender a desterritorialização*. In *Território, território: ensaios sobre o ordenamento territorial*, Milton Santos (organizador). Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 2. ed.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- HOUAISS, Antônio. *Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 1998.
- JAPIASSU, Hilton F. *Epistemologia: o mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1975 (Série Logoteca).
- \_\_\_\_\_. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- KLIKSBERG, Bernardo. *Falácias e Mitos do Desenvolvimento Social*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF:UNESCO, 2001.
- KNIJNIK, Gelsa. *Educação Matemática: exclusão e resistência e legitimidade cultural*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Educação Matemática, culturas e conhecimento na luta pela terra*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- KONDER, Leandro. *O que é Dialética*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LANGDON, Esther Jean. *A Fixação da Narrativa: Do Mito para a Poética de Literatura Oral*. Revista Horizontes Antropológicos. Ano 5, nº 12. Porto Alegre: UFRGS, 1999. pp 13-36.
- LEFEBVRE, H. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1996.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARGAIRAZ, Dominique. *Foires et marches dans la France préindustrielle*. – Paris: EHESS, 1988. *apud* BARBOSA, F. C. *A Feira de São Cristóvão como espaço de interconexão de universos sociais*. Niterói: EdUFF, 2000.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Paulo Henrique (org.). *A dívida entre os modernos*. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MASCARENHAS, G. *Modernidade Urbana e Flexibilidade Tropical: as feiras livres na Cidade do Rio de Janeiro*. In Revista GeoUerj, 1997, nº 2, pp. 29-41.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Volumes 1 e 2. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MINAYO, Maria C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: ABRASCO, 2006.

MORALES, Lúcia Arrais. *A Feira de São Cristóvão: um estudo de identidade regional*. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

POLANYI, Karl. *A grande Transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

PRADELLE, Michèle de la. *Les Vendredis de Carpentras. Faire son Marché, en Provence ou Ailleurs*. Paris: Fayard, 1996. *apud* BARBOSA, F. C. *A Feira de São Cristóvão como espaço de interconexão de universos sociais*. Niterói: EdUFF, 2000.

PUTNAM, Robert D. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

REZENDE, Antônio. *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. pp. 43-57.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

RIST, Gilbert. *The History of Development. From Western Origen to Global Faith*. London and New York, 1997, cap. I a IV.

SANSOT, Pierre. *Poétique de la Ville*. Paris, Meridiens Klincksiek, 1998. In: VEDANA, Viiviane. “Fazer a Feira”: estudo etnográfico das “Artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

SANTOS, Benerval Pinheiro. *A etnomatemática e suas possibilidades pedagógicas: algumas indicações*. In: DOMITE, Maria do Carmo Santos; FERREIRA, Rogério; RIBEIRO, José P. M. *Etnomatemática: papel, valor e significado*. 2. ed. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. – 6. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCHNEIDER, S., SCHIMITT, C.J. *O uso do método comparativo nas ciências sociais*. Cadernos de Sociologia. Porto Alegre: v.9, p.49-87, 1998.

SEBASTIANI FERREIRA, Eduardo. *Os índios Waimiri-Atroari e a etnomatemática*. In: KNIJNIK, G. & OLIVEIRA, C. J. *Etnomatemática: currículo e formação de professores*. Rio Grande do Sul: EDUNISC, 2004.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SINGER, Paul. *Economia Solidária: um modo de produção e distribuição*. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. de (Orgs.). *A Economia Solidária no Brasil: Autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, pp. 11-30, 2000.

SKOCPOL, Theda. *Estados e Revoluções Sociais: análise comparativa da França, Rússia e China*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento*. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, pp.77-116.

VEDANA, Viiviane. *“Fazer a Feira”*: estudo etnográfico das “Artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Desafio da cidade: novas perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1980.

VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VIEIRA, R. *Da Multiculturalidade à Educação Intercultural: A Antropologia da Educação na Formação de Professores*. Revista Educação, Sociedade & Culturas, nº 12, 123-162, 1999.

WEBER, Max. *Conceitos e categorias da Cidade*. In: *O Fenômeno Urbano*, Otávio Velho (organizador). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 1991.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

MONTES CLAROS. Estatuto da Associação dos Feirantes do Grande Major Prates e Região, 2007.

MONTES CLAROS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Estratégica. Caracterização da Região Administrativa do Bairro Major Prates, 2004.

MONTES CLAROS. Regulamento para Funcionamento da Feira Livre, 2007.

## **SITES CONSULTADOS**

[www.nordesteweb.com.br](http://www.nordesteweb.com.br)

WIKIPÉDIA. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento\\_sustent%C3%A1vel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_sustent%C3%A1vel)  
acesso em 11 de outubro de 2008.

## APÊNDICES



Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Unimontes Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS

**Pesquisa: Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**

**APÊNDICE A – PROTOCOLO DE ESTUDO DE CASO**

Aspectos/ações a considerar	Data/horário Local/envidados	Providências	Observações	Possíveis fontes de evidências
a) Procedimentos iniciais	Visita à Secretaria de Desenvolvimento Econômico/PMMC para pesquisa documental	Agendamento de visita/ ligações/ofício (PPGDS)	Pesquisa documental: análise de documentos da instalação da feira e sua regulamentação; Plano/projeto para ampliação e modernização do espaço/ambiente da feira; organização do espaço de negociação (É fixo? É rotativo?)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Documentos</b> Secretaria de Desenvolvimento Econômico Associação de Feirantes</li> </ul>
	Visita à Associação de feirantes Entrevista com o Presidente da Associação de Feirantes	Agendamento de visita/ligações/ofício PPGDS	Pesquisa documental: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise de documentos sobre a organização da feira, número de barracas, origem dos feirantes, principais produtos vendidos.</li> <li>• Análise do regulamento para funcionamento da feira livre, bem como, do Estatuto da Associação dos Feirantes do Grande Major Prates.</li> <li>• Acesso ao cadastro de feirantes.</li> <li>• Dados da Diretoria Executiva da Associação.</li> <li>• Aplicar o roteiro de entrevista.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Documentos</b> Associação de Feirantes</li> <li>• <b>Entrevista</b> -Presidente da Associação de Feirantes</li> </ul>

	Visitas à feira (domingo)	Máquina digital Gravador Papel e caneta	Aplicar o plano de observação e os roteiros de entrevistas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Plano de Observação</b></li> </ul> Da organização da feira Dos produtos comercializados Dos modelos matemáticos evidenciados na feira Do envolvimento dos feirantes com os fregueses/ artes de dizer Das artes de nutrir <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Entrevistas</b></li> <li>-Feirantes</li> <li>-Fregueses</li> </ul>
b) Questões para o estudo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A Etnomatemática (D'Ambrosio, Domite, Knijnik, De Certeau) – Artes de fazer</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Como são realizadas as operações fundamentais?</li> <li>✓ Essas práticas dão origem a algum método?</li> <li>✓ Por que os feirantes e fregueses utilizam essas estratégias de cálculo?</li> <li>✓ Como é/são calculados: tempo de duração da feira; lucros; despesas; trocos; gastos com transporte para deslocamento dos produtos (de ônibus/lotação, carroça, carro particular, carro-frete, carregadores); rendimentos/lucros com a feira; medidas dos alimentos (massa, capacidade, valor).</li> <li>✓ São utilizados instrumentos não-convencionais de medida?</li> <li>✓ Comparação dos negócios/lucros com outros espaços de venda (sacolões, supermercados, em outros pontos de venda).</li> <li>✓ Definição dos preços dos produtos; comparação com outros espaços de venda.</li> </ul> </li> <li>• <b>As Artes de Nutrir (De Certeau, Durand, Vedana)</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Gestos de produção, manipulação e conservação da matéria e modos peculiares de se vender/compar alimentos na feira livre.</li> <li>✓ Pureza dos alimentos oferecidos.</li> <li>✓ Os feirantes oferecem dicas para o</li> </ul> </li> </ul>			CERTEAU, Michel de. <i>A invenção do cotidiano – 1: Artes de Fazer</i> . Petrópolis: Vozes, 1994. CERTEAU, Michel de; GIARD, L.; MAYOL, P. <i>A invenção do cotidiano – 2: Morar, cozinhar</i> . Petrópolis: Vozes, 1996. D'AMBROSIO, Ubiratan. <i>Etnomatemática – arte ou técnica de explicar e conhecer</i> . São Paulo: Editora Ática, 1990. _____. <i>Etnomatemática – elo entre as tradições e a</i>

	<p>consumo/preparo/uso dos produtos que são vendidos?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os fregueses degustam/provam pedaços do produto?</li> <li>✓ Os fregueses costumam degustar/apreciar alimentos vendidos na feira – churrasquinho, beiju, farofa, garapa?</li> <li>✓ Como são limpos e arrumados os produtos vendidos?</li> <li>✓ É utilizada alguma estratégia para manter os produtos frescos e bonitos até o fim da feira?</li> <li>✓ O que os feirantes fazem com os produtos que sobram da feira?</li> </ul> <p>• <b>As Artes de Dizer (De Certeau, Braudel, Bakhtin, Sansot)</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Podem ser identificados gestos, linguagens e utilização da matemática; performances, jocosidades e interações para atrair fregueses?</li> <li>✓ Como se dá o contato dos feirantes com os fregueses: da escolha dos produtos até a efetivação da venda/compra?</li> <li>✓ São feitas promoções para atrair os fregueses?</li> <li>✓ Acontecem conversas sobre outros assuntos – política, novela, jogo de futebol – entre os feirantes e fregueses?</li> </ul>	<p><i>modernidade</i>. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.</p> <p>DOMITE, Maria do Carmo Santos; FERREIRA, Rogério; RIBEIRO, José P. M. <i>Etnomatemática: papel, valor e significado</i>. 2. ed. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.</p> <p>DURAND, Gilbert. <i>As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral</i>. 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.</p> <p>VEDANA, Viviane. “Fazer a Feira”: estudo etnográfico das “Artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).</p>
--	---	--



Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Unimontes

Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS

**Pesquisa: Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**

## APÊNDICE B – PLANO DE OBSERVAÇÃO

### **DA ORGANIZAÇÃO DA FEIRA:**

Objetivo: Identificar se existe um planejamento para “fazer” a feira.

1. Em qual dia/horário os feirantes arrumam as barracas?

---



---

2. A que horas os feirantes e os fregueses chegam à feira no domingo? \_\_\_\_\_

3. A que horas vão (feirantes e fregueses) embora dela? \_\_\_\_\_

### **DOS PRODUTOS COMERCIALIZADOS NA FEIRA:**

Objetivo: Identificar se há variedade na escolha dos produtos a serem vendidos.

4. Quais os produtos são vendidos na feira?

---



---



---



---



---

### **DOS MODELOS MATEMÁTICOS EVIDENCIADOS NA FEIRA:**

Objetivos: Verificar se há articulação entre matemática, cotidiano e os negócios realizados na feira; identificar estratégias matemáticas para a resolução de situações-problema; relacionar os conhecimentos matemáticos utilizados na feira àqueles construídos na escola; verificar a utilização de cálculo mental, arredondamento e/ou outras estratégias econômicas de cálculo; identificar a influência/relevância da matemática na escola e na vida.

5. Como é evidenciada a matemática? Em quais situações da feira ela é utilizada?

---



---



---



---



---

6. Como são feitos os cálculos? E as medidas (pesagem - batata, laranja, sabão; comprimento dos produtos) com são feitas?

---

---

---

---

7. Quais desses conhecimentos podem ser aprendidos/construídos na escola?

---

---

---

---

8. Quando os feirantes estão com muita pressa e têm muitos fregueses para atender, como fazem os trocos mais rapidamente? Eles utilizam o arredondamento de preços?

---

---

---

---

9. Quando os fregueses estão com muita pressa como fazem para pagar mais rapidamente? Eles sugerem o arredondamento de preços (para mais ou para menos)?

---

---

---

---

### **DO ENVOLVIMENTO COM OS FREGUESES/ ARTES DE DIZER:**

Objetivos: Descrever o processo de fazer a feira enfatizando os gestos, linguagens e utilização da matemática; identificar a existência de performances, jocosidades e interações para atrair fregueses.

10. Descrição dos passos do contato dos feirantes com os fregueses: da escolha dos produtos até a efetivação da venda/compra.

---

---

---

---

---

---

11. São utilizadas táticas, brincadeiras, piadas, versos ou conversas para atrair a freguesia?

Sim             Não

Quais:

---

---

---

12. São feitas promoções para atrair os fregueses?

Sim             Não

De que tipo?

---

---

---

13. Acontecem conversas sobre outros assuntos – política, novela, jogo de futebol – entre os feirantes e fregueses?

Sim             Não

Sobre quais assuntos eles conversam?

---

---

---

---

### **DAS ARTES DE NUTRIR**

Objetivos: Identificar gestos de produção, manipulação e conservação da matéria e modos peculiares de se vender alimentos na feira livre.

14. Os feirantes oferecem pedaços do produto para serem experimentados/provados pelos fregueses?

Sim             Não

De quais produtos?

---

---

---

15. Os fregueses apalpam e cheiram os produtos?

Sim             Não

Quais?

---

---

16. Os fregueses degustam/provam pedaços do produto?

Sim             Não

Quais?

---

---

17. Os fregueses costumam degustar/apreciar alimentos vendidos na feira – churrasquinho, beiju, farofa, garapa?

Sim                       Não

Quais:

---

---

---

---

18. Como é feita a limpeza das bancas antes e no final da feira?

---

---

---

19. Como são limpos e arrumados os produtos vendidos?

---

---

---

20. É utilizada alguma estratégia para manter os produtos frescos e bonitos até o fim da feira?

---

---

---

21. Os feirantes oferecem dicas para o consumo/preparo/uso dos produtos que são vendidos?

---

---

---

22. O que os feirantes fazem com os produtos que sobram da feira?

---

---

---



Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Unimontes Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS

**Pesquisa: Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros - MG**

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE FEIRANTES DA FEIRA LIVRE DO BAIRRO MAJOR PRATES**

Nome: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino  
 Onde reside: \_\_\_\_\_  
 Qual a sua escolaridade? \_\_\_\_\_

**Perguntas pessoais**

1. O que lhe motivou a ser presidente da Associação de Feirantes da feira livre do bairro Major Prates?

---



---



---



---



---



---



---



---



---

2. Há quanto tempo você frequenta a feira?

- ( ) Entre 5 a 10 anos  
 ( ) Entre 10 a 15 anos  
 ( ) Entre 15 a 20 anos  
 ( ) Entre 20 a 25 anos  
 ( ) Desde que a feira foi fundada (há mais ou menos 23 anos).

3. O que você sabe sobre o surgimento da feira no bairro Major Prates: ano de início, número de feirantes, quem iniciou a feira e por quê? Quais foram os primeiros produtos a serem oferecidos?

---



---

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Você sabe por que foi escolhida a Av. Castelar Prates? A feira sempre foi ali?

---

---

---

5. Como é organizada a feira? (Escolha das barracas, definição de quem e do que pode vender).

---

---

---

---

6. Existe um mapa para definição do local das barracas? Existe um critério para organização dos produtos (comidas, vestuário, utensílios)?

---

---

---

7. Quantos são os feirantes cadastrados? Como é feito esse cadastro? O número de feirantes corresponde ao número de barracas? (Posso ver os cadastros?)

---

---

---

---

---

---

8. Qual é o perfil (idade, procedência, renda...) dos feirantes da feira livre do bairro Major Prates?

---

---

---

---

---

---

---

---

9. Há uma definição de como os preços serão praticados? Como é feita essa definição?

---

---

---

---

---

10. Existe um cálculo do movimento financeiro da feira? Quem faz esse cálculo?

---

---

---

---

---

11. A associação possui um Regimento? Quando ele foi instituído? Quem participou da elaboração?

---

---

---

---

---

\*\*\*Você pode nos dar uma cópia?

12. Os feirantes contribuem de alguma forma para a associação? Como?

Sim             Não

---

---

---

---

13. A associação presta algum auxílio/orientação para os feirantes? Qual?

---

---

---

---

14. Vocês participam de cursos? Quais? Quem patrocina/promove?

Sim             Não

---

---

---

---

15. Onde, quando e como acontecem as reuniões da associação?

---

---

---

16. Geralmente, quais são os assuntos tratados na reunião? Existe registro de ata?

---

---

---

---

17. Quais são as principais reivindicações dos feirantes?

---

---

---

---

18. O poder público municipal apóia os feirantes? De que modo?

---

---

---

---

19. Quando foram feitas, por quem e quais as principais melhorias na feira?

---

---

---

20. Atualmente, qual é a principal necessidade da feira?

---

---

---

---

21. Quais são os planos de vocês para a melhoria da feira?

---

---

---

---

22. Você considera a feira importante para o desenvolvimento do bairro Major Prates?

Sim             Não

Por quê?

---

---

---

---

23. E para o desenvolvimento das pessoas que vendem e compram na feira?

Sim             Não

Por quê?

---

---

---

---

24. Por que você acha que os fregueses que vêm à feira deixam de ir a lugares mais espaçosos, a lojas, a supermercados e escolhem a feira para fazer suas compras?

---

---

---

---

---

---

---

---

25. Em que aspectos a experiência da Feira Livre do Major Prates pode ajudar a outras feiras de Montes Claros?

---

---

---

---

---

---

---

---



Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Unimontes Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS

**Pesquisa: Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros - MG**

### APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FEIRANTES

Nome (opcional): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Onde reside: \_\_\_\_\_

#### Perguntas pessoais

1. Qual a sua escolaridade?

Objetivo: Relacionar o grau de escolaridade com a atividade de feirante.

Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série ( ) Completo ( ) Incompleto

Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série ( ) Completo ( ) Incompleto

Ensino Médio – 1º ao 3º ano ( ) Completo ( ) Incompleto

Curso técnico ( ) Completo ( ) Incompleto

Especificar (curso Técnico): \_\_\_\_\_

Outros cursos que tenha feito: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Você desenvolve outra atividade além de ser feirante?

Objetivo: Identificar possíveis relações entre as outras atividades que realiza além da função de feirante.

( ) Sim ( ) Não

Quais:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. O que lhe motivou a escolher a atividade de feirante?

Objetivo: Verificar se existe uma identificação pela atividade ou se a escolha foi aleatória, por motivos financeiros ou por vocação.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### Perguntas sobre o envolvimento com a feira e com a matemática

4. Há quanto tempo você é feirante? Esse tempo foi somente na feira do Major Prates ou em outros locais?

Objetivo: Identificar a relação entre tempo de trabalho/ experiência e o grau de conhecimentos matemáticos utilizáveis na feira.

- ( ) Menos de 2 anos  
 ( ) Entre 2 a 5 anos  
 ( ) Entre 5 a 10 anos  
 ( ) Entre 10 a 15 anos  
 ( ) Entre 15 a 20 anos  
 ( ) Entre 20 a 25 anos  
 ( ) Desde que a feira foi fundada (há mais ou menos 23 anos).

5. Como você calcula o tempo em que vai ficar na feira?

Objetivo: Identificar se existe um planejamento para “fazer” a feira.

---



---

6. Como você calcula suas receitas, gastos e lucros com a feira?

Objetivo: Verificar a utilização de estratégias matemáticas em problemas cotidianos.

---



---



---

7. Como você calcula os preços para não ter prejuízo e para não perder fregueses que poderiam comprar em outros lugares?

Objetivo: Verificar a utilização de estratégias matemáticas em problemas cotidianos.

---



---



---

8. Você já tem uma freguesia certa? Quantos são, em média, seus fregueses certos?

- ( ) Sim                    ( ) Não  
 ( ) Mais de 5 fregueses certos.  
 ( ) Mais de 10 fregueses certos.  
 ( ) Mais de 15 fregueses certos.  
 ( ) Não tenho fregueses certos.

### Perguntas sobre as artes de nutrir

Objetivos: Identificar gestos de produção, manipulação e conservação da matéria e modos peculiares de se vender alimentos na feira livre.

9. De onde vêm os produtos que você vende na feira?

---



---

10. Por que você acha que os fregueses gostam de seus produtos?

---

---

11. Você se incomoda quando os produtos são apalpadados e cheirados?

---

---

**Perguntas sobre a importância da feira para o desenvolvimento local e social, bem como, os possíveis motivos de sua resistência a estabelecimentos comerciais mais confortáveis.**

Objetivo: Identificar os condicionantes da longa existência da feira livre do bairro Major Prates e a importância dessa feira na percepção de feirantes.

12. Você considera a feira importante para o desenvolvimento do bairro Major Prates?

Sim       Não

Por que?

---

---

---

13. E para o desenvolvimento das pessoas que vendem e compram na feira?

Sim       Não

Por que?

---

---

---

14. Por que você acha que os fregueses que vêm à feira deixam de ir a lugares mais espaçosos, a lojas, a supermercados e escolhem a feira para fazer suas compras?

---

---

---

---

15. Em que aspectos a experiência da Feira Livre do Major Prates pode ajudar a outras feiras de Montes Claros?

---

---

---

---



Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Unimontes Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS

**Pesquisa: Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**

### APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FREGUESES

Nome (opcional): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Onde reside: \_\_\_\_\_

#### Perguntas pessoais

1. Qual a sua escolaridade?

Objetivo: Relacionar o grau de escolaridade com a atividade de feirante.

Ensino Fundamental – 1ª a 4ª série ( ) Completo ( ) Incompleto

Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série ( ) Completo ( ) Incompleto

Ensino Médio – 1º ao 3º ano ( ) Completo ( ) Incompleto

Curso técnico ( ) Completo ( ) Incompleto

Especificar (curso Técnico): \_\_\_\_\_

Curso Superior ( ) Completo ( ) Incompleto

Pós-graduação ( ) Completo ( ) Incompleto

2. O que lhe motivou a escolher a feira livre do bairro Major Prates para fazer suas compras?

Objetivo: Verificar se existe uma identificação com a feira ou se a escolha foi aleatória, ou por motivos financeiros.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### Perguntas sobre o envolvimento com a feira e com a matemática

3. Há quanto tempo você frequenta a feira?

Objetivo: Identificar o tempo de frequência à feira.

( ) Menos de 2 anos

( ) Entre 2 a 5 anos

( ) Entre 5 a 10 anos

( ) Entre 10 a 15 anos

( ) Entre 15 a 20 anos

( ) Entre 20 a 25 anos

( ) Desde que a feira foi fundada (há mais ou menos 23 anos).

4. Como você calcula o tempo em que vai ficar na feira?  
Objetivo: Identificar se existe um planejamento para “fazer” a feira.
- 
- 
- 
5. Como você calcula seus gastos e seus lucros ao fazer feira?  
Objetivo: Verificar a utilização de estratégias matemáticas em problemas cotidianos.
- 
- 
- 
6. Quais os produtos você compra na feira? Por que escolhe esses produtos?  
Objetivo: Identificar se há variedade e lucro na escolha dos produtos a serem comprados.
- 
- 
- 
7. Como você calcula os preços para não ter prejuízo e para não comprar mais caro que em outros lugares?  
Objetivo: Verificar a utilização de estratégias matemáticas em problemas cotidianos.
- 
- 
- 
8. Como você faz seus cálculos para saber se está pagando a quantia certa e recebendo o troco certo?  
Objetivo: Identificar estratégias matemáticas para a resolução de situações-problema.
- 
- 
- 

#### **Perguntas sobre as artes de nutrir**

Objetivos: Identificar gestos de produção, manipulação e conservação da matéria e modos peculiares de se comprar alimentos na feira livre.

9. Você já tem os feirantes/bancas certos(as) para realizar suas compras?  
( ) Sim            ( ) Não  
Quais são eles e por que os escolheu?
- 
- 
- 
10. Quais as estratégias você utiliza para limpar e para manter – frescos e bonitos – os produtos que adquire na feira?
- 
- 
-

11. O que você faz com os produtos que sobram da feira da semana anterior?

---

---

**Perguntas sobre a importância da feira para o desenvolvimento local e social, bem como, os possíveis motivos de sua resistência a estabelecimentos comerciais mais confortáveis.**

Objetivo: Identificar os condicionantes da longa existência da feira livre do bairro Major Prates e a importância dessa feira na percepção de feirantes.

12. Você considera a feira importante para o desenvolvimento do bairro Major Prates?

( ) Sim            ( ) Não

Por que?

---

---

---

13. E para o desenvolvimento das pessoas que vendem e compram na feira?

( ) Sim            ( ) Não

Por que?

---

---

---

14. Por que você acha que os fregueses que vêm à feira deixam de ir a lugares mais espaçosos, a lojas, a supermercados e escolhem a feira para fazer suas compras?

---

---

---

---

---

15. Em que aspectos a experiência da Feira Livre do Major Prates pode ajudar a outras feiras de Montes Claros?

---

---

---

---

---

---



Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Unimontes Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS

Pesquisa: Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de Feirantes e Fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG

APÊNDICE F – FORMULÁRIO DA ANÁLISE DOCUMENTAL

Categories de Análise	Fontes	Indicadores	Aspectos a serem analisados	S I M	N Ã O
A Feira Livre do bairro Major Prates	Documentos da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico – SMDE	Surgimento e Regulamentação da Feira.	Ano de início da feira		X
			Número inicial/Atual de barracas		X
			Normas que regem a organização, funcionamento, montagem e desmontagem da Feira	X	
	Documentos da Associação de Feirantes; Livros de Atas.	Estatuto da Associação dos Feirantes do Grande Major Prates e Região de Montes Claros	Ano de início da feira	X	
			Número inicial/Atual de barracas	X	
			Cadastro dos feirantes na associação	X	
			Normas que regem a organização, funcionamento, montagem e desmontagem da Feira	X	
			Finalidade da Associação dos Feirantes do Grande Major Prates e Região de Montes Claros	X	
			Deveres e Direitos dos Associados	X	